



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**  
Centro de Educação e Humanidades  
Faculdade de Educação da Baixada Fluminense

Marcelo Ribeiro Sales

**Memórias da violência e resistências silenciadas: as ações político-educativas da paróquia São Simão em Belford Roxo (RJ)**

Duque de Caxias

2019

Marcelo Ribeiro Sales

**Memórias da violência e resistências silenciadas: as ações político-educativas da paróquia São Simão em Belford Roxo (RJ)**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção ao título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas, da Universidade do Estado de Rio de Janeiro. Linha de pesquisa: Comunicação, Educação e Cultura.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup>. Dra. Leticia de Luna Freire

Duque de Caxias

2019

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/C

S163 Sales, Marcelo Ribeiro  
Tese Memórias da violência e resistências silenciadas: as ações político-educativas da paróquia São Simão em Belford Roxo (RJ) / Marcelo Ribeiro Sales - 2019.  
100f.

Orientadora: Letícia de Luna Freire

Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

1. Igreja católica - Aspectos sociais - Teses. 2. Violência urbana – Belford Roxo (RJ) – Teses. I. Freire, Letícia de Luna. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação da Baixada Fluminense. III. Título.

CDU 282:301

Bibliotecária: Lucia Andrade CRB7 / 5272

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a Fonte.

---

Assinatura

---

Data

Marcelo Ribeiro Sales

**Memórias da violência e resistências silenciadas: as ações político-educativas da paróquia São Simão em Belford Roxo (RJ)**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção ao título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas, da Universidade do Estado de Rio de Janeiro. Linha de pesquisa: Comunicação, Educação e Cultura.

Aprovada em dia 28 de maio de 2019.

Banca Examinadora:

---

Prof.<sup>a</sup>. Dra. Leticia de Luna Freire (Orientadora)

Faculdade de Educação da Baixada Fluminense – UERJ

---

Prof. Dr. Mauro Henrique de Barros Amoroso

Faculdade de Educação da Baixada Fluminense – UERJ

---

Prof. Dr. Nielson Rosa Bezerra

Faculdade de Educação da Baixada Fluminense – UERJ

---

Prof. Dr. Rafael Soares Gonçalves

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Duque de Caxias

2019

## **AGRADECIMENTOS**

A minha orientadora Leticia de Luna Freire, que me passou segurança e ensinamentos necessários para avançar para águas mais profundas, além da paciência e carinho com o trabalho de orientação.

Aos professores Rafael Gonçalves, Mauro Amoroso e Nielson Bezerra pela participação em minha banca de defesa.

Aos meus professores da graduação, que sempre acreditavam em seus alunos e incentivaram na caminhada acadêmica.

A minha amiga desde a época da graduação, Úrsula Farias, que incentivou o despertar acadêmico de todo um grupo que estava adormecido pelo tempo.

Aos companheiros George Ferreira Lau, Josias Pereira Miranda, Marcus Rocha, Francisco Honorato e principalmente as longas conversas com meu amigo irmão Sidney Santos, que me ajudaram muito na construção dos objetos da pesquisa.

Ao meu primo, amigo e compadre Diogo Silva do Nascimento, que sempre me apoiou e acreditou nas minhas utopias, sem ele eu não estaria finalizando o mestrado.

Ao meu pai José, minha mãe Maria, meus irmãos Rafael e Eduardo que sempre me apoiaram na longa caminhada.

As pessoas entrevistadas nessa pesquisa. A todas as pessoas da Paróquia São Simão.

Ao Padre Bruno, grande Fonte inspiradora para a realização desse trabalho.

A minha companheira Júlia que me incentivou nos momentos que eu caía em desânimo e ao meu filho João Lucas, que a todo o momento era minha alegria quando eu não tinha mais paciência com a dissertação.

A Deus e à Nossa Senhora Aparecida que me trouxeram tranquilidade e serenidade necessárias para seguir em frente.

## RESUMO

SALES, Marcelo Ribeiro. *Memórias da violência e resistências silenciadas: as ações político-educativas da paróquia São Simão em Belford Roxo (RJ)*. 2019, Dissertação (Mestrado em Educação, Cultura e Comunicação) – Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Duque de Caxias, 2019.

O presente trabalho investiga as ações da Paróquia São Simão, situada no bairro Lote XV, no município de Belford Roxo (RJ), contra as consequências da violência urbana presente na localidade. A dissertação pretende abordar as resistências implementadas dentro desse espaço religioso católico que fomentou experiências que minimizaram o estado de precarização e abandono do poder público, típico de tantas periferias pelo país. Destaca-se o empenho do pároco, Padre Bruno, com sua dedicação, militância e defesa dos direitos humanos em uma região marcada pela presença de grupos de extermínio que espalhavam o horror e medo principalmente para os mais pobres. Destaca-se também a participação e o testemunho do pesquisador em muitos dos eventos abordados, que, ao relatar suas experiências e vivências, ajuda a dar arcabouço para essa dissertação. São levados em conta, além do material documental e jornalístico pesquisado, entrevistas realizadas com diversos atores que participaram com engajamento nas ações da paróquia a favor de uma população marcada pelo estigma da violência – violência essa muitas vezes praticada por agentes públicos ou apoiadas pelo aparato estatal. Sendo assim, a dissertação traz histórias de violência praticadas dentro do município, que ajudaram a criar o mito de local mais violento do mundo. Desta forma, a Paróquia São Simão, com seu histórico a favor da luta pelos direitos humanos atuou e atua como uma trincheira de resistência, desenvolvendo um processo político-educativo particular junto a uma população frequentemente silenciada pelo ambiente de violência urbana.

Palavras Chave: Igreja Católica. Belford Roxo. Violência urbana. Resistência.

## ABSTRACT

SALES, Marcelo Ribeiro. *Memories of violence and silenced resistances: as political-educational actions of the parish São Simão in Belford Roxo (RJ)*. 2019, Dissertação (Mestrado em Educação, Cultura e Comunicação) – Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Duque de Caxias, 2019.

The present work investigates political - educated political actions of parish São Simão, situated in the municipality of Belford Roxo, state of Rio, against the consequences of urban violence present at the location. The dissertation intends to approach the implemented resistance within this Catholic religious space that folied experiences that minimized the state of precaution and abandonment of public power, typical of so many periphery. It stands out of the parading pawn, Father Bruno, with his dedication, militancy and defense of human rights in a region marked by the presence of extermination groups that spray horror and fear mainly for the poorer. It stands out as the stake and testimony of the researcher in many events here approached, because by reporting his experiences and life - lived, helps to give Framework to this dissertation. You will be taken in account interviews with several actors who participated in engagement in favor of a population marked by the stigma of violence. Violence that often practiced by public agents or supported by the state apparatus. Sendo assim, a dissertação traz histórias de violência praticadas dentro do município, que ajudaram a criar o mito de local mais violento do mundo. This way, the parish São Simão, with his history in favor of the struggle for human rights is going to be a resistance reach of a population of public services and silenced services by urban violence.

Keywords: Catholic Church. Baixada Fluminense. Urban violence. Resistance.

## LISTAS DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Estação Guia de Pacobaíba .....	27
Figura 2 - Os Municípios que compõe a Baixada Fluminense .....	30
Figura 3 - Vista de áreas alagadas pelas chuvas na Baixada Fluminense .....	33
Figura 4 - Município de Belford Roxo .....	35
Figura 5 - Rua em Belford Roxo.....	36
Figura 6 - Bairro Lote XV, em destaque.....	37
Figura 7 - Rodoviária do Lote XV .....	38
Figura 8 - Parque Barilândia.....	39
Figura 9 - Matéria de Jornal, demonstrando que o bairro Lote XV (quinze) era o lugar de encontro de matadores.....	41
Figura 10 - Matéria comparando o número de homicídios nas cidades de Belford Roxo-Rj e Diadema – SP .....	46
Figura 11 -Capa do jornal Última Hora, destacando uma chacina em Belford Roxo, onde os matadores utilizaram 100 tiros contra as vítimas.....	48
Figura 12 - Marli Pereira Soares, a Marli Coragem, reconhecendo os assassinos do seu irmão no 20º BPM.....	51
Figura 13 - Mapa de Belford Roxo detalhando os locais dos crimes citados. ....	55
Figura 14 - Bispo Adriano Hypólito.....	62
Figura 15 - Dom Adriano Hypolito E Padre Bruno.....	67
Figura 16 - Cartaz de divulgação de exposição fotográfica da história da paróquia. Imagens da primeira missa em 1959, na antiga sede (à esquerda) e a fachada da nova sede (à direita).....	68
Figura 17 - Convite da celebração dos 50 anos de sacerdócio do Padre Bruno.....	71
Figura 18 - As Três Irmãs Assassinadas.....	74
Figura 19 - Encenação da crucificação de Jesus, Romaria da Fé 2016. ....	79
Figura 20 - Romaria Da Fé Com Os Fiéis Andando Em Meio A Ruas Inundadas ....	81
Figura 21 - Cartaz convocando para Ação Social no espaço da Igreja.....	83
Figura 22 - Cartaz Incentivando A Doação De Remédios.....	86
Figura 23 - Folder De Divulgação Para A Inclusão Digital De Idosos. ....	87
Figura 24 - Sala De Aula Do Curso Pré-Vestibular .....	87
Figura 25 - Cartaz divulgador do curso. ....	88

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>1</b>	<b>DE LONGE E DE FORA: ASPECTOS HISTÓRICOS GEOGRÁFICOS E SOCIOECONÔMICOS DA REGIÃO</b> .....	26
1.1	<b>Baixada Fluminense: breve histórico</b> .....	26
1.2	<b>Aspectos históricos, geográficos, ambientais e econômicos</b> .....	31
1.3	<b>Conhecendo o município de Belford Roxo</b> .....	34
1.4	<b>Conhecendo o bairro Lote XV</b> .....	37
<b>2</b>	<b>MEMÓRIAS DA VIOLÊNCIA URBANA EM BELFORD ROXO</b> .....	45
2.1	<b>Belford Roxo e o estigma da violência</b> .....	45
2.2	<b>Belford Roxo e suas memórias de violência</b> .....	48
2.3	<b>O caso Marli (1979)</b> .....	50
2.4	<b>Chacina do Lote XV (1987)</b> .....	51
2.4.1	Chacina do Wona (1990) .....	52
2.4.2	Chacina do ônibus Santo Antônio (1997) .....	53
<b>3</b>	<b>DE PERTO E DE DENTRO: A PARÓQUIA SÃO SIMÃO E SUA TRADIÇÃO DE RESISTÊNCIA À VIOLÊNCIA URBANA</b> .....	56
3.1	<b>Algumas notas sobre a igreja católica no Brasil</b> .....	56
3.2	<b>A igreja católica na baixada fluminense: a diocese de Nova Iguaçu e a militância de Dom Adriano, o “Bispo Vermelho”</b> .....	61
3.3	<b>A paróquia São Simão: uma tradição de resistência à violência</b> .....	67
3.3.1	Breve histórico .....	67
3.3.2	A chegada de padre Bruno e sua militância .....	70
3.3.3	Resistência e denúncia: a romaria da fé .....	73
3.3.4	Outras formas de resistência .....	82
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	90
	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	93
	<b>ANEXO A - Divulgação do encontro da pastoral operaria com a participação de paroquianos</b> .....	98
	<b>ANEXO B - Prospecto convocando os trabalhadores à luta</b> .....	99
	<b>ANEXO C - Cartaz divulgando um encontro de movimento negro dentro da paróquia</b> .....	100

## INTRODUÇÃO

Dezembro de 2016, término de mais um ano letivo. Para um professor da educação básica, dando aula na periferia da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, existia uma combinação de felicidade e desânimo, pois começava a fazer um balanço das experiências e tensões que vivenciei na minha atividade docente.

No meio dessas reflexões, pelo aplicativo do telefone, recebi uma mensagem de um velho amigo me convidando a ministrar uma palestra motivacional para alunos de um “pré-vestibular” social que ele coordenava. O espaço ficava nas dependências da Igreja Católica São Simão do bairro Lote XV, o bairro onde eu cresci e que conhecia muito bem. Fui sem titubear. Chegando ao espaço no horário marcado, fui bem recebido e logo notei que existiam também alguns dos meus alunos do ensino médio que estavam lá para reforçar o conteúdo, visando um melhor preparo para as provas do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). O Colégio no qual leciono fica a poucos metros da Igreja, ou seja, tudo muito perto; Respirei fundo, olhei todo aquele ambiente e pessoas e subi para o segundo andar. Notei que do outro lado da rua, onde antigamente ficava uma quadra que era usada para atividades de lazer e grandes eventos, foi criado o “Espaço Cultural Dom Helder Câmara”. Uma bela homenagem ao bispo católico que ficou mundialmente conhecido pela defesa dos direitos humanos<sup>1</sup>.

Na sala ao lado daquela na qual eu daria a palestra tinha uma placa escrita “farmácia comunitária”. Perguntei ao meu amigo o que era aquilo e ele me disse que naquele espaço eram recebidas doações de remédios que não eram mais usados por algumas pessoas, para serem doados àqueles que os necessitavam, mas não tinham condições financeiras para comprá-lo. Aquele local não era algo indiferente pra mim, pois passei ali boa parte da minha infância, adolescência e juventude. Nesse clima de nostalgia, observando o pátio da antiga igreja, vi alguém bem familiar se aproximar. Era o padre da Paróquia São Simão: o Padre Bruno, aquele mesmo que ministrou a cerimônia da minha primeira comunhão e crisma, aquele mesmo que

---

<sup>1</sup> Dom Helder Câmara (1909-1999) pregava uma Igreja simples, voltada para os pobres. Ganhou diversos prêmios internacionais por sua atuação social. Foi indicado quatro vezes ao Prêmio Nobel da Paz.

falava tanto nas homilias<sup>2</sup> das ausências como: segurança, educação e saneamento básico, que marcavam aquela região esquecida pelo poder público.

Vendo a empolgação dos jovens e dos professores voluntários, percebi que aquele local tinha uma forte vocação social. Não se tratava apenas de um espaço de culto ou adoração, comum a qualquer igreja, mas se apresentava como um lugar de oferecimento de serviços voluntários e de possibilidade de mobilidade social para aqueles jovens, ou seja, um lugar que transformava o sonho de ingressar em uma universidade em algo possível. Esse “pré-vestibular” comunitário funciona desde 2009 e tem mais de 300 alunos aprovados em instituições de ensino superior, segundo informação do coordenador do curso.

Sendo assim, aquelas lembranças foram tomando conta de mim enquanto preparava o projetor de vídeos para ilustrar melhor a palestra. Comecei dizendo que eu era um sobrevivente numa região onde o número de mortes causadas pela violência urbana é análogo ao de muitos locais em situação de guerra pelo mundo. Continuei afirmando que, quem vive nas periferias ou favelas sofrem maior risco de ser assassinado. Os alunos estavam atentos e comecei a contar minha trajetória até chegar ali, afinal, consegui fazer faculdade de História e ser professor do colégio público no qual estudei minha vida inteira, um grande sonho que realizei. Fiquei tão à vontade vendo aqueles olhos repletos de esperança de um futuro melhor que contei a eles várias histórias de minha vida. Contei que, quando meu pai ouviu eu dizer que faria faculdade, ele disse: “Deixa de besteira! Aquilo lá não é lugar para você!”. Todos sorriram, provavelmente se identificando de alguma maneira com aquele tipo de situação.

Saí daquela palestra encantado com tudo aquilo que vivenciei, daquela experiência realizada. Refleti o quanto aquela iniciativa acarreta forte impacto na vida daqueles jovens. Ao mesmo tempo, fiquei pensativo por eu ter me colocado como sobrevivente nessa região violenta e constatar que foi na igreja que tive essa consciência daquilo que vivi. A Paróquia São Simão denunciava que não era normal aquela violência e era naquele ambiente que tínhamos momentos de reflexão sobre todos os sofrimentos daquela população silenciada. Nesta conexão de observações e lembranças, começou a nascer o desejo de pesquisar as origens do movimento surgido dentro daquela igreja contra a violência e tantas outras violências praticadas

---

<sup>2</sup> Pregação em estilo familiar que busca explicar um tema ou texto evangélico.

naquela localidade. Senti-me inspirado em fazer uma análise acadêmica desse processo como alguém que vivenciou e viu muito daquelas experiências.

Era na Paróquia São Simão, situada naquela periferia, que tínhamos voz e acesso a alguns direitos, como serviços básicos de saúde ou educação através de serviços voluntários como alfabetização de adultos, preparatórios para o ingresso a ensino superior, farmácia popular e monitoramento e assistência as crianças com desnutrição. Compreendi que muito do que eu sou e penso hoje tem origem nas vivências que tive naquele espaço, naquele ambiente, entendido por mim com um local de resistência. Nesse sentido, muito do que está contido nessa pesquisa vem da observação e das experiências vividas por mim, a partir de um olhar de dentro e de perto. Estou dando maior ênfase à “experiência”, mas sem perder de vista a necessidade do rigor científico, o que tem me conduzido a um complexo exercício reflexivo de aproximação e distância (MAGNANI, 2002).

Nascido e criado na Baixada Fluminense, região periférica do Estado do Rio de Janeiro, não tive a oportunidade de ir à praia quando criança ou brincar numa praça ou até mesmo estudar numa escola de excelência, pois os serviços públicos como educação, saúde e segurança pública e lazer eram precários. A ausência de segurança pública era preenchida, principalmente pela presença de “justiceiros”, que agiam por conta própria contra aqueles que praticavam delitos, causando nos moradores uma falsa sensação de segurança. Além disso, a região ficou conhecida no país por suas inúmeras chacinas e pela forte presença de “grupos de extermínio” que agiam com a conivência de comerciantes e agentes públicos (ALVES, 2003). Essa matéria jornalística do início dos anos de 1990 evidencia a gravidade da violência na região:

A cada três horas e meia, um morto. Na semana passada, somente em Nova Iguaçu morreram 60 pessoas, vítimas de grupos de extermínio. Em janeiro, 197 pessoas foram mortas, segundo o DEPARTAMENTO GERAL DE POLÍCIA DA BAIXADA FLUMINENSE. A violência é irreversível e continua a crescer. O medo\_ disfarçado pelo silêncio\_ já é uma característica da região. Os três milhões de habitantes convivem naturalmente com cenários de horror produzidos por grupos de matadores (JORNAL O GLOBO 10/03/1991).

Minha infância e início da adolescência se deram em meados da década de 1980 e início da década de 1990, numa época em que crescia muito os números da violência urbana nas periferias do Brasil. Lembro que o município onde morava,

Belford Roxo, era estigmatizado por conta dos elevados índices de violência urbana, reforçando a ideia de que eu sou “sobrevivente”, conforme comentei na palestra.

Nesse sentido, pesquisar a luta e a resistência desse local, é, em certa medida uma tentativa de criar uma nova identidade naquela periferia, identificando as forças contrárias a esse quadro geral de violência. Assim, o presente trabalho tem como objetivo principal analisar as ações realizadas pela Igreja Católica no Bairro Lote XV, através da Paróquia São Simão, de enfrentamento da violência urbana e outras violências que o Estado pratica de maneira mais profunda e estrutural que é a violência simbólica, cujo o *modus operandi* se dá à sombra da permanente e naturalização de seus objetos e alvos, o que poderia se chamar em um permanente estado de violência. Dessa forma está em jogo não somente a integridade física de indivíduos ou grupos, mas sim a integridade de sua participação cultural e acesso a serviços públicos eficientes (DE MENDONÇA, 1996 p 2).

Numa sequência de acontecimentos, destacam-se as ações de dois religiosos, o Bispo da diocese de Nova Iguaçu, Dom Adriano Hipólito e o pároco da igreja São Simão, o padre Bruno, que agiam como agentes de resistência e denúncia numa região tão marginalizada como a Baixada Fluminense. Chamam-nos a atenção a sua militância e o seu comprometimento a favor de uma população tão marginalizada e desfavorecida socialmente.

Desta forma, o sentido inicial era analisar o papel desses atores no combate à violência no bairro e sua circunscrição. Porém, ao embrenhar-me na pesquisa foi possível observar uma história feita também de gente simples e anônima que buscava resistir mesmo em meio a tantas adversidades.

Belford Roxo carrega um falso título de local mais violento do mundo, mas sua história deixa entender que isso poderia ser verdade. Muitos casos de chacinas e assassinatos fizeram desse município um local marcado pelo medo e pelo abandono.

Alguns moradores que entrevistei, pediram para que seus nomes não fossem divulgados nessa dissertação, mesmo quando falavam sobre crimes praticados há muito tempo e extensamente divulgados pela mídia. Há também relatos de moradores, que sentem “saudades” dos grupos de extermínio, pois viam neles

um grupo de justiceiros que “limpavam” a área de “vagabundos”.<sup>3</sup>

Ainda que não fosse o foco do trabalho de campo, fui a locais nos quais foram praticados alguns dos crimes e também entrevistei um membro de um antigo grupo de extermínio<sup>4</sup>. Ele não contava detalhes sobre os crimes cometidos, só enfatizava uma classificação dicotômica: “naquela época ou era vagabundo ou era trabalhador”, e completa, “a gente matava quem não valia nada, nunca trabalhador”. Confesso que fazer essa entrevista foi tensa para mim, pois, na minha infância, essa pessoa ostentava armas de fogo e amedrontava todos no bairro. Todos sabiam de suas práticas delituosas. Contudo, ainda escrevendo essa dissertação, recebi a notícia que seu filho foi assassinado da mesma forma que ele agia, em uma chacina.

Assim é a realidade dessa cidade, similar a muitas periferias pelo Brasil. Muito abandono, descaso e violência. Muitos tinham muito medo de denunciar. Afinal, denunciar para quem?

Apesar de todo empenho em acabar com a impunidade dos esquadrões da morte que agem principalmente na Baixada, a comissão especial do DGPC<sup>5</sup> não conseguiu evitar que, em três anos de trabalho, 16 testemunhas fossem assassinadas, uma delas poucas horas após prestar depoimento no prédio da Rua da Relação. Segundo o Promotor Marfan Vieira, a pressão e o risco que correm as testemunhas dos crimes dos grupos de extermínio são muito grandes e um dos principais fatores para as poucas condenações de acusados. (O GLOBO, 08/08/1986.)

Como escrevi anteriormente, me considero um sobrevivente, pois não havia muita esperança e perspectiva para mim e todos da minha idade. É nesse momento, na adolescência, momento de confusão e descoberta, que descobri o movimento social dentro da Igreja Católica. A decisão de pesquisar aquele espaço do qual muito participei, tem muito também, em resgatar uma memória esquecida pelo tempo.

Foram os espaços da paróquia que nos oferecia entretenimento e lazer, além de muitos debates sobre justiça social. Existia um sentimento de pertencimento individual e coletivo que era fomentado naquele ambiente. Para Asa Briggs, indivíduos

---

<sup>3</sup> Desde o início da década de 2010, a violência na região ganhou novos personagens. Houve um aumento no tráfico de drogas e muitos usuários que praticam furtos e assaltos, aumentando a sensação de insegurança.

<sup>4</sup> 4 Essa aproximação com esse integrante de um antigo grupo de extermínio se deu por que trabalhei como agente de segurança pública por quinze anos. Fui Guarda Municipal da cidade de Duque de Caxias de 200 a 2015, e nessa experiência tive contato com as mais diversas pessoas que haviam cometido crimes. Muitos dos “matadores” que eu via quando criança, passei, de certa forma a conviver por conta do trabalho. Essa experiência facilitou a aproximação com esses criminosos para a realização da presente pesquisa.

<sup>5</sup> Departamento Geral de Polícia da Capital.

e grupos estão sempre transformando “espaços” em “lugares”, apegando-se a eles através de hábitos, memória, temperamento e associação. Geralmente pouco importa se os “espaços” foram planejados para serem lugares (BRIGGS, 1972).

A Paróquia São Simão, desde a sua criação, tem um histórico de luta e resistência. Com a chegada do Padre Bruno ainda na década de 1980 e a ajuda do Bispo Dom Adriano, esse espaço se tornou um estímulo para toda a juventude daquela época. No entanto, as ações desses religiosos sofreram resistência dentro da própria paróquia. Membros descontentes com os rumos voltados para as questões sociais que a Igreja se inclinava, chegaram a denunciar em carta destinada ao Presidente da República que, naquele espaço existiam práticas comunistas e subversivas incentivadas pelos religiosos<sup>6</sup>.

Nesse sentido, fazer uma análise das ações da Igreja Católica no combate à violência urbana nessa periferia esquecida, é compreender como outros atores e instituições também se engajaram no enfrentamento de problemas sociais que seriam de responsabilidade do poder público.

Ao mesmo tempo, pesquisar essas questões a partir da periferia, implica dar atenção às diversas estratégias criadas pelos atores para responder e solucionar localmente os problemas cotidianos que enfrentam. Isso por si só já traz vários desafios metodológicos, pois entender o conceito pejorativo que é dado a regiões fora de centros urbanos, faz-se subentender uma contraposição de hábitos e costumes em relação ao “centro”.

Enquanto agregado social, a periferia é definida não pela intensidade ou densidade de inter-relacionamento interno ao nível local, mas sim pela dependência, pela subalternidade face às áreas centrais (DOMINGUES, 1994).

Portanto, a construção da periferia é algo que parte de fora pra dentro, uma construção do outro, criando um termo depreciativo. Isso também pode ser melhor entendido, de maneira análoga na obra de Edward Said, “Orientalismo, o oriente como uma invenção do ocidente” (2007), no qual a dualidade Ocidente-Oriente cria uma hierarquia social.

É importante observar que as periferias urbanas são lugares extremamente estigmatizados. Isso se dá pelas desigualdades de educação, renda, saúde e oportunidade (BRIGGS, 1972), além de ser um lugar de exclusão, de segregação

---

<sup>6</sup> De 1 de abril de 1964 até 15 de março de 1985, o Brasil esteve sob comando de sucessivos governos militares, período da Ditadura Militar.

social, anomia e de uma ausência de pertencimento de lugar (DOMINGUES, 1994). Deste modo, definimos que a construção da periferia é uma distância simbólica que cria estigmas sociais rotulando determinadas regiões.

Contudo, nos últimos anos, há uma valorização social das periferias urbanas, ou seja, numa visão de dentro pra fora, cria-se uma identidade local que valoriza os seus hábitos e costumes.

Na região da Baixada Fluminense, a violência foi a mola propulsora para uma mobilização da população contra o abandono do poder público. Em 2005, ocorreu a Chacina da Baixada, que vitimou 29 pessoas. Mais uma vez, um crime praticado por agentes públicos, no caso, policiais militares que agiram por vingança<sup>7</sup>. As vítimas eram todas inocentes mortas aleatoriamente. O caso ganhou repercussão nacional, e isso levou à mobilização de várias forças para denunciar esse crime e toda a violência que sempre assolou a Baixada Fluminense. A partir de então, foram feitos vários debates, criadas organizações, além de ressaltar que a região não era só um local violento, mas também uma localidade rica em termos de cultura e resistência<sup>8</sup>.

---

<sup>7</sup> Em 2005, a morte de 29 pessoas na Baixada Fluminense chocou o país e o mundo. A chacina foi a maior da história do Estado do Rio. Os crimes ocorreram na noite de 31 de março daquele ano. Policiais à paisana e armados percorreram o bairro da Posse e a Rua Gama, em Nova Iguaçu, em um automóvel Gol prata e abriram fogo contra inocentes que cruzaram o caminho. Depois, já na Rodovia Presidente Dutra, ainda no mesmo município, mataram mais duas pessoas. Ao todo, só em Nova Iguaçu, o grupo executou 17 vítimas. Não satisfeitos com o banho de sangue, os bandidos foram para Queimados. Em dois pontos da cidade, incluindo um lava-jato do Morro do Cruzeiro, mais 12 pessoas foram executadas com centenas de tiros. Segundo o depoimento de uma testemunha-chave, a insatisfação com a linha-dura imposta nos batalhões após a troca do comando foi o estopim para a explosão de violência. Meia hora antes do início da matança, dois integrantes do bando de policiais militares teriam reclamado das mudanças em um bar em Nova Iguaçu. O comandante do 15º BPM (Caxias), coronel Paulo César Lopes, havia prendido mais de 60 policiais por desvio de conduta. Dias antes do massacre, oito PMs do mesmo batalhão foram flagrados por uma câmera abandonando dois corpos degolados nos fundos do batalhão (O GLOBO 10/09/12).

<sup>8</sup> Um dos projetos muito atuantes na resistência e denúncia contra a violência é o Fórum Grita Baixada. É uma coalização de organizações e pessoas da sociedade civil articuladas em prol de iniciativas voltadas aos direitos humanos e a segurança pública, tendo na Baixada Fluminense seu olhar e seu território de ação. A organização defende que por meio da formação popular, mobilização e articulação de forças e uma estratégica incidência política, pode-se contribuir significativamente para a valorização da vida e a superação das estruturas de produção e reprodução da violência. As instituições trabalham em rede e pensam um novo modo de vida para a Baixada Fluminense e por isso integram o Fórum Grita Baixada: Casa Fluminense, Casa do Menor São Miguel Arcanjo, Central Humana de Educação, Ideias e Formação Alternativa (CHEIFA), Centro de Direitos Humanos de Nova Iguaçu (CDHNI), Conselho Comunitário de Segurança de Belford Roxo, Conselho Regional de Psicologia Sub Sede Nova Iguaçu, Comissão Pastoral da Terra (CPT), Pastoral Operária (PO), Rede de Mães e Familiares de Vítimas de Violência de Estado da Baixada Fluminense, Núcleo de Atenção à Violência (NAV), Núcleo FGB Lagoinha – Nova Iguaçu, Núcleo FGB Queimados, Núcleo FGB Bom Pastor – Belford Roxo / Pré-vestibular Bom Pastor – UNEAFRO, Núcleo FGB Nilópolis, Visão Mundial / PJPOP.

No entanto, apesar da crueldade desse crime, isso não era bem algo novo. A região sofria com vários crimes do mesmo tipo. Chacinas frequentemente estampavam os jornais e criavam a áurea de local violento que a Baixada carrega até os dias atuais.

Deste modo, dentro da região de Belford Roxo, trago algumas memórias dessa violência e também histórias de resistência. A Paróquia São Simão é o foco principal dessa resistência, mas existiram outras resistências, que ousaram denunciar e enfrentar os criminosos.

Assim, essa pesquisa reafirma o objetivo de valorizar a história local de quem vivenciou e vive muito dos eventos que aqui serão abordados, pois são ainda escassas as pesquisas feitas sobre a Baixada Fluminense da visão “de fora” ou a partir “do centro”<sup>9</sup>. Segundo a pesquisadora Liandra Lima Carvalho, a partir de buscas nos Bancos de Teses da CAPES, da UFRJ, da UFF, da UERJ, da UFRRJ e da PUC- Rio, esse número vem aumentando, mas ainda é bastante modesto pelas multiplicidades possíveis de análises acadêmicas nessa região (CARVALHO, 2017).

Ao debruçar sobre a leitura dessa dissertação, o leitor perceberá narrativas de um pesquisador, que mesmo muito jovem, testemunhou diversos acontecimentos que nela serão abordados.

Muitos dos aqui citados eu conheci pessoalmente, desde vítimas e até mesmo criminosos. Isso não significa um afastamento do rigor metodológico, mas sim a inserção desse pesquisador em uma observação participante.

O capítulo I, “De fora e de longe: aspectos históricos, geográficos e socioeconômicos da região” tem por objetivo apresentar ao leitor uma visão geral da região e suas peculiaridades. Buscamos trazer um pequeno panorama histórico para demonstrar a importância da região no contexto da História do Brasil. A Baixada Fluminense não seria apenas um ator coadjuvante ou figurante, ela também exerce certo protagonismo. Neste capítulo também são traçados aspectos ambientais, além das condições urbanas e sociais e os desafios ainda a serem vencidos. Recortamos também o lugar onde se dá o principal palco dos eventos analisados na dissertação (o bairro Lote XV e sua circunscrição), descrevendo igualmente sua constituição histórica, geográfica e social.

---

<sup>9</sup> Existem espaços de pesquisa dentro da região como a Associação de Professores e Pesquisadores em História da Baixada (APPH-CLIO), o Instituto Histórico de Duque de Caxias, o Museu Vivo do São Bento e o Centro de Documentação do Programa de Pós-graduação em história da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

No capítulo II, “Memórias da violência urbana em Belford Roxo”, será abordado o estigma que a cidade de Belford Roxo carrega de ter tido o “título de local mais perigoso do mundo”, além de casos de violência que marcaram a cidade. Aqui recordaremos alguns casos emblemáticos que demonstram o histórico de violência e resistência presente nessa localidade esquecida e silenciada.

No capítulo III, “De perto e de dentro: a paróquia São Simão e sua tradição de resistência à violência urbana”, traçamos um breve histórico da presença da Igreja Católica na Baixada Fluminense e, mais especificamente, da paróquia estudada. Tomamos o cuidado de elaborar um panorama histórico das origens da responsabilidade social que a Igreja Católica toma a partir da Encíclica *Rerum Novarum*, onde propõe a melhoria das condições de vida dos trabalhadores que sofriam nas fábricas pós-Revolução Industrial. Já no século XX, com seus extremismos e profundas mudanças rápidas, a Igreja sofreu uma grande reforma teológica. Na década de 1960, foi elaborado o Concílio Vaticano II, laçando novas bases para as práticas religiosas. Na América Latina, a Conferência de Medellín em 1968, criou uma igreja voltada para a preocupação com a justiça social, graças aos graves problemas do continente. Desta forma, abordamos a origem e a influência da Teologia da Libertação e das Comunidades Eclesiais de Base (Cebes), bem como sua implementação na Baixada Fluminense. Elas eram núcleos religiosos menores, sem monumentalidade que estavam presentes no campo e nas periferias. Entretanto, o recorte é dado à Paróquia São Simão e a influência que a sua Diocese, Nova Iguaçu, exerceu sobre as atividades paroquiais. Aqui aparece o Bispo Dom Adriano Hipólito. Seu episcopado foi marcado pela luta a favor dos Direitos Humanos e por fomentar resistências contra as consequências da violência urbana dentro dos espaços da Igreja na região estudada.

O bispo Dom Adriano denunciou as atrocidades da ditadura na Baixada Fluminense e, por isso, foi sequestrado e ameaçado. Padre Bruno, que tinha como “mentor” o bispo, continuou, no nível paroquiano, as mesmas práticas de luta e resistência. Mas foi um acontecimento específico que realmente fez com que todos se engajassem na luta contra a violência: o assassinato, em 1989, de uma família inteira no bairro do Jardim Amapá, na circunscrição da Paróquia.

A partir desse momento, segundo Padre Bruno, surgiu a necessidade de fazer ações mais concretas contra a violência local. Sendo assim, os membros da Paróquia São Simão criaram a Romaria da Fé, que acontece no período que

antecede a Semana Santa. Essa romaria consiste em procissões pelos bairros da paróquia, com ritos católicos, mas também com atos de denúncias por parte do padre. Durante essas romarias, ele chamava a atenção de lugares de “desovas de cadáveres” e situações de abandono por parte do poder público.

No entanto, a violência urbana não era o único estigma da região. A precariedade de serviços públicos como educação e saúde e a existência de bolsões de extrema pobreza e desnutrição infantil também eram traços marcantes dessa periferia. Sendo assim, vão ser criados espaços de resistência na Igreja com o objetivo de amenizar tais problemas.

A pesquisa acadêmica sobre a região da Baixada Fluminense a partir dela mesmo ainda está em construção, assim como o seu levantamento histórico e o reconhecimento sobre a identidade regional por parte dos seus habitantes também estão em construção. Apesar de boa parte de a Baixada ser uma área assemelhada às favelas da cidade do Rio de Janeiro pela igualdade de condições urbanas e marginalização, o reconhecimento dos munícipes dessa região, ainda é algo recente e esses não se veem como moradores de maneira “análoga” a essa realidade. Alguns pesquisadores e instituições têm se esforçado para a construção dessa história, focando na perspectiva daqueles que ali habitam.

Essa região que é profundamente marcada pela violência e assim é reconhecida por aqueles que não residem nela ou ouvem falar sobre ela, tem a necessidade de análises acadêmicas com o objetivo de ajudar a construir um reconhecimento de pertencimento a esse lugar, e que esse lugar não é apenas um apêndice de outro, no caso da cidade do Rio de Janeiro, mas sim um lugar rico em cultura e história.

Deste modo, esse trabalho é, acima de tudo, um estudo sócio-histórico, que busca combinar diferentes métodos de pesquisa, sem a necessidade de malabarismos pós-modernos para entender as dinâmicas abordadas (MAGNANI, 2002). Peço licença para dizer que muitos dos relatos que aqui serão escritos eu vivenciei. Tive contato com pessoas acusadas de assassinato, assim como com os religiosos. Nesse quadro problemático, algumas questões se fizeram necessárias para a definição da presente pesquisa:

1. Como eram as ações desses grupos de criminosos e como agiam na região?

2. Quais eram os objetivos desses grupos?
3. Além da Igreja Católica, existiam outros espaços de resistências no bairro?
4. Como se davam suas ações de enfrentamento da violência urbana?

Além de pesquisar bancos de teses e artigos já produzidos, levaremos em conta relatos de moradores e entrevistas semidirigidas, nas quais os entrevistados testemunham as ações e atividades da Igreja Católica relacionadas ao seu cotidiano e ao objeto desta pesquisa. Também buscamos pesquisar arquivos pessoais, bem como fotos, vídeos e outras mídias.

O trabalho de campo é de extrema importância, pois vários atores que participaram dos acontecimentos ainda estão vivos, e podem dar relatos importantes para a pesquisa. Vale à pena ressaltar que não se trata de ir a campo destituído completamente de referenciais, valendo-se de uma postura que Charles Wright Mills denominou “empirismo desprovido de reflexão” – o que, de acordo com Giddens, “leva a trabalhos muito pouco desafiadores e não cumulativos” (2001, p. 100). Tampouco se trata de atribuir às teorias dos autores citados ou de qualquer outro autor a capacidade de apresentar as respostas procuradas na investigação (o que significaria que o pesquisador talvez estivesse fazendo as perguntas erradas!), de maneira a se proteger do fortuito, do inesperado, do que foge ao que está previamente informado pela explicação teórica.

A partir dessas indagações, com o intuito de aprofundar a análise, optou-se por uma perspectiva qualitativa, baseada fundamentalmente na entrevista narrativa visando uma “descrição densa”<sup>10</sup> da temática em estudo. A intenção é a aproximação e exploração do universo narrativo dos atores e a riqueza de significações e sentidos que a temática pode adquirir nesse contexto social específico, valorizando suas memórias. Essa análise se dá com um estudo etnográfico e também da história oral. Numa perspectiva qualitativa, o pesquisador no processo de ir a campo investigar o fenômeno a que se propõe, vai trilhando caminhos, e estes, configuram a forma como ele posteriormente irá articular os dados que são construídos neste caminhar.

Ao nosso ver, a entrevista é importante, quando desconstrói toda sua rigidez e ganha um ar de diálogo como destaca Morin:

---

<sup>10</sup> Descrição densa é um termo que se tornou conhecido a partir dos trabalhos do antropólogo Clifford Geertz (1926-2006).

Em alguns casos felizes, a entrevista se converte em diálogo. Este diálogo é algo mais que uma conversação, é a busca em comum. O entrevistado e o entrevistador colaboram para obter a verdade que afete ou bem a pessoa entrevistada, ou bem um problema. (MORIN, 1996, p. 218).

Todavia, Jovchelovich & Bauer chamam a atenção para não confundirmos a desconstrução da rigidez metodológica com uma possível falta de estrutura na entrevista narrativa:

“Seria, contudo, ingênuo afirmar que a narração não possui estrutura. Uma narrativa está formalmente estruturada através da narração que segue um esquema autogerador. Todo aquele que conta uma boa história, satisfaz às regras básicas do contar histórias. Aqui surge o paradoxo da narração: são as exigências das regras tácitas que libertem o contar histórias. (JOVCHELOVICH & BAUER, 2002, p. 96).

Essas narrativas são fundamentais para essa pesquisa, pois fornecem uma visão ou muitas visões sobre o objeto abordado. Nesse sentido faremos uso, da história oral, pois entendemos que é um recurso de extrema importância para a realização desse projeto devido a escassez de documentos. “Acreditamos que devemos aproveitar de todo o tipo de Fonte possível, pois o conhecimento científico, no caso histórico, é condicionado pelas Fontes que nós temos. Não há outra forma de aproximarmos do passado” (ALBERTI, 2004).

Dessa forma, entende-se que, para desenvolver esse processo de pesquisa, é fundamental situar-se nessa rede tecida a partir das experiências que, ao longo da história local, referenciado em um contexto mais amplo. Sendo assim a história oral conduzirá essa empreitada, pois os relatos e memórias das pessoas que entrevistaremos, poderão trazer várias possíveis perspectivas e complexidades passíveis de análise nesse projeto (PORTELLI, 1996, p. 70)

Contudo, realizar uma pesquisa através da história oral não é simplesmente sair com um gravador em punho, algumas perguntas na cabeça, e entrevistar aqueles que cruzam nosso caminho disposto a falar sobre suas vidas e experiências (ALBERTI, 2004, p 29).

Um dos momentos mais importantes foi a entrevista realizada com o padre Bruno. Seus relatos desde as lembranças de sua terra natal, a Itália, e o que motivou sua vinda ao Brasil, foram de extrema relevância para a realização desse presente trabalho. Escrever sobre essa pessoa que faz parte não só da minha história de vida, mas de muitos moradores da região da Paróquia São Simão é, acima de tudo, valorizar seu comprometimento que ele tinha com aqueles que mais necessitavam.

Dessa forma, as narrativas produzidas são representações de sujeitos ou grupos, contendo lembranças e esquecimentos de um tempo passado, que são ressignificados no momento da entrevista.

Segundo Jacques Le Goff (2003), a memória é a propriedade de conservar certas informações, propriedade que se refere a um conjunto de funções psíquicas que permite ao indivíduo atualizar impressões ou informações passadas, ou reinterpretadas como passadas. Mas a memória não é apenas individual. Na verdade, a forma de maior interesse para o historiador é a memória coletiva, composta pelas lembranças vividas pelo indivíduo ou que lhe foram repassadas, mas que não lhe pertencem somente, e são entendidas como propriedade de uma comunidade, um grupo. O estudo histórico da memória coletiva começou a se desenvolver com a investigação oral.

Existem nas lembranças de um e de outras zonas de sombra, silêncios, não ditos. As fronteiras desses silêncios e não ditos com o esquecimento definitivo e o reprimido inconsciente não são evidentemente estanques e estão em perpétuo deslocamento. [...] A fronteira entre o dizível e o indizível, o confessável e o inconfessável, separa uma memória coletiva subterrânea da sociedade civil dominada ou de grupos específicos, de uma memória coletiva organizada que resume a imagem que sociedade majoritária ou o Estado desejam passar e impor (POLLAK, 1989, p. 3 e 15).

Acreditamos que uma pesquisa de perto e de dentro é uma proposta que melhor sintetiza o nosso objetivo pragmático. Entretanto, tomamos cuidado para certo distanciamento, indispensável para a objetividade do trabalho e para ampliar os horizontes da pesquisa. (VELHO, 1978; MAGNANI, 2002; CLIFFORD, 1998). Isso também implica em pensar nos desafios da realização da pesquisa etnográfica, ou, em outras palavras, fazer etnografias urbanas ligadas à capacidade de interagir com os sujeitos pesquisados com algum grau de observação participante para obter um conhecimento sobre tais fenômenos, dosando proximidade e distanciamento.

A primeira experiência da pesquisa de campo, é a domesticação teórica do seu olhar. Isso porque, a partir do momento em que nos sentimos preparados para a investigação empírica, o objeto sobre o qual debruçamos nosso olhar já foi previamente alterado, sendo é preciso ter certa sensibilidade acadêmica para melhor interpretar tal realidade (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1996, p 19).

Buscamos também acervos de jornais e revistas fazendo uma seleção rigorosa nas páginas dos periódicos, passando a reunir todas as menções ou versões ao fato pesquisado, num período de tempo também determinado (KARAWAJCZYK,

2011). Outra Fonte importante nessa pesquisa foram os sítios eletrônicos, o que inclui tanto páginas dos órgãos oficiais na internet quanto os blogs de líderes locais e redes sociais da Paróquia São Simão e do Bairro Lote XV. Novamente, o cuidado metodológico se faz presente, pois as Fontes “tradicionais” não são mais confiáveis do que as Fontes digitais. Um documento impresso pode ser falso e um digital também, sendo assim o rigor em saber utilizar a Fonte digital deve ser o mesmo com qualquer outro tipo de Fonte. A partir dessas variadas Fontes foi possível ampliar o leque epistemológico sobre os resultados pretendidos nesta pesquisa.

## **1 DE LONGE E DE FORA: ASPECTOS HISTÓRICOS GEOGRÁFICOS E SOCIOECONÔMICOS DA REGIÃO**

### **1.1 Baixada fluminense: breve histórico**

Assim como várias periferias do Brasil, a região aqui abordada, é marcada pelo abandono das autoridades políticas, precariedade de serviços públicos e direitos sociais, sendo muitas vezes representada como “apêndice” da cidade do Rio de Janeiro.

A expressão “Baixada Fluminense” é historicamente muito controversa, pois existiam várias configurações sobre os municípios que realmente faziam parte dela. Inicialmente, foi adotada na década de 1930 e contemplava desde os municípios de Itaguaí e Seropédica, no sul do Estado, até Campos de Goytacazes, no norte do Estado.

Sua ocupação se iniciou ainda no século XVI durante o período colonial, logo após a expulsão dos franceses que haviam invadido o Rio de Janeiro. Foram então criadas Sesmarias no “recôncavo da Baía de Guanabara” (AMARO, 2009, p. 7), que eram doações da Coroa portuguesa. Aqueles que se instalassem nesses espaços deveriam iniciar um processo de produção que atendesse as demandas da metrópole. Ao longo desse processo de ocupação, foram criados engenhos de açúcar e capelas, principalmente às margens dos rios que cortam toda a região e deságuam na Baía de Guanabara. Já no século XVIII, a Baixada tornou-se passagem obrigatória para o escoamento do ouro que vinha das minas em direção aos portos do Rio de Janeiro. Nesse sentido, foram criadas estradas que intensificaram a importância estratégica da região. Contudo, seu crescimento populacional deu-se após a inauguração da primeira estrada de ferro do Brasil em 30 de abril de 1854 por Barão de Mauá. Os trilhos dessa estrada de ferro ligavam o Porto de Mauá, também conhecido como Porto de Pacobaíba, à localidade chamada Frágoso, caminho para a cidade serrana de Petrópolis. Essas localidades hoje fazem parte do município de Magé.

A partir de então foram construídas novas ferrovias na região impulsionando a ocupação, numa espécie de simbiose, pois na medida em que se criavam estações, em seu entorno surgiam núcleos de povoamento. O aumento desses núcleos deu origem a bairros e cidades atuais da Baixada.

Figura 1 - Estação Guia de Pacobaíba



Fonte: O autor, 2011.

Em 1888, uma grande estiagem arrasou a Baixada Fluminense, afetando inclusive a Corte. Sendo assim, foi de responsabilidade do engenheiro Paulo de Frontin<sup>11</sup> o compromisso de captar 15 milhões de litros de água para a Corte em apenas seis dias. Ele conseguiu e esse feito que ficou conhecido como "milagre das águas" (COSTA, 2017).

---

<sup>11</sup> Nasceu no Rio de Janeiro, em 17 de setembro de 1860, e faleceu em 15 de fevereiro de 1933, na mesma cidade. De origem francesa, ingressou em 1874 na antiga Escola Central (atual Escola de Engenharia a UFRJ), formando-se em Engenharia Civil em 1879 e em Engenharia de Minas no ano seguinte. Foi professor catedrático e diretor da Escola Politécnica (a mesma Escola Central em que se formara) e também do Colégio Pedro II. O título de conde lhe foi conferido pela Santa Sé. No exercício da profissão, percorreu pontos notáveis do interior do país e os estudos e observações que então realizou foram divulgados em relatório e conferências, como sucedeu, por exemplo, relativamente às minas auríferas de Assuruá, na BA, as jazidas carboníferas do Sul do Brasil e às grandes quedas d'água aproveitáveis para a energia elétrica. Como inspetor-geral das estradas de ferro, teve a oportunidade de examinar e comentar os dados colhidos e planejar os mais importantes traçados das linhas férreas brasileiras. Como diretor da Estrada de Ferro Central do Brasil, enfrentou e resolveu o difícil problema da duplicação da linha na Serra do Mar, onde os túneis e viadutos se sucedem. Ao tempo do presidente Rodrigues Alves, foi encarregado da abertura da Avenida Central, hoje Rio Branco. Engenheiro-chefe no Escritório das Obras do Novo Abastecimento de Água da Cidade, aumentou, em seis dias, de 15 milhões de litros o potencial de água do Rio de Janeiro. Como prefeito do Distrito Federal, renovou, em poucos meses, a antiga Capital Federal, dando-lhe belezas novas, melhorando as comunicações. Foi fundador diretor da Cia. Melhoramentos do Brasil. Projetou o saneamento da cidade de Cataguazes, foi senador eleito em 1917. Fez parte de diversas instituições culturais nacionais e estrangeiras, entre elas o Clube de Engenharia, a Sociedade de Geografia do RJ e o IHGB, para o qual entrou como sócio honorário em 6 de agosto de 1921.

O engenheiro Paulo de Frontin tinha um grande amigo e colaborador, um outro engenheiro maranhense que muito trabalhou a serviço dessas obras de abastecimento de água para o Rio de Janeiro, chamado Raimundo Teixeira Belfort Roxo e que um ano depois veio a falecer. Numa localidade conhecida como “o Brejo”, uma pequena vila que depois de se chamar Ipueras e Calhamaço Brejo, recebeu o nome de Belford Roxo, em homenagem a esse ilustre engenheiro. Graças a um vício de linguagem, o “t” dá lugar ao “d” e assume a nomenclatura de Belford Roxo. (ALMEIDA, 2009, p. 74)

Ainda no século XIX deu-se o início do cultivo de um produto agrícola que proporcionou à Baixada Fluminense, em especial as terras de Nova Iguaçu (que englobava ao que corresponde atualmente aos municípios de Queimados, Belford Roxo, Nova Iguaçu, Japeri, São João de Meriti, Mesquita, Nilópolis, Duque de Caxias) um novo desenvolvimento econômico para área. Tratava-se do plantio, cultivo e o beneficiamento da laranja.

A partir da década de 1930 a Baixada Fluminense começou a crescer rapidamente, principalmente após a construção das rodovias Presidente Dutra, que ligava as duas cidades mais importantes do Brasil (Rio de Janeiro e São Paulo), e Washington Luís que ligava as cidades de Rio e Petrópolis.

Com a industrialização pós Segunda Guerra, houve um aumento significativo da população local. Isso se deu principalmente pela chegada de retirantes vindos do nordeste e também dos estados de Minas Gerais, Espírito Santo e interior do próprio Estado do Rio de Janeiro. Esse crescimento fez explodir o número de loteamentos, clandestinos ou não, em algumas regiões, triplicando o número de habitantes (SOUZA, 2008). Um grande problema, ao receber esse volume imenso de pessoas, é que não foi feito nenhum tipo de planejamento urbano, causando impacto negativo na qualidade de vida daqueles que lá habitavam.

Essa carência de planejamento, assim como o descaso das autoridades, foram fatores decisivos para uma visão da Baixada carregada de estigmas, pois seu histórico de abandono acarretou na precariedade de serviços básicos para se viver em uma cidade: como saúde, educação e segurança pública.

Esse ambiente de “ausência” de serviços públicos e direitos sociais foi fértil para o surgimento de oportunistas, que fizeram a região ser conhecida pelo coronelismo praticado pelos políticos locais, muitas vezes com o uso da violência.

Nesse campo, na década de 1950, destacou-se Tenório Cavalcante,

conhecido por controlar a política em Duque de Caxias com mãos de ferro e crueldade para com seus opositores. Essa conexão entre política e violência também é uma das características que perdura até os dias atuais. Recentemente, em 2010, a Polícia Civil através da ocupação “capa preta” - uma alusão a Tenório Cavalcanti - prendeu 25 pessoas acusadas de envolvimento com grupos de milícia na cidade de Duque de Caxias. Entre os presos estavam dois vereadores da cidade (O GLOBO.21/12/2010)<sup>12</sup>.

Na década de 1960 foi inaugurada a Refinaria de Duque de Caxias (REDUC). Esta foi a primeira refinaria do país inteiramente construída pela Petrobrás, sendo outras depois incorporadas. Esse fato representou um marco do desenvolvimento econômico para a toda a região, pois a refinaria atraiu outras indústrias, gerando novos empregos (RAULINO, 2011).

Com a ditadura civil-militar (1964-1985), a Baixada foi afetada diretamente pelo regime de exceção. Interferências políticas nas gestões municipais não eram raras.

Onze prefeitos em 11 anos. Os números são de Nova Iguaçu, entre 1964 e 1975. Isso comprova a interferência dos governos militares no comando de cidades da Baixada Fluminense durante a ditadura. Prefeitos resistentes ao regime e alinhados com setores progressistas perderam os mandatos e eram substituídos por interventores indicados pela repressão. O mecanismo das cassações obedecia à mesma regra: com o controle das câmaras municipais, militares forçavam vereadores aliados a abrirem processos de afastamento. A justificativa, em geral, envolvia denúncias de irregularidades nos governos, mas nem sempre comprovadas (O GLOBO, 12/03/2017).

Nas décadas de 1970 e 1980 verificou-se também um crescimento vertiginoso de grupos de justiceiros, muito deles agentes públicos, formando “esquadrões de extermínios”. A rotina de violência e medo contribuiu para a

---

<sup>12</sup> Entre os presos, haviam dois vereadores de Duque de Caxias. A ação teve como objetivo dismantlar a mais antiga e bem estruturada milícia com atuação nos bairros de Gramacho, Pantanal e São Bento, naquele município. Segundo a Delegacia de Repressão as Ações Criminosas Organizadas e Inquéritos Especiais, a Draco, o grupo é investigado por cerca de 50 homicídios e movimentava R\$ 300 mil por mês. Os vereadores presos foram Jonas Gonçalves da Silva - vulgo “Jonas é Nós”, que também é soldado reformado da PM - e Sebastião Ferreira da Silva, o “Chiquinho Grandão”. Segundo o Ministério Público, Jonas é o líder do grupo. Eles foram detidos em suas casas. Entre os acusados, há também 13 policiais militares da ativa, cinco ex-policiais militares, um comissário de Polícia Civil, um sargento do Exército e um fuzileiro naval. Eles respondem pela prática sistemática de crimes como extorsão, esbulho possessório, homicídios, tortura e ameaças.

atividade de repressão do próprio regime militar. Essa prática deixou resquícios até os dias atuais: a chamada “lei do silêncio”, na qual a população não denuncia essa violência por medo de represálias. Esses grupos agiam com o objetivo de fazer uma “limpeza” contra usuários de drogas e marginais locais. Recebiam apoio de comerciantes e a proteção das forças policiais que tinham notoriedade durante o período do regime.

“Quem mora na Baixada tem que saber nadar quando chove, ter fôlego para correr atrás de ônibus, e saco para aguentar essa vida” (Regilda Maria dos Santos, mora em Queimados e trabalha na Barra da Tijuca).

“Na Baixada, eles matam mesmo. Matam pra valer, sem piedade.” (Jurema Pinto de Miranda que teve o irmão assassinado por engano por grupos de extermínio)

Depoimentos colhidos pelo Jornal O globo 10/03/1991

No início da década de 1990 foram criados novos municípios após processos emancipatórios que deram a configuração atual à Baixada Fluminense, que engloba os municípios de: Itaguaí, Seropédica, Paracambi, Japeri, Nova Iguaçu, Mesquita, Queimados, Nilópolis, Belford Roxo, São João de Meriti, Duque de Caxias, Magé e Guapimirim.

Figura 2 - Os Municípios que compõe a Baixada Fluminense



Fonte: Infoglobo, 2011

No âmbito da violência urbana, os “antigos matadores” que participaram dos grupos de extermínio passaram a se envolver diretamente no campo político. Em algumas cidades elegeram-se vereadores e prefeitos ligados a esses grupos criminosos, reforçando as práticas de violência realizadas pelo poder público.

## **1.2 Aspectos históricos, geográficos, ambientais e econômicos.**

A Baixada Fluminense tem aproximadamente 3,73 milhões de habitantes, sendo 2,6 milhões de eleitores, o que faz da região uma potência eleitoral (IBGE, 2010). O município de São João de Meriti é a cidade com maior densidade populacional do país (13 mil hab/m<sup>2</sup>), com cerca de 460 mil habitantes em 35 km<sup>2</sup>. Nesse sentido, a região faz parte de uma das maiores concentrações populacionais do Brasil e da América Latina, condensando as mais dramáticas contradições vivenciadas pela sociedade brasileira (ALVES, 2003).

No âmbito econômico, o Índice FIRJAN de Desenvolvimento Municipal (IFDM) 2015 revela que a Baixada Fluminense concentra três dos dez municípios com menores índices de desenvolvimento socioeconômico do Estado: Japeri, Queimados e Belford Roxo. Dos 13 municípios da região, 11 possuem desenvolvimento moderado enquanto Belford Roxo e Japeri tem desenvolvimento regular. O município de Japeri ocupa a última posição no ranking estadual do IFDM. Os dados mostram ainda que, enquanto 20,9% da população da cidade do Rio de Janeiro vive com a metade do salário mínimo mensal per capita, no caso da Baixada isso acontece com 33,7% da sua população. Esse dado demonstra a disparidade entre a capital e a Baixada. Mesmo sendo interdependentes, há um abismo no “trato” aos cidadãos dessas regiões por parte das autoridades públicas.

Além de uma vasta riqueza histórica, a região possui elementos geográficos bem marcantes. Possuindo áreas de mata atlântica e rios que dão características peculiares, há uma forte degradação do meio ambiente, principalmente em relação aos seus rios. Como não houve planejamento urbano, o esgoto é jogado e despejado diretamente nestes cursos d’água sem qualquer tratamento, desaguando na Baía de Guanabara. Dados da Agência Nacional de Águas (ANA) mostram que mais da metade do esgoto do Estado é jogado sem tratamento nos rios, que se transformam

em “valões” e isso é mais evidente na Baixada. Segundo o Atlas Esgotos, publicado pela ANA, sete municípios da região não oferecem qualquer tipo de tratamento para o esgoto e alguns sequer coletam. Guapimirim, Itaguaí, Japeri, Magé, Nilópolis, Queimados e Seropédica são as cidades que despejam esgoto coletado diretamente, poluindo os rios e a Baía de Guanabara. (JORNAL O DIA, 29/09/2017).

Ainda de acordo com os dados publicados pelo Atlas do Saneamento, os dois maiores municípios da região têm baixo índice de tratamento: Duque de Caxias trata apenas 15,4% e Nova Iguaçu 4,0%. Nestes municípios mais da metade do esgoto é lançado nos rios.

Esses rios assoreados geram outro grande problema da região: as enchentes. É comum várias cidades ficarem inundadas na época das chuvas. Isso se dá por diversos fatores, mas o principal é a falta de planejamento urbano. Para tentar amenizar esse problema, em 2007 foi criado o “Projeto Iguaçu”. Incluído no Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) do Governo Federal, o projeto tinha como objetivo o controle de inundações e a recuperação ambiental das bacias dos Rios Iguaçu. As ações do projeto buscavam também promover melhorias nas condições de habitação e de infraestrutura urbana nas áreas atingidas por enchentes na região e na parte Oeste da Baía de Guanabara, beneficiando cerca de 2,5 milhões de habitantes. O Projeto Iguaçu incluía a recuperação das áreas marginais e instalação de parques de orla, plantio de vegetação ciliar, reflorestamento de áreas de nascentes, preservação de áreas para amortecimento de cheias (áreas-pulmão), renaturalização de cursos d’água, desobstrução e substituição de pontes e travessias, realocação de moradias e outras medidas complementares, como o disciplinamento do uso do solo e coleta de lixo, segundo o site do Governo do Estado do Rio de Janeiro.

Figura 3 - Vista de áreas alagadas pelas chuvas na Baixada Fluminense



Fonte: Genilson Araújo, 2013

Nos dias atuais, o projeto pouco caminhou. Isso é devido à crise financeira que assolou o Estado do Rio de Janeiro a partir de 2015, com reflexo direto nos municípios da Baixada.

A coleta de lixo também é ineficiente, sendo outro problema grave na região. Além disso, são escassas as usinas de reciclagem e a maioria do lixo produzido é depositado em “lixões” que contaminam o lençol freático. O vazadouro de lixo mais conhecido é o de Jardim Gramacho. Situado numa área próxima à Baía de Guanabara, além de receber o lixo da Baixada, recebia boa parte do lixo produzido na cidade do Rio de Janeiro. Foi o maior aterro sanitário da América Latina, entretanto, ele não pode ser assim classificado, pois um aterro sanitário demanda uma série de controles sobre a disposição dos resíduos em seu interior e a gestão adequada de todos os resíduos gerados, o que não ocorreu durante a vida útil deste depósito de resíduos sólidos. A existência desse lixão criou uma situação contraditória, pois apesar de ser um espaço de degradação ambiental, servia também como renda para os catadores de lixo (BASTOS, 2015). O lixão encerrou suas atividades em 2012.

Nesse sentido, a região da Baixada Fluminense é um modelo típico de periferias das grandes cidades e regiões metropolitanas do Brasil: lugar com pouca

presença efetiva do poder público, com uma ausência marcante de direitos sociais; pessoas que por muitas vezes são silenciadas; altos índices de violência, sobretudo o massacre dos mais pobres e negros; sem acesso à equipamentos culturais e de lazer, além da presença de doenças ligadas a falta de saneamento básico.

### 1.3 Conhecendo o município de Belford Roxo

O município de Belford Roxo ocupa uma área de 77,815 km<sup>2</sup> e conta atualmente com 469.332 habitantes. Com uma densidade de 6.031,38 hab/km<sup>2</sup> (Censo 2010), é a sétima cidade mais populosa do Estado.

Até 1992, esse município fazia parte de Nova Iguaçu e era o distrito mais populoso até então, sendo que, por força de um plebiscito, conseguiu sua emancipação pela Lei estadual nº 1640.8.

Está a norte da capital do Estado, distante cerca de 20 km e faz limite com os municípios de Nova Iguaçu e Mesquita (a oeste), São João de Meriti (ao sul) e Duque de Caxias (ao leste).

O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH-M) de Belford Roxo é considerado médio pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento sendo seu valor de 0,684. Apesar de se localizar no Estado do Rio de Janeiro, que possui o 4º maior IDH do Brasil, o valor do índice do município está abaixo da média do estado (0,768), e do país (0,744).

A cidade de Belford Roxo assim como toda a região da Baixada Fluminense, é densamente povoada e os postos de trabalho não absorvem a demanda, de modo que grande parte da população ativamente econômica trabalha na capital, reforçando ainda mais o status de periferia.

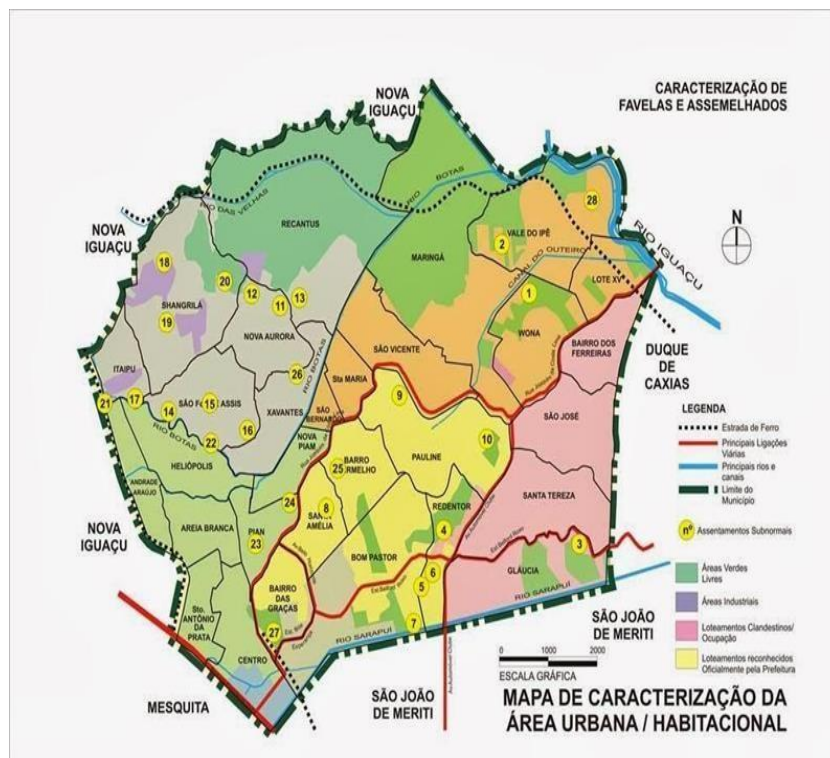
O desenvolvimento industrial dos municípios vizinhos, especialmente Duque de Caxias, apresentou novas alternativas de mercado de trabalho para Belford Roxo, o que também aconteceu em menor proporção dentro da própria cidade, com a introdução de algumas indústrias como a Bayer, a Lubrizol, a Termolite e algumas empresas transportadoras.

Belford Roxo tem uma malha de transporte público insatisfatória, como a maioria dos municípios da região. Uma das rodovias mais importantes do país, a Presidente Dutra, passa pela cidade. Há também uma proximidade com a BR 040 e o Arco Metropolitano (BR 493), fazendo do município um lugar estratégico em termos

de logística de transporte de cargas e passageiros.

Segundo dados do IBGE, em 2010 Belford Roxo possuíam 77 estabelecimentos de saúde, sendo 41 deles públicos, entre hospitais, pronto socorros e postos de saúde. O município contava com apenas um hospital público, popularmente conhecido como "Hospital do Joca", que foi parcialmente fechado em 2011. Tinha sido inaugurado em 8 de dezembro de 1998 e batizado com o nome do primeiro prefeito de Belford Roxo, Jorge Júlio da Costa dos Santos. Outro centro de saúde existente é o Hospital Infantil de Belford Roxo, localizado no bairro de Areia Branca. Há também a UPA (Unidade de Pronto Atendimento), localizada no bairro Jardim Bom Pastor e que recebe aproximadamente 650 pessoas por dia do próprio município e da região, e o Posto de Saúde Unidade Mista, localizado no bairro Lote XV.

Figura 4 - Município de Belford Roxo



Fonte: Notícias de Belford Roxo, s.d.

A cidade conta com escolas em praticamente todas as regiões do município, contudo, a educação está longe do ideal. As escolas da rede estadual contam com infraestrutura precária, e a maioria encontra-se sucateada. O Colégio Estadual São Bernardo, foi o pior colocado do Estado do Rio de Janeiro no ENEM de 2011. A rede

municipal de ensino tem escolas em melhores condições, porém, muito longe também do ideal.

No município, os estabelecimentos de ensino público em atividade atualmente são: para o Ensino Fundamental, 45 escolas estaduais, 48 escolas municipais e nenhuma escola federal; para o Ensino Médio, 33 escolas estaduais e nenhuma escola municipal ou federal; para o Pré-escolar, 3 creches estaduais e 22 municipais. A Faculdade de Belford Roxo (FABEL), instituição privada habilitada em agosto de 1995 pelo então Conselho Federal de Educação, oferece cursos de graduação em Administração, História e Pedagogia. O campus de Belford Roxo da Uniabeu (Associação Brasileira de Ensino Universitário), também uma instituição privada, oferece cursos de graduação em Administração, Ciências Contábeis, Educação Física e Engenharia de Produção, entre outros. Há ainda dois polos da Fundação Cederj, que oferece cursos de graduação na modalidade à distancia em diversas áreas (SILVA, 2017).

A cidade está entre as piores em termos de saneamento básico, ocupando a 86ª posição no ranking das 100 maiores cidades brasileiras, de acordo com o Instituto Trata Brasil. Isso ajuda a elevar a proliferação de mosquitos e inúmeras doenças relacionadas à falta de saneamento básico.

Figura 5 - Rua em Belford Roxo.



Fonte : GALDO, Rafael. 2014

O traço marcante da cidade assim como toda a Baixada Fluminense, é a



da cidade de Belford Roxo, os moradores se identificam mais com a cidade de Duque de Caxias, pela maior proximidade, do que com Belford Roxo.

Mais curioso ainda é que munícipes de bairros da cidade de Duque de Caxias, que fazem limite Belford Roxo também se identificam com o bairro Lote XV. No “senso comum” da população daquela localidade, é como se o bairro fizesse parte de dois municípios.

As primeiras residências no local datam da década de 1940, conforme relatam os moradores mais antigos. O desenvolvimento econômico deu-se no início dos anos 1950 quando ocorreu o processo de industrialização no país. Até então, só existia pequenos comércios que atendiam as necessidades mais básicas, mas mesmo assim de maneira precária.

Figura 7 - Rodoviária do Lote XV



Fonte: TERMINAL, 2018

Os primeiros moradores do bairro não tinham energia elétrica nem saneamento básico. O primeiro “ponto de luz” abastecia todas as famílias e existia uma pessoa responsável por essa distribuição e cobrança das contas, como se fosse um condomínio fechado. Os pequenos comércios que existiam eram um armazém, um açougue, uma fábrica de fubá, uma padaria e uma farmácia.

Quem chega vindo do centro de Duque de Caxias observa um traço marcante do bairro, o Parque de Diversões do Lote XV, construído nos anos de 1970. Esse local privado, faz parte da diversão da maioria das crianças do bairro.

Hoje em dia, em época de memes<sup>13</sup>, o comentário no bairro em tom de brincadeiras é que tantos parques já fecharam, como Tivoli Park<sup>14</sup> e Terra Encantada<sup>15</sup>, mas o Barilândia continua funcionando.

Figura 8 – Parque Barilândia



Fonte: Maria Renata França. 2017

Ainda no centro do bairro existia o Clube Independente do Lote XV, que foi fundado nos anos de 1950. Era um dos locais de lazer para aqueles que queriam curtir um “baile”. Funcionou durante 23 anos e em 1998 o imóvel foi vendido para a Igreja Universal.

Como os terrenos na capital do estado eram mais caros e mais concorridos, muitos nordestinos, principalmente paraibanos, pernambucanos, alagoanos e sergipanos, foram para a Baixada Fluminense em busca de áreas mais acessíveis para construir suas moradias. A partir daí, a população do bairro teve um crescimento

---

<sup>13</sup> A expressão meme é usada para descrever um conceito de imagem, vídeos, GIFs e/ou relacionados ao humor, que se espalha via Internet.

<sup>14</sup> O Tivoli Park foi um parque de diversões localizado no bairro da Lagoa, na cidade do Rio de Janeiro, no Brasil. Funcionou de 1973 a 1995.

<sup>15</sup> O Terra Encantada foi um parque de diversões que operou durante 12 anos na cidade do Rio de Janeiro. Projetado para ser um dos mais modernos parques de diversão do Brasil, foi inaugurado no ano de 1998 e funcionou até 2010.

avassalador, sendo morros e brejos ocupados sem nenhum planejamento. As ruas foram ganhando asfalto gradualmente e hoje são poucos os locais no centro do bairro em que não há asfalto, porém, nas adjacências, muitas ruas ainda não estão pavimentadas, e outras estão em péssimo estado de conservação.

A mobilidade urbana se dá principalmente pela Av. Joaquim da Costa Lima (RJ- 105), que liga o bairro ao centro do município de Belford Roxo e pela Av. Presidente Kennedy (RJ-101) que atualmente se chama Avenida Governador Leonel de Moura Brizola, ligando o centro de Duque de Caxias à Rodovia Washington Luiz (BR-040). Essas duas vias impulsionaram o crescimento populacional do bairro Lote XV, pois em suas margens cresceram diversas ocupações urbanas.

Nas décadas de 1980 e 1990, o bairro era citado nos jornais sobretudo pela forte presença dos grupos de extermínios. Praticamente todos os dias, estes justiceiros agiam no intuito de fazer uma “limpeza”, matando traficantes e usuários de drogas, além de agirem como matadores de aluguel. Era comum a participação de policiais militares em chacinas, como demonstra a reportagem a seguir:

PMs acusados de fazerem parte de um grupo de extermínio

“São dez e não nove os policiais militares acusados formalmente e já reconhecidos por testemunhas de 20 crimes de morte na jurisdição de Belford Roxo da 54ª DP (Belford Roxo). Os PMs foram transferidos dos seus quartéis para um local mantido em sigilo pelo Secretário e interino de Segurança, Vivaldo Barbosa.

Estão presos os soldados Joao Reneaux Duarte Filho, o careca, da P2 do 21º BPM; Paulo Alves Ferreira, O Paulo Hulk( 17º BPM); Hayche de tal ( 15º BPM ); Edmilson Carvalho, o Chicão (21º BPM); Valim (20º BPM); o cabo Jorge Oliveira Souza, o Souza ( que ao ser transferido do 21º para o 9º BPM trocou o nome-de-guerra para Oliveira; o Sargento João Pires filho, Comandante do Destacamento de Polícia Ostensivo do Lote Quinze, em Belford Roxo (20º BPM ).

Vivaldo Barbosa informou ontem que está preso também um soldado conhecido como Carlinhos, do 15º BPM .( O GLOBO 11/04/1983)

Os “matadores” agiam sem piedade e os casos não eram investigados. Chacinas eram corriqueiras e estampavam as capas dos jornais da época, que faziam manchetes icônicas e sensacionalistas com as imagens dos cadáveres.

Não tão diferentes das atuais milícias que atuam no Estado do Rio de Janeiro, esses grupos tinham apoio de comerciantes e políticos locais, e, de certa forma, também de parte da população. Para uma parcela de moradores, esses agentes do crime garantiam a ordem e a pseudo-sensação de segurança.

Nos anos 2000, há um enfraquecimento dessa estrutura de extermínio, dando o surgimento a dois grupos em termos de violência na região, que são os milicianos e os traficantes de drogas. A presença de traficantes ostentando armas de grosso calibre no bairro trouxe uma nova conjuntura de violência. Isso levou a alguns moradores olharem o passado do grupo de extermínio com certo saudosismo. Em conversa informal um morador e comerciante compara a violência atual com a daquele tempo: “Naquela época era melhor, os matadores não deixavam os maconheiros se criar. Veja só, hoje tem até assalto aqui! Coisa que não tinha naquela época. Ah, sinto saudades. Tem que matar eles!”. Porém, as ações dos pistoleiros ganharam repercussão, dando ao bairro, assim como a toda a região, ares de “terra sem lei”. Os criminosos eram expostos em capas de jornais, como se vê abaixo:

Figura 9 - Matéria de Jornal, demonstrando que o bairro Lote XV (quinze) era o lugar de encontro de matadores.



Fonte: Acervo O globo 02/09/1990

De acordo com a gíria policial na década de 1990, o Lote XV fazia parte da

chamada “Zona Morta” que abrangia 10 bairros e era loteada por sete grupos de extermínio. Os bairros faziam parte de Duque de Caxias, São João de Meriti e Belford Roxo. Segundo Tânia Moreira, uma promotora de Duque de Caxias que ficou conhecida pelo combate aos grupos de extermínio, o grupo mais perigoso era o grupo chefiado pelo ex-PM Ernani Rodrigues Lima<sup>16</sup>. Numa das áreas mais perigosas da Baixada, a miséria desconhece a lei. O grupo do “De Lima” causava temor pois obrigava comerciantes a pagar por uma segurança, além de exterminar quem fosse suspeito de cometer qualquer tipo de crime.

Em minha adolescência, quando andávamos pelo bairro e encontrávamos o “De Lima” causava-nos um “frio na barriga”, pois todos sabiam da sua fama e crueldade. No entanto, boa parte da população apoiava as ações dos grupos de extermínio. Esses, além de serem bancados por comerciantes, tinham o apoio de empresas de ônibus para fazer a segurança das suas linhas. Um exemplo foi a comemoração do aniversário de um dos chefes, ainda na década de 1990, conhecido como Jorge Souza, ou “De Souza”. Recordo-me que nessa data foi solto um balão com os dizeres em neon “aqui a justiça sou eu”, sendo aplaudido pela população.

Em oposição a esse apoio, a promotora Tânia combatia às ações desses criminosos. Em 1993 sofreu grande pressão popular ao prender Pedro Bueno, o lendário Pedro Capeta. Mais de 500 pessoas cercaram o fórum pedindo a libertação do exterminador (O GLOBO, 03/03/1997, p 13).

Aqui vale um pouco da minha narrativa, pois conheci Pedro Capeta, a quem eu chamava Seu Pedro. Como dito anteriormente, fui guarda municipal de Duque de Caxias, e trabalhei na fiscalização de trânsito bem próximo aos eventos aqui citados. No início da década de 2000 conheci o Pedro Capeta. Era já um senhor, que andava em uma caminhonete Chevrolet antiga e sempre parava para dizer que se eu precisasse de alguma coisa era só falar com ele. Impressionante era sua idade, fala mansa, mas sempre armado. Ou seja, conviver com esses matadores era algo bem trivial para todos que habitavam a região.

A partir da década de 2000, há uma redução do modus operandi dos grupos de extermínios. Eles, nesse momento, estão presentes em cargos políticos eletivos<sup>17</sup>,

---

<sup>16</sup> Morto numa troca de tiros com a polícia no início da década de 2000.

<sup>17</sup> Os prefeitos de Duque de Caxias, o Zito; o primeiro prefeito de Belford Roxo, o Joca; e o prefeito de São João de Meriti, o Mica, eram acusados de fazerem parte de grupos de extermínios. Não à-toa

e mudam suas ações. Passam a grilar terras ou se envolverem e outros negócios, mas mantinham seu terror com ameaças a quem os questionassem.

Ainda no período que fui Guarda Municipal, havia a exploração de transporte alternativo por partes dos antigos integrantes de matadores. Eles tinham apoio de policias e ex-policiais que faziam a segurança e pagavam a propina para manter a prática irregular.

Um dos maiores desafios para a realização dessa pesquisa foi o contato com diversos agentes públicos que não tinham o menor pudor em relatar as suas práticas criminosas. Mesmo dentro da própria Guarda Municipal de Duque de Caxias, haviam ex-integrantes de grupos de extermínio que praticaram o horror por toda a região. Muito chamava minha atenção, o relato de integrantes da PMERJ os quais conheci, que trazia detalhes de delitos que praticaram. Recordo-me de dois casos que muito me impactaram pela crueldade e frieza.

No bairro Lote XV, morava um sargento reformado da Polícia Militar, muito tranquilo, sereno, de fala mansa e que gostava de conversar comigo, pois ele, sempre me via na rua e admirava o carinho com que eu trabalhava na ajuda da travessia das crianças. Certo dia, ele me convidou para sua casa, no intuito de comermos um churrasco no meio da semana, para conversar. Falei que não poderia, pois estava em horário de trabalho, ele prontamente ligou para o meu supervisor, quer era seu colega de farda e pediu minha liberação. Ou seja, uma prática corporativista. Enfim, ele me recebeu com uma cerveja gelada, e começou a contar as suas histórias da época que integrava os quadros da PMERJ. Contou-me que conheceu pessoalmente Fernandinho Beira Mar<sup>18</sup>, que já ganhou muito dinheiro extorquindo-o. Continuou dizendo-me que, certa vez, matou dois rapazes que fumavam maconha atrás da sua casa, em um terreno baldio no Lote XV. Falava tudo isso sem demonstrar nenhum remorso, parecia uma comemoração de guerra, uma vitória. Em certo momento levantou-se e trouxe uma faca, daquelas usadas pelo personagem Rambo<sup>19</sup>, cheia de dentes. Contou um caso simplesmente assustador. Em serviço, ele e sua equipe foram acionados para uma ocorrência a assalto a ônibus

---

são os três municípios que faziam parte da Zona Morta, descrita anteriormente.

<sup>18</sup> Luiz Fernando da Costa, mais conhecido como Fernandinho Beira-Mar, é um criminoso brasileiro, líder da organização criminosa Comando Vermelho. É considerado pelos órgãos federais um dos maiores traficantes de armas e drogas da América Latina.

<sup>19</sup> Rambo é uma série de filmes que tinha como estrela um ex-combatente de guerra norte-americano John Rambo, que entre muitas armas, usava sempre uma faca.

que ocorria no bairro Lote XV. Chegando ao local, conseguiram prender os três criminosos, levando-os para um lugar ermo, esquartejaram-nos com aquela faca e lançaram fogo sobre os corpos deles com óleo diesel. Nesse momento, ele expressava imensa emoção ao sentir saudades do cheiro dos corpos queimando, fazendo ruídos onomatopéicos lembrando do fogo.

Outro caso foi de um colega da faculdade<sup>20</sup>, um Policial militar, também morador do Lote XV, que mesmo morando no mesmo bairro, não o conhecia. Numa conversa na cantina, ele começou a falar que levava os cadáveres de muitas pessoas que ele matava no bairro, para dar de alimentos aos porcos em pequeno sítio de sua propriedade. Vangloriava que era a melhor maneira de sumir com os corpos, sem deixar rastros.

Desta forma, é impossível identificar práticas que não deixam nada a desejar para os massacres cometidos na história da humanidade. Só que esses massacres, de pobres naquela periferia, eram silenciados.

---

<sup>20</sup> 20 Ingressei no curso de História em 2001 terminando em 2004.

## 2 MEMÓRIAS DA VIOLÊNCIA URBANA EM BELFORD ROXO

### 2.1 Belford Roxo e o estigma da violência

Historicamente, a cidade de Belford Roxo, assim como toda a Baixada Fluminense, é marcada pela presença de grupos de extermínio. É comum e até muitas vezes reproduzidos em trabalhos acadêmicos que a cidade é citada em um relatório das Nações Unidas (UNESCO) como “o local mais violento do mundo” durante a década de 1970. Isso se deu graças a uma reportagem da Revista Veja nº 501 de 1978, assinada pelo repórter Antônio Carlos Fon. A matéria tinha como objetivo investigar as atuações de grupos de extermínio e relatava que Belford Roxo, então distrito de Nova Iguaçu era o local mais violento do mundo. Contudo nunca existiu tal relatório da UNESCO. Esse dado falso levou grupos influentes, como o Clube Rotary da cidade, a procurar a organização internacional, e essa informou através do seu representante no Brasil, Gustavo Lopez, que a entidade nunca patrocinou nenhum estudo do tipo, e acrescentou que a sede da UNESCO em Paris, foi consultada e reafirmou não existir nenhuma pesquisa sobre violência no distrito de Belford Roxo (O GLOBO, 11/10/1980).

Em novembro de 1979, o repórter Percival de Souza, do jornal Tarde de São Paulo, passou três meses na Baixada Fluminense e também abordou, numa série de reportagens que mais tarde se transformou no livro “A maior violência do mundo”, que Belford Roxo, segundo a UNESCO era “o lugar mais violento do mundo”.

“Quando cheguei a Baixada já encontrei esta informação”, contou Percival, corroborando com a reportagem revista Veja, feita um ano antes. O repórter foi à Prefeitura de Nova Iguaçu, e o assessor do prefeito Rui Queiros, Roberto Wilson informou que havia feito um trabalho para a Escola Superior de Guerra sobre os problemas da Baixada Fluminense, e que Belford Roxo, segundo a UNESCO era o lugar mais violento do mundo. Como o então candidato a Presidente da República, João Figueiredo esteve em Nova Iguaçu para inaugurar uma escola para crianças com necessidades especiais, que foi construída com bases em informações da UNESCO sobre a região, Percival concluiu que a notícia, pelas estatísticas de criminalidade na região, nem precisava ser confirmada. Por fim ele finalizou: “Se a Baixada Fluminense não é a região mais violenta do mundo, é uma das mais.” (O GLOBO, 11/10/1981).

O relato no livro destacava a devida informação: “Segundo as informações atribuídas a instituição internacional, uma pesquisa de 95 países, de 1971 a 1976, constatou ser Belford Roxo, o lugar mais violento do mundo na ocasião e que, naquele período, morreram mais pessoas assassinadas em Belford Roxo do que a Guerra de Biafra (Guerra civil na Nigéria que durou de 1967 - 1970).”

O jornal O Globo na época, apurou que, na verdade, a pesquisa feita pela UNESCO não foi sobre a violência e sim sobre “pessoas excepcionais”. O projeto de construção do Centro Interescolar de Excepcionais Castorina Faria Lima, no bairro Monte Líbano, em Nova Iguaçu, elaborado pela Coordenação de Educação Especial da Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro, informava, em 1977, que, de acordo com estimativas em 95 países, de números de crianças que, internacionalmente, recebe educação especial, foi estabelecido que 8 % dessas crianças em escolas primárias são excepcionais. (O GLOBO, 11/10/1981).

Trazendo para a linguagem dos dias atuais, essa *Fake new*<sup>21</sup> ajudou a construir o estigma da violência que a cidade carrega, mas, independente disso, o número de assassinatos causados pela violência urbana, nas décadas de 1970, 1980 e 1990 são análogos ao número de mortos em muitas guerras pelo mundo. Belford Roxo sempre foi utilizado como referência negativa em números de homicídios, como demonstra o título da reportagem do jornal O globo, que compara o aumento do número de assassinatos em Diadema, na grande São Paulo, com os de Belford Roxo no final da década de 1990, no qual qualifica como “área crítica da Baixada”.

Figura 10 - Matéria comparando o número de homicídios nas cidades de Belford Roxo-RJ e Diadema – SP



Fonte: Acervo O globo 15/08/1999.

Ainda nas décadas de 1970 e 1980, os assassinatos eram por encomenda ou

<sup>21</sup> São notícias falsas publicadas por veículos de comunicação como se fossem informações reais. Esse tipo de texto, em sua maior parte, é feito e divulgado com o objetivo de legitimar um ponto de vista ou prejudicar uma pessoa ou grupo (geralmente figuras públicas).

a realização de uma “limpeza” da área contra traficantes e ladrões que cometiam delitos. Essas práticas tinham apoio de parte da população e eram financiadas por comerciantes e empresários locais. Segundo o sociólogo José Claudio de Souza Alves, especialista em violência na Baixada Fluminense, a partir da ditadura militar oferece-se respaldo político. Ainda de acordo com o sociólogo, as vítimas são os chamados “bandidos”, numa construção de um “inimigo”, que geralmente era negro, pobre ou usuário de entorpecentes. Para o morador e comerciante do bairro Lote XV Paulo de Oliveira da Silva, existia uma segurança e tranquilidade nessa época, pois só morria “vagabundo” e “maconheiro”.

Durante a ditadura, os grupos de extermínio eram compostos por agentes públicos como policiais, bombeiros e guardas municipais. Já no período final do regime, na década de 1980, começou a aparecer a presença de civis, e os agentes públicos passam a gerenciar essa estrutura de violência, com a anuência do Estado. Segundo Alves não existe o chamado “poder paralelo”, pois a estrutura de violência já fazia parte do Estado.

José Cláudio ilustra com clareza a ligação do crime com o Estado e o capital:

— Alguns comerciantes financiam os grupos de extermínio para limpar a área. Geralmente matam gente pequena, jovens que não representam ameaça alguma. Os comerciantes financiam para disputas internas de mercado. Casam o interesse do comerciante com o do político que eles financiam naquela área. O círculo começa a se fechar. O comerciante quer impedir que abram outros negócios por perto, aí financia a campanha de um político para este proteger aquele bairro e não o outro, favorecendo os seus interesses — por exemplo, das empresas de ônibus daquela região. Por sua vez os grupos de extermínio atuam limpando essa área, favorecendo a atuação de alguns candidatos e recebendo proteção financeira dos empresários que montaram a estrutura de dominação e por outro lado, apoio político dos candidatos, que tem também interesse em controlar certas áreas através dos grupos de extermínio. Isso é no pequeno porte.

<https://anovademocracia.com.br/no-32/405-o-crime-organizado-pelo-estado>

( acesso em 28 de fevereiro de 2019)

Figura 11 -Capa do jornal Última Hora, destacando uma chacina em Belford Roxo, onde os matadores utilizaram 100 tiros contra as vítimas.



Fonte: Jornal Última Hora 28 /02/1983.

## 2.2 Belford Roxo e suas memórias de violência

No ano de 2005, ocorreu a chamada “Chacina da Baixada” nos municípios de Nova Iguaçu e Queimados. Esse crime vitimou 29 pessoas e foi a maior chacina do Estado do Rio de Janeiro. Policiais militares, de folga, percorreram bairros e abriram fogo contra qualquer um que cruzasse seus caminhos. Em Nova Iguaçu executaram 17 pessoas, depois partiram para o município de Queimados e executaram mais 12 pessoas. Nessa empreitada foram utilizadas centenas de munições, mostrando a crueldade dos assassinos e sua insatisfação com a linha-dura imposta nos batalhões após a troca do comando. Isso foi o estopim para a explosão de violência.

Meia hora antes do início da matança, dois integrantes do bando de policiais militares teriam reclamado das mudanças em um bar em Nova Iguaçu. O comandante do 15º BPM (Caxias), coronel Paulo César Lopes, havia prendido mais de 60 policiais por desvio de conduta. Dias antes do massacre, oito PMs do mesmo batalhão foram flagrados por uma câmera abandonando dois corpos degolados nos fundos do batalhão. (O GLOBO, 10/09/2012).

A Chacina da Baixada chamou novamente a atenção da imprensa e de toda a sociedade para a realidade de violência na região. A atuação de policiais como grupo de extermínio, executando inocentes, remeteu ao passado sombrio dos chamados “matadores”, que naquele momento, parecia ter ficado distante. Isso levou a uma mobilização de toda a sociedade local em busca de justiça e conscientização para o descaso e abandono das autoridades para a região da Baixada Fluminense.

Contudo, mesmo com a grande repercussão da Chacina da Baixada, outros crimes deste tipo se fizeram frequentes na região.

A Baixada, como outras periferias brasileiras, têm em comum que, algumas regiões parecem ser mais esquecidas que outras. Isso gera um silêncio quase ensurdecido, são memórias esquecidas e silenciadas.

Belford Roxo, desde a época que era distrito de Nova Iguaçu, estampou as páginas de jornais devido à violência praticada por grupos de extermínio. Seu estigma de “local mais violento do mundo” ajudou a construir essa visão, mas os crimes faziam parte do cotidiano da cidade. Com a emancipação do município no início da década de 1990, houve esperança de dias melhores, mas a marca da violência insistiu em permanecer na história da cidade. O primeiro prefeito da cidade, Jorge Júlio da Costa dos Santos, era acusado de integrar grupo de extermínio. Segundo José Claudio Alves, isso também ocorreria em outros municípios. No início dos anos 90 temos os matadores chegando ao poder. O primeiro foi Joca, em Belford Roxo. A política é uma forma de se fazer uma “lavagem de cidadania” (ALVES 2005). “Os grandes *matadores* foram premiados com isso. Os membros de grupos de extermínio também perceberam as facilidades. Se o matador se elege, está limpo. Aí começa a fazer algumas obras no bairro. Instala um posto de saúde, faz asfalto. O tráfico de drogas apoia o matador/prefeito, deixa ele entrar, protege, é cabo eleitoral dele, não deixa outros candidatos fazerem campanha ali”. Desse modo, não é uma ausência total da presença do Estado, ela existe de forma precária, pois muitos agentes públicos encarregados do uso legítimo da força transformaram essa violência em mercadoria política (MISSE 1997, p 19).

Esse cotidiano de violência de assassinatos, muitas vezes chacinas, praticadas principalmente por agentes públicos de segurança foram traçando um histórico de terror, mas também de resistência.

### 2.3 O caso Marli (1979)

Um caso de assassinato chamou a atenção da imprensa pela coragem de uma mulher, negra, em denunciar os autores do crime que executaram seu irmão. Marli Pereira Soares testemunhou quando na noite de 12 de outubro de 1979, cinco policiais militares invadiram sua casa, no bairro Vila Pauline, em Belford Roxo e assassinaram com 13 tiros seu irmão, Paulo Pereira Soares Filho que tinha 18 anos. Em um ato de extrema e rara coragem, pois existia o medo de represálias por parte dos criminosos, ela não se calou. Com apenas 25 anos e acompanhada de seu pai, denunciou na delegacia de Belford Roxo, 54ª DP, o que tinha ocorrido.

Entre idas e vindas a delegacia, ela foi levada ao 20º Batalhão de Polícia Militar, responsável pela área, para reconhecer os algozes do seu irmão. Ainda sobre o julgo da Ditadura Militar, o caso Marli se tornou um símbolo de resistência contra a violência na Baixada, tendo grande repercussão em todo o país. Esta força rompeu a barreira de silêncio ditatorial e racista sobre a mídia, obrigando jornais, rádio e televisão a abandonar a linguagem usual do estereótipo, para narrar uma morte em nada inesperada e, principalmente, a reação a ela protagonizada por uma mulher negra jovem. Esta viria a ser chamada de “Marli Coragem”. Sua atitude inspirou os cantores Ivan Lins e Vitor Martins a fazerem uma canção em sua homenagem:

#### CORAGEM MULHER

Essa firmeza nos teus gestos delicados  
Essa certeza desse olhar  
lacrimejado Haja virtude, haja fé, haja saúde

Pra te manter tão decidida assim

Que segurança pra dobrar tanta arrogância  
Que petulância de ainda crer  
numa esperança Quem é o guia que ilumina os teus dias?

E que te faz tão meiga e forte assim  
Coragem, coragem, coragem, mulher  
Coragem, coragem, coragem, mulher  
Como te atreves a mostrar tanta  
decência?

De onde vem tanta ternura e paciência? Qual teu segredo, teu mistério, teu  
bruxedo Pra te manter em pé até o fim?

Coragem, coragem, coragem, mulher Coragem...

“Tenho pavor de barata, de polícia não!”

“Só vão calar minha boca quando eu morrer, ou melhor, quando eu for  
assassinada. Paulo era um rapaz, alegre, bonito, nunca fez mal a ninguém.  
Não consigo entender por que fizeram aquilo com ele, e como os policiais

foram tão covardes.(...) Minha luta não é contra a Polícia Militar, é contra os assassinos. Quero justiça!”

Marli Pereira Soares, a Marli Coragem.

(O GLOBO, 09/04/1980)

Figura 12 - Marli Pereira Soares, a Marli Coragem, reconhecendo os assassinos do seu irmão no 20º BPM.



Fonte: Acervo O Globo, 08/04/1980.

#### 2.4 Chacina do Lote XV (1987)

Na manhã de um domingo, recordo-me que fomos à missa, como era de costume da família. Antes de começar a celebração, o Padre Bruno deu a notícia de que quatro corpos foram encontrados em um bar, bem próximo à Igreja. Esse acontecimento deu o tom da homilia, a resistência de lutar contra a violência e não nos acostumarmos com aquele tipo de situação.

Lembro-me perfeitamente alguns detalhes desse crime. Minha mãe foi até o local e checou chocada em casa, pois vizinhos relataram que eles imploraram para não serem mortos. O motivo do crime não foi esclarecido, algo bem comum na região. De acordo com os jornais da época, os corpos de três homens e uma mulher, baleados na cabeça com armas de grosso calibre, foram encontrados no bairro Lote XV. O único identificado foi Murilo Martins, de 42 anos, morto com três tiros. Segundo moradores, nenhum dos quatro chacinados era conhecidos na área.

A chacina foi descoberta as 4 h da madrugada, quando um dos donos do Bar Casa Verde chegou para abrir o estabelecimento. Na calçada ao lado, lugar que serve de ponto de encontros amorosos e boca-de-fumo, estavam quatro cadáveres. Na parte externa do bar, também havia várias perfurações de bala.

Dos três mortos não identificados, nada se apurou além da idade presumível, variando entre 25 e 35 anos. Segundo o PM Jadir Gomes, que esperava junto aos corpos a chegada do rabeção do Instituto Médico Legal, “todo dia tem assassinato em Duque de Caxias e as pessoas até estranham quando não aparece morto” (O GLOBO, 25/05/1987).

O Bar Casa Verde era um local bem conhecido de todos pela presença de matadores e por ser um “inferninho”<sup>22</sup>. Hoje o bar não existe mais. Agora no local há um conjunto de lojas que fica perto da Rodoviária do Lote XV (Figura 8).

#### 2.4.1 Chacina do Wona (1990)

Uma chacina que, pelo número de vítimas, deveria ter ganhado muita repercussão foi a Chacina no bairro Wona.

Dez pessoas mortas, sendo oito homens e duas mulheres, foram alvejadas a tiros e uma pessoa ficou ferida. As vítimas da chacina moravam em seis quartos construídos num mesmo terreno. Acreditava-se que quatro mortos que residiam no local há 15 dias antes do ocorrido tivessem envolvimento com o tráfico de drogas e teriam sido o alvo principal da matança. Segundo vizinhos, 12 homens encapuzados, vestidos de preto, chegaram ao local divididos em grupos e se espalharam pelo terreno, enquanto iam obrigando os moradores a saírem de suas casas e se deitarem no chão.

Quatro das vítimas - Jaílton Silva, de 41 anos, os irmãos Jorge Alberto da Silva Oliveira, 35, e Ubiratan da Silva Oliveira, de 28 e Orestes Ferreira de Souza, de 44 - eram trabalhadores e moravam no local há mais de cinco anos, segundo o proprietário dos quartos, Argeu Luis da Costa. Ele contou que dois casais de baianos - Marília Araujo os Santos, 26, e seu marido Neivaldo Francisco da Silva, de 23, e Marta de Jesus Santana de 35, e seu namorado, Gilberto dos Santos, de 23, que é irmão de Marília - alugaram dois quartos há 15 dias, levados por outro morador, Paulo Roberto, o Pelé, que morava no terreno há pouco tempo. Os outros dois mortos foram identificados apenas como Jorge e Maluco (O GLOBO, 14/02/1990)

---

<sup>22</sup> Termo pejorativo para boate ou bar mal frequentado.

Durante essa pesquisa, estive na localidade onde ocorreu a chacina, mas o medo e o silêncio ainda prevalecem como regra. Um antigo morador, que não quis se identificar, relatou-me que o crime chocou todo o bairro, que as pessoas vitimadas eram “boas”, mas tinha “gente desconhecida também”. O morador completa: “você sabe como é, né? Não dá pra ficar falando dessas coisas na rua não. Alguns dos matadores ainda moram por aqui”. Nesse relato, é possível verificar que os assassinos eram conhecidos na localidade. O crime não foi solucionado nem tampouco divulgado pela grande mídia. A crueldade aplicada numa espécie de “queima de arquivo” nos remete a um esquecimento não justificável.

Esse crime foi amplamente debatido, porém, nos encontros da Igreja, assim como nas missas, pois o bairro fica na circunscrição da Paróquia São Simão.

#### 2.4.2 Chacina do ônibus Santo Antônio (1997)

No dia 20 de fevereiro de 1997, cinco adolescentes foram assassinados no município de Belford Roxo. De acordo com investigações da 54ª DP, os cinco menores faziam bagunça no ônibus da linha 449 da empresa Santo Antônio, que liga o município de Duque de Caxias ao bairro Bom Pastor, em Belford Roxo. Quando o ônibus passava ao lado da subestação de energia do bairro São José, os garotos teriam tentado descer sem pagar a passagem.

Nesse momento, três homens que estavam na parte traseira do ônibus teriam se levantado e, de revólveres na mão, mandado o motorista parar. A porta traseira foi aberta e os meninos desceram, empurrados pelos homens, segundo o relato de passageiros a policiais da 54ª DP. Os homens teriam obrigado os menores a deitarem em um gramado junto da grade da subestação, com as mãos dentro dos calções. Em seguida, dispararam.

Cada garoto levou um tiro na cabeça, na altura do ouvido direito. A chacina ocorreu por volta das 17h. O chefe da Polícia Civil do Rio de Janeiro, delegado Hélio Luz, disse ao jornal à Folha de São Paulo, que as primeiras investigações da chacina foram dirigidas para apurar uma suposta ação de seguranças de empresas de ônibus.

De acordo com o delegado Mário Azevedo, da 54ª DP, a conclusão das investigações foi que o trocador do ônibus pediu a um segurança da empresa, Clóvis

da Cruz Santana, 30 anos, que acabasse com a bagunça dos rapazes. Segundo o delegado, ele pegou a arma de outro segurança - o guarda municipal Cláudio Bicalho da Silva, 30 anos - e os executou.

Cláudio, conhecido como "Bacurau", foi preso, julgado e condenado. O delegado disse apenas que o trocador, que se chamava Severino, em seu depoimento, pediu para os jovens parar com a bagunça cujo pedido de silêncio que não foi obedecido culminou na chacina.

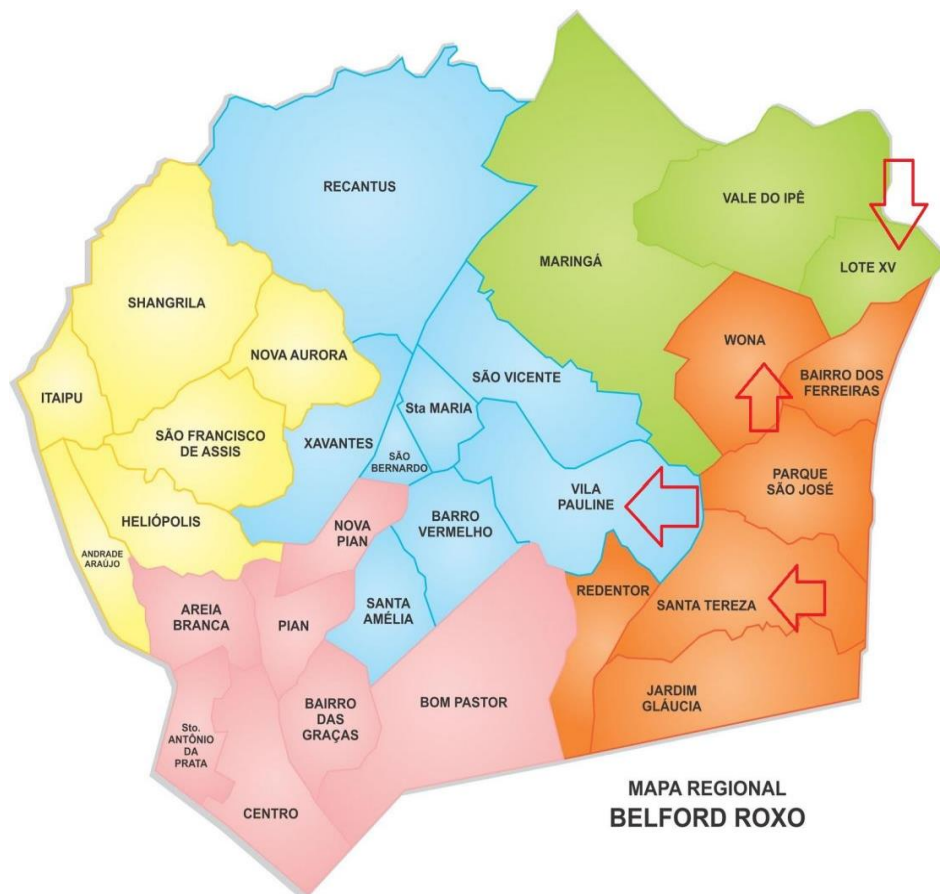
À polícia, Cláudio afirmou que Clóvis tomou sua arma, uma pistola 380, para matar os garotos. Depoimentos prestados por dois sobrinhos e um irmão de criação de Clóvis, no entanto, desmontam esta versão.

As investigações apontaram que o trocador chamou Clóvis e pediu que ele desse um fim na bagunça. O Clóvis disse que 'estava limpo' (sem arma). O trocador então chamou o Cláudio e pediu que entregasse sua arma, o que ele fez imediatamente. Clóvis obrigou os jovens a descerem do ônibus, na Estrada do Calundu, com as mãos dentro das bermudas, para impedir qualquer reação. Parou numa barraquinha de venda de bebidas e pegou uma mochila, onde havia outra pistola 380. Mandou os garotos se ajoelharem e matou-os à queima-roupa. Alan Justino da Silva, 17, André Luís Lopes Barreto, 15, Daniel Gomes dos Santos, 17, Vágner Ramiro de Melo, 16, e André Luis Filene, 16, foram mortos com tiros na cabeça. A passagem no ônibus da linha 449 custava R\$ 0,50<sup>23</sup>.

---

<sup>23</sup> site da Uol. <https://www1.folha.uol.com.br/fol/geral/ge21021.htm>

Figura 13 - Mapa de Belford Roxo detalhando os locais dos crimes citados.



Fonte: BELFORD..., 2014

No mapa acima, as setas apontam os locais dos crimes aqui descritos:

- Vila Pauline: Caso Marli.
- Lote XV: Chacina do Lote XV
- Wona: Chacina do Wona
- Santa Tereza: Chacina do ônibus Santo Antônio

Ao observar a localização dos bairros onde ocorreram os crimes abordados nessa pesquisa, percebe-se que há um alinhamento geográfico à região leste do município. Isso é intencional, pois tem mais proximidade com o bairro Lote XV, por conseguinte, com a Paróquia São Simão. No entanto isso não quer dizer que o restante do município gozava de tranquilidade. Toda a cidade de Belford Roxo era considerada muito violenta.

### 3 DE PERTO E DE DENTRO: A PARÓQUIA SÃO SIMÃO E SUA TRADIÇÃO DE RESISTÊNCIA À VIOLÊNCIA URBANA

#### 3.1 Algumas notas sobre a igreja católica no Brasil

Historicamente, a Baixada Fluminense foi ocupada por fazendeiros e posseiros de forte tradicionalismo católico, o que levou a região a ter ampla maioria de adeptos ao catolicismo.

Importante ressaltar que o campo religioso estabelece relações com o campo do poder podendo legitimar a manutenção da ordem política ou subvertê-la, a partir da produção de bens simbólicos capazes de “naturalizar” uma determinada dominação ou, ao contrário, de produzir rupturas nessa estrutura (Bourdieu, 1987:69-70).

Deste modo, a Igreja desde seus primórdios esteve ligada ao poder vigente. Contudo, logo após a Revolução Industrial e as condições que eram impostas aos trabalhadores, levou essa instituição secular - a ser obrigada a tomar uma postura frente às precárias condições do proletariado. Essa se tornou uma preocupação candente da Igreja, pela primeira vez - com a publicação, em 1891, da encíclica *Rerum Novarum*, assinada pelo Papa Leão XIII. Intitulada “Sobre a condição dos operários” (FREIRE, GONÇALVES & SIMÕES, 2010).

No Brasil a Igreja neste contexto utilizava-se de sua hierarquia como poder religioso e estava mais preocupada com a volta do ensino religioso nas escolas públicas, sua única preocupação até então, era a de que o ideal católico estivesse presente na educação dos filhos de pessoas que integravam as classes menos abastadas da sociedade brasileira.

A Igreja Católica manteve essa linha “conservadora” até o início dos anos 1950, quando apareceu alguns movimentos sociais que têm sua origem dentro da própria Igreja e surgem através de um modelo evangelizador que ficou conhecido como “Ação Católica”. Movimentos estes que ficaram conhecidos como, JIC (Juventude Independente Católica), JEC (Juventude Estudantil Católica), JOC (Juventude Operária Católica), SAC (Senhoras da Ação Católica), os BENJAMINS (Crianças da Ação Católica) e a JUC (Juventude Universitária Católica).(VEIGA, 2009).

Com a tensão da Guerra Fria, a população mundial vivia em constante temor, pois a qualquer momento poderia acontecer a eclosão de um conflito de

proporções apocalípticas. É nesse momento que a Igreja, conduzida pelo Papa João XXIII, convoca um Conselho que ficou conhecido como Concílio Vaticano II, iniciado no ano de 1962 até 1965.

Foi um momento de intensos trabalhos e reflexão sobre a atuação da Igreja, juntamente com seus principais dirigentes.

Com a declaração do “Dogma da Infallibilidade Papal” ainda no Concílio Vaticano I, convocado em 1869, a convocação de um novo Concílio para a Igreja Católica seria uma missão quase que impossível de se realizar, tendo em vista a autonomia que fora dada aos Papas pela instituição de tal dogma. A convocação do Concílio Vaticano II, causou em muitos um grande espanto, alguns bispos descreditavam da coragem do Papa. João XXIII rompe com o modelo de Igreja proposto e tenta com o Concílio Vaticano II uma inovação no que diz respeito às estruturas e ao lugar da Igreja Católica na sociedade.

No Concílio Vaticano II, houve de um grande número de bispos brasileiros, mas apesar do número de bispos latino-americanos ser bastante expressivo, a presença dos bispos da América Latina no Vaticano II não foi muito significativa em nível teológico, pois estes eram da periferia da Igreja. Essa exclusão fomentou um movimento, por parte da Igreja latino-americana, a necessidade de se organizar aos moldes da sua realidade local.

Desse otimismo marcado pela esperança, enfim, os religiosos latino-americanos, mal terminado o Concílio, em 1968, trataram de adaptar seus documentos finais a uma realidade mais próxima daquela em que viviam, julgando que a teologia europeia guardava uma distância imensa com a realidade latino-americana. O encontro de Medellín marca, portanto, o início de uma nova etapa para um tipo de teologia que se distanciaria, pouco a pouco, dos modelos europeus e ganharia um rosto próprio, o rosto do Cristo no pobre e no excluído. (VEIGA, 2009).

A II Conferência Geral do Episcopado Latino Americano (CGELA) foi convocada em 1968, em Medellín, na Colômbia, por isso ficou conhecida como “Conferencia de Medellín”. Esta teve como objetivo principal fazer uma releitura dos documentos do Concílio Vaticano II, com o pensamento voltado para a realidade da América Latina, como nos mostra Dom Paulo Evaristo Arns<sup>24</sup>: “Medellín era como o

---

<sup>24</sup> Dom Frei Paulo Evaristo Arns (1921-2016) foi um frade franciscano e cardeal brasileiro. Foi arcebispo de São Paulo entre os anos de 1970 e 1998. Sua atuação pastoral foi voltada aos habitantes da periferia, aos trabalhadores, à formação de comunidades eclesiais de base nos bairros, principalmente os mais pobres, e à defesa e promoção dos direitos da pessoa humana. Ficou conhecido como o Cardeal dos Direitos Humanos, destacando-se na luta contra as torturas praticadas pela ditadura e para que documentos do regime não fossem eliminados.

Vaticano II traduzido para a América Latina”.

Segundo Veiga: as ideias que surgem em Medellín é fruto da liberdade que o Concílio concedeu aos episcopados nacionais de aplicar e adaptar as suas conclusões aos contextos de cada país. No entanto essa liberdade resultou em uma aplicação mais radical do que aquelas sugeridas nos documentos conciliares (2009).

As decisões tomadas na Conferência causou no continente latino-americano um forte impacto, talvez até maior que o impacto causado pelo Vaticano II. As formas com as quais se fazia a concepção de Deus, por exemplo, eram as mais variadas, fazendo alusão a um Deus que estava presente na pessoa do homem sofrido e marginalizado da sociedade, como nos mostra Gustavo Gutiérrez (1975):

O encontro de Medellín causou, para a América Latina, um impacto semelhante àquele do Concílio para o mundo, sobretudo no que diz respeito a uma concepção de Deus pouco baseada nos dogmas e tradições e mais na experiência que flui a partir do contato com os vencidos da história, “como os indígenas, os quais Las Casas denominava de Cristos açotados da América” (GUTIERREZ, 1975, P 35).

A Conferência de Medellín lançou as novas bases da Igreja na América Latina, pois boa parte do Continente havia sofrido golpes militares sob o argumento de combater a ameaça comunista, portanto ateia, materialista e que o movimento inicial dessa ameaça teria sido a Revolução Cubana. Muitos desses golpes foram apoiados por uma parte significativa da Igreja Católica. No Brasil, por exemplo, no ambiente que se formava para a derrubada do governo de Joao Goulart, foi organizado, em São Paulo, contra o governo que se acreditava flertar com o comunismo, a “marcha por Deus e pela família”<sup>25</sup>.

Essa conferência criou uma teologia católica latino-americana, voltada para as questões sociais do continente. Por esse caminho, no documento final, surge o termo “opção preferencial para os pobres” (GUTIERREZ, 1975).

A partir de então emerge uma nova Igreja, onde a caridade filantrópica não era a única ação a favor dos mais pobres, era preciso criar e lutar por uma justiça social para todos, principalmente os excluídos e marginalizados.

Na década de 1970 houve em endurecimento dos regimes militares e uma

---

<sup>25</sup> A Marcha da Família com Deus pela Liberdade é o nome comum de uma série de manifestações públicas ocorridas entre 19 de março e 8 de junho de 1964 no Brasil em resposta ao que foi considerado, por militares e setores conservadores da sociedade, uma ameaça comunista representada pelas ações dos grupos radicais e pelo discurso em comício realizado pelo então presidente João Goulart em 13 de março daquele ano.

perseguição contra os religiosos que assumiram esse novo papel, de busca por um mundo mais justo. No Brasil, muitos foram presos e torturados pela ditadura, que nesse momento mostrava-se sua pior face. Dessa forma, alguns religiosos criaram grupos de resistência, deixaram de aceitar imposições do governo, denunciaram torturas, foram perseguidos e até ajudaram a tirar pessoas do país.

Segundo Brum (2018), a compreensão da mudança de postura da Igreja Católica nos leva a uma rápida discussão sobre as mudanças ocorridas na Igreja Católica no Brasil e no mundo durante a década de 1970. No Brasil, embora grande parte da alta hierarquia da Igreja tenha se posicionado a favor da deposição de João Goulart em 1964, no qual várias organizações católicas leigas participaram de sua articulação, o distanciamento entre a Igreja e o regime se daria gradativamente conforme foram ficando mais evidentes as constantes violações de direitos humanos por parte deste e os custos sociais do Milagre Econômico no início da década de 1970 ( p 419).

No início da década de 1970, sob a influência dos acontecimentos surge a Teologia da Libertação. O termo libertação foi criado a partir da realidade cultural, social, econômica e política sob a qual se encontrava a América Latina. Os teólogos desse período, católicos e protestantes, assumiram a libertação como paradigma de todo fazer teológico.

A Teologia da Libertação é uma corrente teológica que engloba diversas teologias cristãs desenvolvidas na América Latina que, a partir dos anos 1970, baseadas na opção preferencial pelos pobres, defende a luta contra a pobreza e pela sua libertação. Segundo Battista Mondin (1980, p 25) “A teologia da libertação é um movimento teológico que quer mostrar aos cristãos que a fé deve ser vivida numa práxis libertadora e que ela pode contribuir para tornar esta práxis mais autenticamente libertadora”.

No Brasil, o grande expoente da Teologia da Libertação é teólogo Leonardo Boff, agente norteador do discurso teológico latino-americano. Segundo ele, “O quadro de degradação apresentado na América Latina é o fundamento gerador do conceito de libertação. A libertação, então, é toda “ação que visa criar espaço para a liberdade”<sup>26</sup>.

Ao se envolverem diretamente com movimentos sociais, alguns religiosos,

---

<sup>26</sup> Documentário “De Medellín a Aparecida: 40 anos da Igreja Católica na América Latina” — Ricardo Martensen (2007) Brasil, TV PUC, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. (47 min).

não se hesitaram a debater temas políticos nas reuniões e missas.

Segundo Mario Sergio Cortella, a Teologia da libertação, lança mão para fazer suas análises, além de uma nova reinterpretação da Bíblia, o referencial analítico marxista. Não que seja uma teologia marxista, pois isso seria contraditório, e impossível, mas a Teologia da Libertação percebe as injustiças que a luta de classes faz com os mais pobres<sup>27</sup>.

Esse movimento com a política não são bem recebidos por muitos setores conservadores da Igreja.

No início dos anos de 1980, a ditadura civil-militar se enfraquece e tem início da campanha “Diretas Já”, na qual a Igreja teve importante participação. A ala mais progressista segue politicamente ativa. Nas fábricas da grande São Paulo, por exemplo, participa dos movimentos operários. No campo, participa da criação do “Movimento dos trabalhadores rurais sem terra”, O MST e provoca a ira de poderosos proprietários rurais.

(...) agora fomos nós que tivemos a coragem de levantar e dizer: que somos contra sim, uns homens travestidos de padres, que venderam suas consciências nos balcões dos países socialistas (...) Nessa hora, meu povo, nós levantamos em Goiás, que nós não podemos aceitar que essa “esquerdinha” que nunca trabalhou, que vive subvencionada pelo capital estrangeiro venha dizer o que deve ser feito do campo e venha tentar nos destruir. Esses homens estão enganados, pegaram pela frente. um toco de aroeira, pegaram a UDR<sup>28</sup>.

(Ronaldo Caiado<sup>29</sup>, em discurso para membros da UDR, no documentário “De Medellín a Aparecida – 40 anos da Igreja Católica na América Latina”, TV PUC SP e Trilha Mídia).

Com o advento das Comunidades Eclesiais de Base (CEB)<sup>30</sup>, aconteceram

---

<sup>27</sup> Idem.

<sup>28</sup> A União Democrática Ruralista (UDR) é uma entidade associativa brasileira que reúne grandes proprietários rurais e tem como objetivo declarado "a preservação do direito de propriedade e a manutenção da ordem e respeito às leis do País". Sua atuação política expressa a patronal rural conservadora se posicionando contra a reforma agrária iniciada no Brasil durante a transição democrática dos anos 1980, após o último período de governos militares (SIMON, 1988).

<sup>29</sup> Ronaldo Ramos Caiado é um político brasileiro, filiado ao DEM. É o atual governador do Estado de Goiás. Formado em medicina e com especialização em ortopedia, Caiado é membro de uma família de produtores rurais com forte presença na política de Goiás desde pelo menos meados do século XIX. Ganhou notoriedade ao presidir a UDR entre 1986 e 1989.

<sup>30</sup> As Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) surgiram no Brasil como um meio de evangelização que respondesse aos desafios de uma prática libertária no contexto sociopolítico dos anos da ditadura militar e, ao mesmo tempo, como uma forma de adequar as estruturas da Igreja às resoluções pastorais do Concílio Vaticano II. Devido ao contexto específico da sociedade brasileira, que vivia sob o regime de exceção, com cerceamento dos direitos civis, as CEBs se tornaram uma plataforma válida e eficiente para as mudanças sociais, apresentando ainda as bases de uma nova sociedade. Devido ao contexto específico da sociedade brasileira, que vivia sob o regime de

várias mudanças e releituras sobre a liturgia, o evangelho e, com isso, uma grande aproximação e sentimento de comunidade dos fiéis veio à tona. Segundo Veiga (2009), um dos grandes feitos das CEBs foi o rompimento com a figura do Deus barbudo criado por Michelangelo e cultivado pela Igreja no imaginário popular. Portanto, podemos dizer que a Conferência de Medellín foi de extrema importância para o amadurecimento da população católica latino-americana.

### **3.2 A igreja católica na baixada fluminense: a diocese de Nova Iguaçu e a militância de Dom Adriano, o “Bispo Vermelho”**

A Diocese de Nova Iguaçu foi criada em 26 de março de 1960 pela Bula Quandoquidem Verbis do papa João XXIII, com território desmembrado das Dioceses de Barra do Piraí-Volta Redonda e de Petrópolis. Abrangia, inicialmente, os municípios de Itaguaí, Mangaratiba, Nilópolis, Nova Iguaçu, Paracambi, São João de Meriti e o distrito de Conrado (Vassouras). Com a criação da Diocese de Itaguaí (14 de março de 1980) cedeu à nova Diocese os municípios de Itaguaí e Mangaratiba, e nova Diocese de Duque de Caxias (11 de outubro de 1980), o município de São João de Meriti.

Desde sua criação, a Diocese de Nova Iguaçu teve cinco Bispos Diocesanos: Dom Walmor Battú Wichrowski (1960-1961), Dom Honorato Piazzera, (1961-1966), Dom Adriano Mandarino Hypolito, (1966-1995), Dom Werner Siebenbrock, (1995- 2002) e Dom Luciano Bergamin.

Atualmente a Diocese de Nova Iguaçu abrange os municípios de Belford Roxo, Japeri, Mesquita, Nova Iguaçu (sede), Nilópolis, Paracambi, Queimados e do distrito de Conrado (Miguel Pereira). Pertence a Província Eclesiástica de São Sebastião do Rio de Janeiro, juntamente com as Dioceses de Barra do Piraí-Volta Redonda, Duque de Caxias, Itaguaí, Valença e a Abadia Territorial de Nossa Senhora de Monserrate (Rio de Janeiro). Com a Província Eclesiástica de Niterói, fazem parte do Regional Leste I da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB).

A nomeação do sergipano Dom Adriano Hypólito como bispo, logo despertou

---

exceção, com cerceamento dos direitos civis, as CEBs se tornaram uma plataforma válida e eficiente para as mudanças sociais, apresentando ainda as bases de uma nova sociedade.

a atenção dos órgãos de repressão da Ditadura, pois sua postura não alinhada ao regime despertava desconfiança pelo religioso. De acordo com Scott Mainwaring (1989), a chegada de D. Adriano modifica substancialmente a rotina da Diocese, porque com o novo bispo estreita-se a identificação da Igreja com as classes populares. Segundo o SNI<sup>31</sup>:

[...] tomou posse como bispo diocesano [...] foi difundido, como recordação, o seu brasão de armas, idealizado pelo irmão (...), especialista em heráldica religiosa. A combinação da foice e da cruz, adotadas por D. Adriano Hypólito, para simbolizar o seu trabalho pastoral, como, acertadamente, observou a revista “Vigília Romana” de jul/ago 72, sintetiza o “progressismo católico marxista”, do qual é seguidor<sup>32</sup>. (SOTENOS, 2012).

Nesse ambiente inóspito e perigoso, bispo Dom Adriano Hipólito tornou-se referência na luta pelos direitos humanos e na denúncia da violência contra a população mais pobre da Baixada Fluminense. Sob a luz da Teologia da Libertação, organizou a Diocese de Nova Iguaçu em Comunidades Eclesiais de Base com um núcleo de ação transformador com forte apelo político.

Figura 14 - Bispo Adriano Hypólito



Fonte: Acervo paroquial.

Em entrevista a Revista Cultura Vozes em 1981, Dom Adriano não se

<sup>31</sup> O SNI foi criado pela lei nº 4.341 em 13 de junho de 1964 com o objetivo de supervisionar e coordenar as atividades de informações e contrainformações no Brasil e exterior. Rede de informações usadas pela ditadura, feita muitas vezes de maneira ilícitas.

<sup>32</sup> Informação SNI nº 503/19/AC/75. APERJ: série Informações, pasta 155, fol. 66-71. 1978.

denominava militante de esquerda, mas julgava-se a favor dos Direitos Humanos e defensor de um Igreja voltada para os pobres:

Compreendemos assim, a diferença que vai de uma atuação de Igreja para a atuação de um partido político ou de um técnico. A Igreja não inspira ao poder, como é dever de um partido político, a Igreja quer apenas servir.

Em nossa situação concreta, acho lamentável que os cristãos e católicos, que assim se apresentam declaradamente, condenem nosso esforço pastoral, visto, na visão deles, como atividade subversiva, como fruta de ideologia marxista.<sup>33</sup>

Dom Adriano Hypólito

Em seu trabalho sobre a Igreja Católica e a Política no Brasil, Mainwaring (1989) aponta a Igreja de Nova Iguaçu, influenciada pelo bispo, como exemplo no trabalho desenvolvido com os movimentos populares.

O apoio do bispo às atividades progressistas na base foi decisivo, mas são as organizações de base, e não o bispo, que tiveram mais importância no apoio aos movimentos populares. Além disso, foi através da capacidade de fortalecer a sociedade civil (especialmente os movimentos populares) e não de suas negociações com a elite política local, que a Igreja apresentou mais impacto político (Mainwaring, 1989, p. 208-209).

No final da década de 1960, a Diocese de Nova Iguaçu iniciou um processo de mudanças que levou a uma aproximação com os movimentos reivindicatórios de bairros, em meio a ditadura militar no Brasil. Já na primeira Assembleia Diocesana, sob a coordenação de Dom Adriano, foi votado que as CEBs seriam prioridade na Diocese. Essas foram relevantes espaços de conscientização e mobilização por meio de diversos trabalhos pastorais, como Círculos Operários, Clubes de Mães, Grupos de Jovens, entre outros.

Outro movimento social relevante no trabalho da Diocese foi o MAB, Movimento de Amigos de Bairros, trabalho iniciado por dois médicos sem vinculação religiosa ou governamental, atendendo à população de bairros afastados e carentes. Dessa forma, aos poucos foram percebendo que seu trabalho ficaria deficitário, uma vez que seria apenas um paliativo às graves questões sanitárias, entre outras, que afetavam a saúde daquela população ( MAINWARING, 1989).

A Diocese, buscando um trabalho em conjunto, contratou esses dois

---

<sup>33</sup> Essa entrevista foi passada para a realização dessa pesquisa pelo Padre Bruno, pertence a seu arquivo pessoal. Não foram encontradas nenhuma versão original.

médicos e mais outros dois para iniciarem um trabalho ampliado. Aos poucos, por meio do atendimento médico e de encontros de conscientização sobre questões mais amplas, como políticas públicas e reivindicações populares, tal trabalho foi ganhando outras proporções. Esse movimento ganhou força em relação à participação dos diversos bairros da região, tornando-se um dos mais representativos movimentos de reivindicação popular da Baixada Fluminense.

Mainwaring ressalta como fator positivo, e o que talvez tenha sido um dos motivos de seu êxito, a busca de independência em relação à Diocese, embora houvesse apoio explícito e mesmo o envolvimento direto de seus quadros. Com o avanço no reconhecimento de legitimidade frente às Associações de bairros e mesmo frente aos governos locais e, devido ainda aos avanços quanto à abertura política, o MAB foi conquistando autonomia frente aos quadros católicos. Porém, tal independência sempre foi relativa. O autor nos fornece alguns dados: “Quando, por exemplo, os invasores de terrenos urbanos se envolveram numa difícil luta pela terra em 1981 e 1982, a Igreja os defendeu. Ao MAB faltaram recursos para lidar com um caso tão difícil” (1989, p. 221).

Continuando o pensamento de Mainwaring, existia uma ação muito importante por parte da Diocese, que foi a abertura de espaços de reunião, como salões, igrejas e capelas. Cita ainda um apoio financeiro, mesmo que modesto, por parte da Diocese. Por último cita um apoio ou legitimação moral, pela confiabilidade creditada à Diocese enquanto instituição, pela presença de padres nos meios populares e pela ação de Dom Adriano, que expressava claramente seu apoio aos movimentos populares.

Nesse trabalho, as CEBs tiveram um papel fundamental, uma vez que se constituíam em espaços onde já existia certo interesse pelo aprofundamento sobre a realidade social à luz dos ensinamentos cristãos.

Ao estimular tantas pessoas a pensar sobre política de uma forma mais crítica, as CEBs incentivaram a participação política. “As CEBs proporcionaram a muitos a experiência de se organizarem e de participarem, além de uma disposição para lutar por melhorias urbanas. As Associações de bairros são geralmente mais fortes nas áreas em que a Igreja encorajou a criação das CEBs. Além de criar uma base que serve de esteio aos movimentos populares, a diocese impulsionou o desenvolvimento de lideranças populares” (MAINWARING, 1989, p.223).

Como dito anteriormente, o episcopado de Dom Adriano foi marcado pela

defesa dos direitos humanos numa área deflagrada pela falta de serviços públicos e violência urbana. Até mesmo para agentes policiais, utilizavam sua influência e liderança para ajudar na ajuda a testemunhas de crimes como noticiou o Jornal O Globo:

Ana só não quis fazer declarações formais ao policial, temendo represálias. O policial levou-a então ao Bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Hipólito: Foi uma maratona de mais de um mês, mas eu consegui com que Ana Angélica fosse ouvida pela Comissão de Justiça e paz da Diocese e Nova Iguaçu, que tomou seu depoimento e ofereceu custódia.

(Caso de uma testemunha que tinha receio das forças policiais, O GLOBO 08/08/1986)

Para Dom Adriano, a violência era causada pela situação de miséria que vivia o país, assim como a Baixada Fluminense.

Ainda sob a ditadura, as posições de Dom Adriano despertaram revoltas dentro da própria diocese. No início da década de 1980, houve uma forte resistência contra o Bispo, que era acusado de ser comunista. Para os setores conservadores da sociedade iguaçuana, Dom Adriano, ao chegar à diocese, era um bispo de quermesse, envolvido em posturas paroquiais meramente assistencialistas. As ações do Bispo também incomodavam conservadores humildes. Ainda na década de 1980, uma fiel anônima, frequentadora da Paroquia São Simão, escreveu uma carta, dirigida ao presidente João Baptista Figueiredo, reclamando das posições políticas da igreja, denunciando e pedindo ajuda ao executivo federal :

Nova Iguaçu, 1 de outubro de 1986

A vossa excelência. Presidente da República. Prezado Senhor, desejo a vossa excelência toda proteção de Jesus Cristo e o que mais precisa enquanto estiver como presidente do Brasil. Esta que lhe escreve não é uma fanática, é uma pobre que sofre com os acontecimentos de alguns anos dentro da igreja católica, que uma pena a igreja católica e mãe ajuda a humanidade a caminhar com mais alegria só agora tomei coragem de escrever a vossa excelência como cidadã brasileira. Ouvindo a vossa excelência falar de democracia no país da sua preocupação com os jovens rezei e continuo rezando pelo senhor ministro Abi Ackel mais fico muito preocupada com tudo o que vem acontecendo aqui na Baixada fluminense, principalmente com os jovens, pois os padres não gostam de trabalhar com os adultos. Principalmente os adultos que vem de tradição e principio de família cristã. As reuniões são totalmente política assistir várias e fiquei muito confusa de Cristo. Não se falava nada de catequese as aulas de catecismo são uns subsídios misturando política, acho uma pena. Já começar lavando os cérebros das crianças, os jovens nem se fala, os adultos pois foi uma total lavagem cerebral vi nascer todo o movimento da minha comunidade, agora vejo uma transformação material tão pouca espiritualidade e o povo é quem sofre, porque vão assistir a uma missa e lá

encontram leigos celebrando. Isto é ideia de Dão Adriano Hipólito, o bispo de Nova Iguaçu pois os celebrantes sendo leigos podem mandar mensagens usando o púlpito (altar) contra o governo, os padres estão ficando malvistas mas só que estão por traz de tudo. Preparam os leigos e depois ficavam sentados nas celebrações assistindo como leigos. Estes procedimentos deles vem trazendo revoltas aa quem vai a igreja em busca de um lenitivo para sua vida e volta revoltados em ouvir preços do leite, carne, feijão etc. As mercadorias estão caras e perguntam quem é a culpa (os celebrantes leigos dizem logo o culpado é o governo). Aí tome inflação...o evangelho só é lido as leituras somente aquelas que dão margens agitar contra o governo. Atualmente esta no ar uma emissora de radio (Solimões), Em Nova Iguaçu de terça-feira a sábado, todas as manhãs das 8:00 as 8:30 horas as notícias desta rádio é sobre o sindicalismo, inflação e uma explicação de Abraão mas da maneira que só fala dos patrões e outras coisas mais, como por exemplo os salários baixos, o curso bíblico tem o nome, as transformações tão bruscas. O curso de catequista é lamentável as moças que fizeram vieram tão confusas que nem começaram a dar aulas de religião. Pois não entenderam nada do curso lá no curso só se falou de salário e lucro dos patrões. Vi que eles procuram os recantos mais afastados pra fazer reunião políticas. A paróquia São Simão lá passam filme da pastoral operária reunião dos negros e um movimento que apareceu agora e aqui no Lote XV só tem um posto policial mas é pequeno e ninguém tem coragem de falar tem medo de represália, mas eu só tenho o primário antigo o bastante para escrever mas no fundo do meu coração eu sofro com estas transformações política dentro da Igreja. A nossa esperança a vinda do Papa para o Brasil para a nossa confirmação de tudo o que nos já tínhamos certeza. Que o papel da Igreja não é política, mas Dão Adriano Hipólito continua com as mesmas ideias política. As folhas nos domingos da missa parece mais um jornal combatendo os políticos e a inflação isto para nós é uma grande tristeza sei que vossa excelência e um líder muito ocupado. Queremos evitar tomar seu precioso tempo. Tomei a iniciativa de escrever esta para vossa excelência. Não quero condená-los. Mas fico preocupada com uma Revolução no futuro. Graças a Deus o nosso país nos da toda a liberdade e alegria de viver, mesmo com dificuldades e uma pena Dão Adriano Hipólito, que é ministro de Deus escolhido para pregar o evangelho de Jesus Cristo para o povo fica envolvendo com estrangeiros para praticar a nossa paz, espiritualidade e tranquilidade. Eu vi como era bairro Moquetá, em Nova Iguaçu. Lá havia uma casa dos padres brasileiros a anos passados, Dom Adriano junto com a comunidade de lá tomaram a propriedade lugar bonito e agradável para os encontros bíblicos e ensinamento religioso, agora a casa citada em cima e encontro de líderes sindicais e políticos com as mesmas ideias do nosso bispo. A catedral de Nova Iguaçu é uma fortaleza, há onde jogaram aquela bomba explosiva. Muitos não fizeram gestos de desagravo, nós sabemos, o que se passa dentro da Igreja. Fiquei contentem com os estatutos dos estrangeiros, se vier agitações do nosso país, deverão ser mandados de volta, estou me referindo aos padres estrangeiros que trabalham em nossa Baixada Fluminense na Paróquia São Simão no Lote XV, município de Nova Iguaçu. Trabalharam os padres Cláudio Leterne e João, não sei sobre nome mais ainda ficou a irmã Rosa. Ela é que dirige os padres jesuítas que estão em nossa paróquia ( padres Inácio ,padre Levino e padre Renato), estes são brasileiros mas continuam os mesmos trabalhos que os outros deixaram mais os membros da comunidade que estão continuando os trabalhos com eles não gostam muito da maneira que eles ensinam na catequese mas não querem perder a amizade deles mas falam que não está certo mas não podem fazer nada contra eles. Sei que é difícil fazer alguma coisa porque outros bispos com as mesmas ideia de Dom Adriano Hipólito e apoio de alguns parlamentares. Demorei de lhe escrever pensando da carta não lhe chegar as suas mãos me preocupo com o perigo no futuro vindo de dentro da igreja que e uma pena foi que me fez escrever esta carta orientei me

depois de um pedido de vossa excelência através da televisão que todos tivessem o cuidado de orientar os jovens porque eles seriam o caminho mais fácil para a deturpação no país e um sinal que a vossa excelência, está preocupado com a democracia no país , fico aguardando através de alguma maneira que recebeu esta carta atenção vai haver uma manifestação no dia 4 de Outubro as 14 horas sábado, em Belford Roxo, o papel vai dentro do Envelope.

Assinado Eleitora Brasileira, cidadã cristã.<sup>34</sup>

Figura 15 - Dom Adriano Hypolito E Padre Bruno



Fonte: Acervo paroquial.

### 3.3A paróquia São Simão: uma tradição de resistência à violência

#### 3.3.1 Breve histórico

Historicamente, a paróquia tem uma inclinação para questões sociais e direitos humanos. A comunidade local, mesmo antes da influência da Teologia da Libertação, sempre teve uma preocupação com os problemas locais, buscando soluções em conjunto com a paróquia.

---

<sup>34</sup> Apesar de a carta ser endereçada ao último presidente do regime militar, João Batista Figueiredo, na data marcada no documento, o presidente era o José Sarney. Optei em reescrevê-la da maneira original, sem a preocupação com os erros de escrita.

Figura 16 - Cartaz de divulgação de exposição fotográfica da história da paróquia. Imagens da primeira missa em 1959, na antiga sede (à esquerda) e a fachada da nova sede (à direita).



Fonte: Acervo paroquial

A pedra fundamental foi implantada em 1957 no centro do Lote XV por Dom Odilon (Beneditino), que era um padre da Cidade dos Meninos<sup>35</sup> e dava assistência ao bairro nas celebrações. A Capela de São Simão foi construída pelo Sr. Manoel de Sá<sup>36</sup>, que também doou a imagem do santo. Procedente de Portugal, a princípio a imagem de São Simão ficou em um galpão. Com a construção da Capela foi transferida para ela em procissão.

No ano de 1961 veio o primeiro padre, o Padre João. Foi o primeiro a vir morar no bairro Lote XV. As primeiras catequistas foram Dona Tereza (esposa de Manoel de Sá), Dona Nair, Dona Nega, Dona Augusta e Dona Geralda. Em 17 de dezembro de 1961 aconteceu a primeira Missa de Primeira Comunhão no Lote XV. Padre João comprou os terrenos que a paróquia tem atualmente no centro do Lote XV e também deu início à construção da creche para suprir as necessidades da classe operária, que trabalhava longe do seu domicílio, ou seja, era um bairro dormitório. Com a chegada de Padre Egidio, em 1963, foi formado o grupo de

<sup>35</sup> Cidade dos Meninos é um bairro do município de Duque de Caxias, fazendo parte do segundo distrito do município. O bairro, outrora uma área federal, ficou conhecido por uma terrível tragédia ambiental ocorrida no século XX.

<sup>36</sup> Antigo morador e comerciante do bairro, hoje dá nome a principal rua do Lote XV.

missionários que começaram a evangelizar nas áreas fora do centro. Foi formado também um grupo de casais.

Padre Egídio Carmelinck, que morava no bairro de Santa Maria, também em Belford Roxo, mudou-se para uma casa localizada na rua Fernando da Costa no bairro Lote XV. O aluguel era pago pelas pessoas que faziam parte da Igreja. As primeiras reuniões com o Padre aconteceram onde era a antiga matriz e hoje se situa o centro paroquial.

Na década de 1970, a Paróquia teve vários padres, e já demonstrava sua inclinação para a justiça social. Isso despertou a atenção da ditadura, chegando a ter agentes da repressão infiltrados em reuniões e encontros<sup>37</sup>. Segundo o Edevaldir Luz, antigo participante da igreja, ninguém suspeitava deles.

A gente fazia a reunião de grupos de jovens, organizava festas, tudo para a paróquia. Nas reuniões conversávamos sobre a situação política, e, teve uma época que dois rapazes, bem afeiçoados, apareceram. Não lembro bem o ano, acho que era em 1976, 1977... lembro que foi perto da época do sequestro de Dom Adriano. Então, eles frequentaram uns dois meses. Depois sumiram. Ficamos assustados, com medo de represálias. Depois demos nos conta que eles tinham cabelos bem cortados e barbas feitas, típicas de militares. Ufa, ainda bem que não fizeram nada contra a gente, eu acho.

(Depoimento de Edevaldir Lunz realizado no dia 20/11/2018)

Em 1979, a ditadura começou a dar sinais de enfraquecimento. Com a Lei da Anistia<sup>38</sup>, parte da população começou a exigir democracia. No ABC paulista, surgiu o movimento operário sindicalista que teve apoio dos setores progressistas da Igreja Católica, inclusive a Paróquia São Simão. (ANEXOS A e B)

De acordo com Padre Bruno, no início da década de 1980, com os “novos ventos democráticos que se aproximaram”, a paróquia São Simão intensificou as suas práticas sociais. Novos movimentos surgiram como resistência contra ambientes excludentes.

Eram feitas, por exemplo, reuniões do movimento negro, chegando a ter a participação de Abdias do Nascimento<sup>39</sup> (VER ANEXO C).

---

<sup>37</sup> Os anexos presentes nessa dissertação, foram pesquisados em arquivos da ditadura militar que estão no site do Arquivo Nacional.

<sup>38</sup> A Lei da Anistia Política foi promulgada em 1979, no governo do presidente João Baptista Figueiredo, para reverter punições aos cidadãos brasileiros que, entre os anos de 1961 e 1979, foram considerados criminosos políticos pelo regime militar.

<sup>39</sup> Abdias do Nascimento foi um poeta, ator, escritor, dramaturgo, artista plástico, professor universitário, político e ativista dos direitos civis e humanos das populações negras. Sociólogo e

Ainda na década de 1980, a inflação assolava o Brasil, levando a um aumento vertiginoso dos preços. Isso levou a comunidade se organizar e manifestar contra a “carestia” e exigir do governo um controle da inflação. (VER ANEXO A).

### 3.3.2 A chegada de padre Bruno e sua militância

No dia 19 de setembro de 1982 chega na paróquia o Padre Luigi Constanzo Bruno. Nascido na cidade de Fossano, na região de Piemonte, Padre Bruno ordenou-se ainda na Itália. Pouco depois, atendeu a um pedido da Igreja e decidiu vir para o Rio, em 1969. Segundo Bruno, a nova proposta evangelizadora da Teologia da Libertação atraiu jovens padres europeus a uma missão pragmática do evangelho.

Acusado de ser um movimento Marxista, a TL sofreu forte repressão das instâncias superiores da Igreja, levando Leonardo Boff, maior nome da teologia no Brasil, a ser julgado e condenado por Joseph Ratzinger<sup>40</sup>, então prefeito da Congregação para a Doutrina da fé<sup>41</sup>. Importante salientar que o mundo neste período vivia a sombra da guerra Fria, e a TL era vista como algo simpático ao Socialismo. Contudo, os ensinamentos de Marx, mesmo citados, não são considerados por Boff criadores da Teologia da Libertação. Ele argumenta que o marxismo existe hoje como teoria sociológica, não como ideologia oficial de um Estado (O GLOBO, 13/03/2013).

Em sua trajetória pelo Brasil, Pe. Bruno, primeiro foi para Arquidiocese do Rio de Janeiro e depois foi transferido para diocese de Nova Iguaçu.

Na arquidiocese do Rio de Janeiro, Bruno foi para o bairro da Vila Aliança,

---

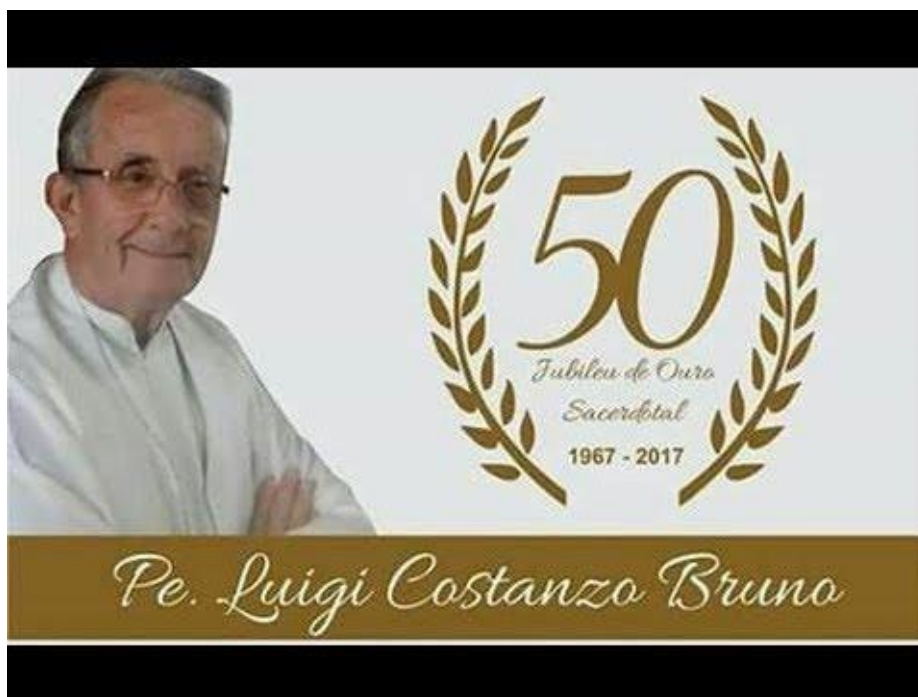
economista, organizou o primeiro Congresso Negro Brasileiro, em 1950, e esteve à frente do Teatro Experimental do Negro até 1968. Foi deputado federal e senador pelo Rio de Janeiro. Foi dele um dos projetos pioneiros para propor cota de 20% de vagas para mulheres negras e de 20% para homens negros na seleção de candidatos ao serviço público.

<sup>40</sup> Joseph Ratzinger foi Prefeito no período de 1981 a 2005, quando foi eleito Papa Bento XVI. Esta instituição que tem origens na inquisição tem como objetivo jogar movimentos “nocivos” a fé católica. Nascido Joseph Aloisius Ratzinger, é Papa Emérito e Romano Pontífice Emérito da Igreja Católica, com o nome de Bento XVI. Foi papa da Igreja Católica e bispo de Roma de 19 de abril de 2005 a 28 de fevereiro de 2013, quando oficializou sua abdicação. Desde sua renúncia é Bispo emérito da Diocese de Roma.

<sup>41</sup> A Congregação para a Doutrina da Fé, originalmente chamada Sagrada Congregação da Romana e Universal Inquisição, foi fundada por Paulo III em 1542 para defender a Igreja das heresias. É a mais antiga das nove Congregações da Cúria.

zona oeste da cidade. Junto com outros padres, elaborou uma agenda de luta e defesa de uma população abandonada e esquecida.

Figura 17 - Convite da celebração dos 50 anos de sacerdócio do Padre Bruno



Fonte: Acervo paroquial

Assumi a Paróquia São Simão, no bairro do Lote XV, bairro como dissemos, era, como boa parte da Baixada, marcado pela presença de vários grupos extermínio que agiam ou por pistolagem, ou como justiceiros<sup>42</sup>. Isso é uma das maiores características da região, para cada conjunto de bairros havia, assim, um grupo de extermínio com seu líder a operar (MOREIRA, 1999).

Sem retomar uma linha cronológica já descrita, desde o início do século XX grupos armados particulares atuam na região da Baixada Fluminense. O nome mais conhecido entre os líderes de grupos de extermínio era o de Tenório Cavalcanti, o “homem da capa preta”. Atuando na Baixada Fluminense, numa simbiose de violência e poder, chegou a ser deputado federal, concorrendo até ao cargo de governador do Estado.

Com a Ditadura militar (1964-1985), a violência elevou o número de homicídios na região, chegando a índices assustadores, maiores do que os de

<sup>42</sup> Entenda pistolagem como atividade realizada por um matador profissional que faz seu trabalho por recompensa ou não, já o justiceiro é aquele que mata com a ideia que está acabando com os criminosos da localidade.

países em Guerras na época.

Nova Iguaçu era a oitava cidade brasileira em população, e a originalidade da conjuntura sociopolítica e econômico local, a ditadura militar deu apoio à montagem de um dos mais poderosos esquemas de execuções sumárias da história do país. A partir da criação da Polícia Militar, em 1967, na condição de força auxiliar no processo de repressão e patrulhamento preventivo, iniciou-se a escalada dos grupos de extermínio. A participação direta e, posteriormente, indireta de policiais nestes grupos, o financiamento por parte de comerciantes e empresários locais e o respaldo por parte dos grupos políticos locais forneceram as condições adequadas para o funcionamento deste aparato criminoso (ALVES 2005, p 23).

Os governantes sabiam da existência e até incentivavam os assassinatos dos “criminosos” e ao longo dos anos esses grupos expandiram suas funções além dos serviços de “segurança”. Com o retorno da democracia a partir de 1985, o Estado não podia demonstrar sua simpatia pelas atitudes de extermínio, mas a impunidade, o medo do tráfico de drogas e a falta de segurança pública garantiram a sobrevivência de tais grupos que justificam sua atuação como uma ação necessária, em vista da insegurança nos bairros onde moram e atuam, identificando-se como promotores da proteção ansiada pela população e ignorada pelos governos (SOUSA, 2001, p 50).

Segundo o morador Justino Oliveira, os “matadores agiam sem piedade e os casos não eram investigados”. Chacinas eram quase diárias e estampavam as capas dos jornais da época, que faziam manchetes icônicas e sensacionalistas com as imagens dos corpos.<sup>43</sup>

Para os comerciantes, os grupos que vendiam segurança surgiram, em 1988, como os verdadeiros “Cavaleiros do Apocalipse”, varrendo da região os ladrões, traficantes e estupradores e resolvendo a tiros, o problema da falta de segurança. (O GLOBO 10/03/1991)

Em uma reportagem, Padre Bruno disse que, o grupo de exterminadores que usavam uma farda marrom (igual às dos vigilantes bancários) e revólveres calibre 38, se instalou no Vale do Ipê<sup>44</sup> matando mais de 20 pessoas, acusadas de pertencer a uma quadrilha de traficantes de drogas.

“Diante de quaisquer suspeitas, eles eliminam as pessoas”, disse o pároco. Com esta máscara de legalidade, representada pela farda, carteira e porte de arma,

<sup>43</sup> Destacam-se na década de 1980 o “jornal O dia” e na década de 1990 o “jornal O povo”.

<sup>44</sup> Bairro circunscrito ao Lote XV.

eles tentam aterrorizar os trabalhadores e suas famílias, que acabam se vendo obrigados a pagar o “pedágio” (O GLOBO 10/03/1991).

Em entrevista realizada para essa pesquisa, ele comenta que a violência urbana é consequência do período da ditadura militar: “na medida em que a ditadura foi acabando, esses torturadores procuravam ‘bicos’, seja sendo como matadores de aluguel, seguranças, formando grupos de extermínios. Que no fundo, era a continuação da Ditadura”. (Entrevista realizada em 2008)

A vinda do Padre Bruno e outros religiosos para o Brasil foi fomentada pela nova postura da igreja a partir do Concílio Vaticano II. Quando ainda morava na Itália, o religioso relatou que as consequências da ditadura fascista de Mussolini, eram sentidas por boa parte dos italianos, pois os anos do regime fascista trouxeram mortes e pobreza para a Itália. Quando o padre chega ao Lote XV, um local marcado pela violência, ele observou as consequências de uma ditadura vigente.

Na realidade viemos para cá, influenciado pelo Concílio Vaticano II, a gente vivendo na Itália, vimos muito de perto. As ideias eram debatidas e ainda estudávamos. Aquilo muito influenciou nossos pensamentos. Na América Latina, em 1968 em Medellín veio reafirmar o compromisso com os pobres. Além disso, todos nós, que viemos da Itália, tínhamos sofridos as consequências da Ditadura de Mussolini e também de Hitler, isso era muito vivo no nosso sangue toda essa problemática. Por exemplo, tem coisa a nível pessoal...quando eu vejo “Bolsonaro falar”, vejo as mesmas atitudes de Hitler nos filmes que eu via quando era criança: Atitudes, arrogância... cria uma reação, uma repulsa...um medo! Por que Hitler conseguiu unanimidade na Alemanha! (Depoimento do Padre Bruno em entrevista, 2018).

Nesse trecho da entrevista, é interessante a sua fala, a de um estrangeiro, ao comparar o então candidato a presidente que foi eleito, Jair Bolsonaro, com Adolf Hitler. No atual contexto, comparar o presidente a um ícone histórico do autoritarismo traz uma perspectiva de alguém que vivenciou as consequências que um governo fascista pode causar a uma população.

### 3.3.3 Resistência e denúncia: a romaria da fé

Em 1988, três irmãos e seus pais foram brutalmente assassinados no bairro Jardim Amapá, região da Paróquia São Simão. No dia 3 de maio daquele ano, a família estava em casa quando os assassinos apareceram e realizaram o crime com requintes de extrema crueldade. A mãe, Maria das Neves, foi morta a tesouradas

juntamente com o filho que ainda carregava no ventre. As irmãs Eliete, de 9 anos, Elionete, de 7, e Elizete, de 5, foram violentadas e sufocadas. Após ser obrigado a testemunhar tudo, o pai, Sebastião Vidal dos Santos, foi morto. Por fim, os criminosos mataram os passarinhos e as plantas. Não sobrou nenhuma vida. (EXTRA 06/05/2013).

Figura 18 - As Três Irmãs Assassinadas.



Fonte: Acervo paroquial

O crime praticado naquele dia foi o mais brutal praticado até hoje no bairro e na Baixada Fluminense. Além de assassinar a família, os bandidos também torturaram cada membro da família fisicamente e psicologicamente. Maria das Neves foi estuprada por cada homem do bando, enquanto suas filhas assistiam ao ato. Mesmo Maria estando grávida, os bandidos não tiveram pena da mulher e da nova vida que ela gerava. Após os atos cruéis contra a pobre mulher, assassinaram o que restou dela a facadas. Depois de torturar as meninas psicologicamente, veio a tortura física e finalmente o triste fim, a morte, que foi através de facadas perante o pai delas. Sebastião assistiu toda a maldade praticada contra sua família, ele foi o último a ser assassinado. Morreu enforcado, com uma corda no pescoço. Nem as plantas e os animais foram perdoados pelo bando, pisaram nas plantas e mataram os animais.<sup>45</sup>

(<http://raizesdoamapa.blogspot.com/2011/07/chacina-do-bairro-amapa.html>)

Como ocorreu na região da paróquia<sup>46</sup>, esse acontecimento chocou o religioso, assim como a comunidade. A notícia se espalhou rápido por toda a diocese, num misto de indignação e revolta. As crianças participavam da comunidade e eram bem alegres, lembra o Padre Bruno:

O grande motivo da chacina foi por que o pai, que trabalhava em uma birosca

<sup>45</sup> Nota-se aqui uma outra versão sobre o crime, mas nem por isso ameniza o horror da chacina.

<sup>46</sup> Apesar da chacina ter ocorrido no município vizinho de Duque de Caxias, a comunidade do Amapá fazia parte da Paróquia São Simão.

no Gramacho (bairro de Duque de Caxias), resistia à pressão de traficantes que queriam montar uma boca-de-fumo. Inclusive muitos dos traficantes eram vizinhos dele. Ele resistiu e mataram toda a família. Fizemos um mês depois, um movimento ecumênico chamado de “Clamor dos mártires”. Foi um fato significativo, dentro de tantos outros. A ideia era que a gente, como Igreja, tinha que mostrar que a violência não tinha vez.

Contudo, dentro da Baixada Fluminense, apesar da extrema crueldade, era apenas mais uma chacina dentre tantas. Mas para o padre foi algo que muito impressionou, pois nunca tinha visto nada igual. Isso o levou a organizar um movimento contra a violência, algo que denunciasse e mostrasse a todos que essa violência não poderia ser vista como algo natural.

Dessa forma, perto da Páscoa, maior festa católica, os membros da paróquia organizaram um evento para denunciar toda aquela violência que já era praticamente corriqueira. Foi elaborada uma romaria que passaria pelos bairros da Paróquia, sendo eles miseráveis ou não, que também tinha como objetivo litúrgico lembrar a morte e ressurreição de Jesus. Entretanto, a romaria era muito mais que isso, pois na sua passagem em determinados lugares, entre orações e cânticos, o padre denunciava toda a violência através de um alto-falante, ou seja, era um movimento de resistência.

Essa postura levou o religioso a ser ameaçado de morte pelos “matadores” locais, mas isso não o intimidou<sup>47</sup>. Todo ano ele e a comunidade continuavam com a romaria, e apesar de morar em um lugar sem muitas condições, através dela, descobri que em minha paróquia havia lugares piores, onde havia muita pobreza, miséria e esquecimento.

Segundo o padre Bruno, a “caminhada” foi um sucesso ao atingir seu objetivo, que era o envolvimento de todas as comunidades.

Nesse momento, é importante ressaltar que na virada das décadas de 1980 para 1990, o Brasil passava por profundas mudanças políticas. Tinha acabado de sair do regime ditatorial e foi elaborada uma nova Constituição, que pregava muitos direitos e noção de cidadania<sup>48</sup>. Essa mudança teve consequências não somente em âmbito nacional, mas como um reordenamento político em muitas regiões pelo Brasil.

---

<sup>47</sup> Aqui não se pode afirmar a veracidade do fato, pois nenhum dos matadores enfrentaram a Igreja, muitos deles até frequentavam. Essa “ameaça” ganhou força, quando, em uma das caminhadas da Romaria, um pistoleiro, aparentemente, armou uma emboscada para o Padre, a qual foi mal sucedida. Contudo, isso ganhou ares de mito e reforçou ainda mais o caráter de resistência que a Romaria da Fé praticava.

<sup>48</sup> A Constituição de 1988 é considerada a “Constituição cidadã” pela ampliação dos direitos sociais descritos em leis específicas.

Com a promulgação da nova constituição, o município recebeu tratamento especial, pois a carta magna garantiu a este, o status de 'ente da federação', ao lado da União e dos estados na arrecadação de tributos de competência federal e estadual. A questão emancipadora não é estritamente uma questão econômica com fins lucrativos para uma parcela da sua população, mas sim uma questão jurídica, político-administrativa e social onde o progresso e a inclusão são umas das principais circunstâncias para a criação de um município<sup>49</sup>.

Belford Roxo foi emancipado no início da década 1990, mas esse processo não trouxe melhorias significativas para o município que insistia em carregar a marca da violência na cidade. O primeiro prefeito eleito, o Joca, era conhecido por sua fama de "matador".

Conversando com alguns moradores, eles relatam que "gostavam" do prefeito. É comum ouvir na cidade que Joca foi um bom prefeito. Mas com um olhar mais crítico, outros se sentiam e sentem abandonados. Segundo o morador Jose Lima, em sua fala, ele diz que não há confiança em políticos, bandidos ou policia, para ele são estão todos na mesma categoria.

Com o passar dos anos, a Romaria, passou a ser uma tradição do bairro. Já não tinha somente a participação dos fiéis assíduos e fervorosos, mas também daqueles que, se consideravam católicos e queriam participar daquela celebração.

Sem querer entrar em polêmica, considero que a Romaria da Fé é uma espécie de Campanha da Fraternidade<sup>50</sup> em nível local. Pois, chama a atenção, todos os anos, não somente para as questões da violência, mas também denuncia e mostra o grande abandono de todos os bairros que fazem parte da Paróquia.

Por incrível que pareça, por mais que essa pesquisa esteja tratando de uma grande área esquecida e abandonada, existem hierarquias entre bairros aqui citados. Existem muros invisíveis que dividem e criam categorias que dividem quem "mora bem" e quem "mora mal".

---

<sup>49</sup> A federação brasileira viu de 1991 a 2001, o surgimento de 1570 novos municípios, o que corresponde a aproximadamente 28,21% do total de municípios existentes. (CIGOLINI, A.; CACHATORI).

<sup>50</sup> A Campanha da Fraternidade é uma campanha realizada anualmente pela Confederação Nacional dos Bispos do Brasil no período da Quaresma. Essa Campanha envolve as comunidades com ações pastorais em todo o país. Ela é marcada pelo empenho de todos em favor da solidariedade e fraternidade. Sempre abordando temas atuais, a cada ano propõe uma transformação social e comunitária. Podem ser desafios sociais, econômicos, culturais ou religiosos da realidade brasileira.

São categorias de lugares não formais como: “atrás do hotel”; “do outro lado da linha”; “depois da ponte”; “lá dentro” e “no XV”. Mas a Romaria passava em todos os lugares, sem distinção de qualquer tipo de dificuldades que poderia aparecer.

Existiam sim, lugares mais afastados que a violência era mais presente. Localidades quer eram utilizados como local para o assassinato de pessoas ou desova de corpos, mas no geral, toda circunscrição da Paróquia e do bairro sofriam com a violência.

A reunião estava marcada para as 19:30 e deveria durar 60 minutos. Na pauta, um único assunto: estratégia de combate a violência. No peito, uma única arma, a fé. As 50 pessoas que compareceram à Igreja de São Simão, no dia 28, ouviram com atenção as propostas do padre Luigi Bruno para a 2ª Romaria da Paz, que será realizada na Semana Santa, uma verdadeira declaração de guerra aos matadores fardados do Vale do Ipê.

Os 70 mil moradores do Lote Xv não podem se intimidar com a presença desses matadores\_ explicou o padre, que abriu democraticamente a reunião para que todos pudessem dar ideias para a procissão. Nessa romaria, vamos passar, à noite, nos lugares considerados mais perigosos aqui da nossa região, para mostrar que não estamos com medo. Fizemos isso ano passado e o resultado foi positivo. Precisamos chamar as autoridades para o abandono desse povo sofrido. Durante três dias da semana, os fiéis farão uma caminhada até os bairros onde a violência chegou ao ponto mais crítico, lembrando o nome das vítimas dos grupos de extermínio e gritarão as palavras de ordem: solidariedade, vida, fraternidade, amizade, verdade, partilha, perdão, paz, justiça, fé e esperança.(...) Infelizmente, chegamos um ponto em que viramos prisioneiros desses matadores\_ disse o Padre Bruno, que recebeu a denúncia, há poucas semanas, de que existe um cemitério clandestino no bairro com nome sugestivo de “ Mata-Moleque”. Não podemos sair de nossas casas à noite e nem temos tranquilidade de deixar nossos filhos sozinhos em casa. O objetivo da romaria é mostrar que somos livres pelo menos para andar no nosso bairro. (O GLOBO,10/03/1991)

Ao ler a reportagem acima, é possível observar o pioneirismo do religioso e seu protagonismo em organizar o ato para chamar a atenção do poder público. De certa forma, a própria reportagem já foi uma vitória. Afinal, o jornal O Globo tinha e tem extrema relevância como órgão de imprensa.

Todavia, ao entrevistar o padre, ele lembrou essa matéria e levantou algumas críticas sobre os dados citados. Primeiro que não era Romaria da Paz, e sim Romaria da fé, e em nenhum momento, ressalta que não levantou nenhuma guerra direta com grupo de extermínio específico, mas sim contra a violência como um todo. Mas de certa forma, a romaria ganhou visibilidade. Padre Bruno fala na reportagem e do medo de alguma represália:

Foi criado a ROMARIA DA FÉ através dos círculos bíblicos, que estavam presentes nos bairros e mais perto da realidade. Foi feita uma reunião no final dos anos de 1980 inícios anos dos 90 na qual esses líderes manifestavam uma necessidade que acontecesse um evento que unisse as forças. Haviam muitos grupinhos, mas espalhados. Se sentiam frágeis também e precisavam se juntar! Daí surgiu a proposta de fazer uma campanha missionária na quaresma. Que no fundo era unir a ideia bíblica, do êxodo, do povo que caminha para sair da escravidão e vai juntando as forças. Aí, na medida que o povo se sentiu forte, sentiu a necessidade de se fazer presente nos lugares de maior desafio. Por exemplo, quando fazíamos caminhadas a noite, passávamos em lugares que nem dizíamos antes por que o povo tinha medo!!! Certa vez, houve um momento de medo, quando o jornal “O Globo” fez uma reportagem sobre a violência no local. De maneira tendenciosa, veio aqui me entrevistou, andou nos bairros e usou a Romaria como caminhada pela paz, e falou que se eu tivesse falado contra os matadores. Ficou tenso.

Medo não, preocupação! Certas coisas não podiam ser denunciadas por que não tinham respaldo. Falar com quem? Não tem respaldo! O que acontece hoje na área do Roseiral. A polícia vai lá, dá tiro, mas está junto com os traficantes. Até o caveirão que assusta tanto, sai de lá cheio de mercadoria, eles fazem a partilha deles também<sup>51</sup> (...) agora, está junto das pessoas, tentar dar esperança para as pessoas de encontrar forças para resistir, dar dignidade... Manter uma chama de resistência, isso que me animou, e já tinha acontecido quando eu cheguei aqui. (...) Eu acompanhei o nascimento disso lá na Vila Aliança<sup>52</sup>.

Durante tantas Romarias da Fé, o que não faltam são histórias e memórias daqueles que se envolveram de alguma maneira. Nos dias que antecediam a Semana Santa eram realizadas várias “pequenas procissões”, a maioria pela noite circulando os bairros. Dona Maria Rivelina Silva, moradora do bairro Lote XV, bairro que de certa forma tinha mais recursos que os outros, ficava assustada com os locais de violência

<sup>51</sup> O Bairro Roseiral faz parte da paróquia e tem uma comunidade dedicada à São Sebastião. Essa localidade ganhou notoriedade nos últimos anos pela presença de facção de traficantes que disputavam territórios com grupos de milicianos. Além do tráfico de drogas existem também o roubo de cargas. O padre cita que o veículo blindado da Polícia Militar, caveirão, entra na localidade e é conveniente com os crimes, saindo com mercadorias oriundas de roubos.

<sup>52</sup> A primeira Igreja que o Padre Bruno veio no Brasil ficava na Vila Aliança, Zona Oeste do Rio de Janeiro. Já na sua chegada, o religioso tinha um forte apelo político social, como ele mesmo diz: “Vim, quase por acaso. Respondi um apelo do papa João XXIII que pedia padres para América Latina, minha diocese me encaminharia para a Argentina. Na última hora, o bispo passou na diocese e encontrou um velho padre Alexandre Língua, um padre revolucionário do jeito dele que era amigo de João Goulart e tinha um histórico de lutas no Brasil, principalmente na época da remoção das favelas para a zona leste. Ai, esse padre pediu para eu ficar com ele no Brasil. Esse padre era da minha aldeia. O padre Alexandre estava desde 1955. Cheguei ao Brasil no final de 1969. Vim de navio na época “quente” da ditadura e por isso haviam muitas “focacas” no Navio. Cheguei 6 de novembro de 1969 e tinham matado Mariguella no dia 4. Além da prisão dos dominicanos: Frei Beto, Frei Tito...e aí as informações eram todas desconhecidas e perigosas. Cheguei nesse clima quente, e fui para a Vila aliança. Chegando lá a primeira briga foi pelo transporte. A região era monopolizada pela empresa Oriental, que não era um serviço público, mas sim um modo de ganhar dinheiro às custas do povo mais pobre. A luta e o engajamento dos jovens conseguiram criar uma linha da Vila aliança para o centro da cidade do Rio, o 395. Foi uma das primeiras lutas aqui no Brasil, no fervor da Ditadura Militar”.

explícita. “O Bruno nos mostrou um local de desova feito pelo “mão branca”, era horrível saber que toda semana alguém era morto ou jogado naquele local”<sup>53</sup>, a senhora completa.

O ápice era a Sexta-feira da Paixão, quando é lembrado a crucificação de Jesus. No primeiro ano, foi construída uma grande cruz, para ser levada em procissão por fiéis até uma comunidade previamente escolhida. Nesse momento de fé, mas também de denúncia, a romaria era ouvida por muitas pessoas graças ao feriado da sexta-feira.

A primeira Romaria ocorreu em 1990, levando a cruz à comunidade de Santa Rita, que fica em um morro, dando assim grande visibilidade.

Figura 19 - Encenação da crucificação de Jesus, Romaria da Fé 2016.



Fonte: Acervo paroquial

Segundo a líder de pastoral, Ana Lucia Santos, ao chegar ao local, eram feitos cânticos e palavras de ordem e justiça. No ano seguinte, mais uma prova de persistência dos fiéis e do padre Bruno. Com o grande simbolismo, o objetivo era levar a cruz, a casa que houve a chacina do Amapá. Que nesse momento já

<sup>53</sup> Segundo José Claudio Souza Alves (2005), Mão Branca, que eram vários grupos de extermínio, atribuindo essas mortes a um único grupo. Mas Mão Branca era um mito, uma ficção e que eliminava na sua grande maioria pessoas negras e pobres da Baixada. É o elemento de preconceito, de discriminação racial, mas sempre naquela lógica: "Estamos matando quem não presta, gente ruim. Bandido bom é bandido morto". A mãe que chora por seu filho que está morto e diz que o filho nunca cometeu nenhum delito, que era uma pessoa honesta e boa, que dizer por trás disso que se fosse bandido até merecia morrer.

pertencia a Paróquia<sup>54</sup> e recebeu o nome de “comunidade Nossa Senhora dos Mártires da Baixada”. Havia um carinho de todos da paróquia pela comunidade, pois violência ocorrida no lugar comoveu a todos. Desta forma o local passou a ser um símbolo de resistência, pois lá eram realizados diversos trabalhos sociais além de , segundo o religioso, deveria também ser um espaço para celebrar a vida, a ressurreição. Deste modo, o local foi muito arborizado, que eram “bastante sinais de vida que deveriam se multiplicar sempre”, palavras do Padre.

Naquele ano, muitas chuvas castigaram toda a Baixada Fluminense, e no dia de levar a cruz, caiu uma grande tempestade. Foi um momento de apreensão e dúvidas. No entanto, o “povo” , como o Padre fala, quis seguir em diante. “Era um momento muito importante”. Como se, desistir, fosse morrer também aquele momento, aquele lugar que já sofria com tanto descaso. Desta forma, no dia 29 de março de 1991, a procissão saiu em direção a comunidade dos mártires, no Jardim Amapá.<sup>55</sup>

Debaixo de muita chuva, enchente, lama, buracos, a procissão seguiu em frente. Muitas adversidades, pois “nada é fácil para o povo da Baixada”, explica Ana Lúcia.

---

<sup>54</sup> A compra da casa foi com a ajuda da Diocese de Fossano, na Itália. Diocese de origem do Padre Bruno.

<sup>55</sup> Importante retomar o raciocínio que os bairros Jardim Amapá e Amapá pertencem a cidade de Duque de Caxias. Contudo, havia um acordo entre as dioceses de Duque de Caxias e Nova Iguaçu, que a Paróquia São Simão fosse responsável pelas comunidades católicas que existiam nesses bairros.

Figura 20 - Romaria Da Fé Com Os Fiéis Andando Em Meio A Ruas Inundadas



Fonte: Acervo paroquial.

Conversando com aqueles que participaram daquele dia, é possível perceber a emoção na fala, na narrativa dos acontecimentos. Foi o momento marcante de todas as procissões, pois havia um simbolismo muito grande em levar a cruz, que tinha uns 5 metros de altura e pesava uns 250 Kg. A comunidade Nossa Senhora dos Mártires representava toda a resistência e aquele ano foi a consolidação da Paróquia São Simão como espaço de luta e denúncia.

Uma das canções tema, ao comparar o evento do Êxodo<sup>56</sup> com a libertação dos oprimidos, diz muito da inclinação política que a Romaria defendia:

Bendita e louvada seja esta romaria Bendito o povo que marcha, bendito o  
povo que marcha,

tendo Cristo como guia

Sou, sou teu, Senhor,

sou povo novo, retirante e lutador, Deus dos peregrinos, dos pequeninos,  
Jesus Cristo redentor.

No Egito, antigamente, no meio da escravidão, Deus libertou o seu povo.  
Hoje ele passa de novo gritando a libertação

Para a terra prometida o povo de Deus marchou, Moisés andava na frente.  
Hoje Moisés é a gente quando enfrenta o opressor.

<sup>56</sup> Êxodo é o segundo livro do Antigo Testamento (Bíblia), e seu tema principal é a história de Israel após a Gênese, passando pela libertação dos hebreus do Egito.

Bendito dos romeiros

Zé Vicente

É importante mencionar que ao fazer essa pesquisa, percebemos que o Padre Bruno não se enxerga como protagonista, mas sim como mais um ator nessa engrenagem contra a violência. Ele sempre cita Dom Adriano Hipólito como referência e o “povo da Baixada”.

De todo modo, considero que a Romaria da Fé se firmou como uma significativa ação educativa, um momento no qual toda a comunidade se envolve para, não somente celebrar e rememorar a morte e ressurreição de Jesus, mas também, dar visibilidade a uma situação de extrema marginalização, buscando sensibilizá-la para a sua desnaturalização.

No ano de 2019, ano que escrevo essa dissertação, a Romaria, mais uma vez vai percorrer os locais mais violentos da Paróquia. Nesse momento, não existem mais os grupos de extermínio, mas outras configurações de criminosos que ainda dominam territórios e levam terror para a população. Na área de abrangência da paróquia,, há territórios dominados por milícias e quadrilhas de traficantes de drogas. E mais uma vez, essa violência é patrocinada por agentes públicos de segurança, em sua grande maioria, policiais militares<sup>57</sup>. Com relação aos serviços públicos, a população continua refém do descaso, abandono e esquecimento das autoridades.

### 3.3.4 Outras formas de resistência

Além da violência física, que extermina e oprime, existia sempre a violência simbólica, a qual exclui pelos meios da linguagem.

Tavares dos Santos (2009), numa reflexão a partir das ideias de Michel Foucault e de Pierre Bourdieu, define a violência como uma forma de sociabilidade “na qual se dá a afirmação de poderes, legitimados por uma determinada norma social, o que lhe confere a forma de controle social: a violência configura-se como um

---

<sup>57</sup> 56 As milícias, com a participação de policiais e ex-policiais, controlam o comércio, vendendo segurança privada, além da exploração de vários serviços clandestinos. Já os traficantes, concentrados nas comunidades do Jardim Ipê, Roseiral, Maringá, Vale das Mangueiras e Parque Esperança, praticam além do tráfico, o roubo de cargas. Durante a entrevista com o Padre Bruno, ele comentou que moradores relatam que o blindado da polícia entra no Roseiral para combater o roubo e carga, mas se apropriam da mercadoria roubada, colocando-as no veículo.

dispositivo de controle, aberto e contínuo”. Mas a violência não seria apenas a sua manifestação institucional, pois a “força, coerção e dano em relação ao outro, enquanto um ato de excesso presente nas relações de poder” estaria “. “Seja no nível macro, do Estado, seja no nível micro, entre os grupos sociais” (Idem, p 46).

Sua forma social contemporânea estaria expressa no “excesso de poder que impede o reconhecimento do outro — pessoa, classe, gênero ou raça — mediante o uso da força ou da coerção, provocando algum tipo de dano, configurando o oposto das possibilidades da sociedade democrática contemporânea” (ZALUAR & LEAL, 2000, p 148).

Nesse sentido, a Romaria da Fé não somente denunciava a violência no bairro, como também outros tipos de violência na localidade, como falta de saneamento básico, ausência de escolas de qualidade, desemprego, fome e desnutrição infantil. Por consequência, foram realizadas várias ações que serviram para minimizar esses problemas que seriam de responsabilidade do poder público.

Acredito que essas ações podem ser consideradas outras resistências organizadas pela Igreja São Simão. Atualmente a Paróquia abrange vários bairros, formando uma grande comunidade com os mesmos objetivos, buscando justiça social, através de ações que englobam todas as comunidades envolvidas:

Figura 21 - Cartaz convocando para Ação Social no espaço da Igreja

**AÇÃO SOCIAL**  
**CIDADANIA EM MUTIRÃO**  
*5ª Edição*

- Emissão de documentos
- Isenção para 2.ª via de identidade e Certidão de Nascimento
- Emissão de Carteira de Trabalho
- Atendimento médico
- Corte de Cabelo
- Posto de atendimento do INSS
- Aplicação de Flúor, diversas atividades esportivas
- Tenda de Fisioterapia
- Limpeza de pele
- Recreação Infantil, exercício para 3.ª Idade
- Entre outros serviços

**02**  
**Junho**  
SÁBADO  
9 às 14 horas

**Traga foto e documentos**  
**VENHA PARTICIPAR E**  
**TRAGA SUA FAMÍLIA**

**Local: Centro Cultural Dom Hélder**  
**Câmara (Antiga quadra S. Simão)**  
**R. Iporanga, sn - Lote XV - Belford Roxo**  
**(Ao lado do DPO)**

Fonte: Página do Facebook da Paróquia. 2017

As comunidades que compõe a paróquia são:

**SÃO BENEDITO.** Rua Alegre, 14. Parque Esperança - Belford Roxo

**NOSSA SRA. APARECIDA.** Rua Izolda, 30. Wona - Belford Roxo - RJ

**DIVINO ESPÍRITO SANTO.** Rua Paulicéia, 10. Vale das Mangueiras - Belford Roxo

**SÃO SEBASTIÃO.** Rua Clara Neiva, 19. Parque União - Belford Roxo - RJ

**SAGRADA FAMÍLIA.** Rua Taveira, s/n. Parque dos Ferreiras - Belford Roxo - RJ

**SANTA RITA.** Rua Santa Rita, s/n. Santa Rita - Belford Roxo - RJ

**NOSSA SRA. DE FÁTIMA.** Rua Emília Marcondes, s/n. Vasco - Belford Roxo – RJ

**NOSSA SRA. DA GLÓRIA.** Rua Antônio Mariano, s/n. Outeiro - Belford Roxo - RJ

**SÃO PEDRO.** Rua Beira Rio, s/n. São Pedro - Belford Roxo – RJ

**NOSSA SRA. DA GLÓRIA.** Rua Dalva de Oliveira, 286. Parque Amorim - Belford Roxo – RJ

**SÃO JOÃO BATISTA.** Rua Eurípedes, 42. Jardim do Ipê - Belford Roxo – RJ

**SÃO FRANCISCO DE ASSIS.** Rua Manuel de Sá, 2. Vale do Ipê - Belford Roxo – RJ

**SANTA RITA.** Rua Guaporé, 668. Amapá - Belford Roxo – RJ

**SÃO JOÃO BATISTA.** Igarapé, Lt.2 Qd.22. Maringá - Belford Roxo – RJ

**SÃO SEBASTIÃO.** Rua Luiza Ribas, 9. Roseiral - Belford Roxo – RJ

**NOSSA SRA. DA CONCEIÇÃO.** Rua Violeta Grifont, s/n. Itapoã - Belford Roxo – RJ

**SAG. CORAÇÃO DE JESUS.** Rua Henrique Dias, 02. Jardim Maringá - Belford Roxo – RJ

**SANTA CLARA.** Rua Luciano Vena, s/n. Jardim dos Pinheiros - Belford Roxo

**SANTA HELENA E NOSSA SENHORA DA PAZ.** Av. Automóvel Clube, Lt.2 Qd.3. Santa Helena - Belford Roxo – RJ

**NOSSA SRA. DOS MÁRTIRES DA BAIXADA.** Rua A, 6. Jardim Amapá – Duque de Caxias – RJ

**SÃO SIMÃO.** Rua Padre Egídio Camerlynck, 78 Lote XV - Belford Roxo – RJ

*Fonte: Site da Diocese de Nova Iguaçu.*

Ainda na década de 1990 houve um engajamento muito grande por parte da juventude na Paróquia, participando dos chamados “grupos de jovens”, “grupos de perseverança” e “grupos de preparação para o sacramento do crisma”. Influenciados pelo trabalho educativo da Paróquia, esses jovens tomaram as rédeas de muitos movimentos sociais na região e foram responsáveis por diversos serviços prestados à população. Segundo Elaine Nery, que foi professora voluntária de alfabetização de adultos na paróquia, além de fazer esse trabalho social, era gratificante ver pessoas, muitas vezes, idosas, aprenderem a ler e a escrever.

Aqui, peço licença acadêmica em rememorar alguns eventos que eu também participei. Sem a pretensão de expor algum tipo de julgamento, mas sim referendar o que pesquisei, sendo uma testemunha dos fatos a seguir.

Em 1994, foi feito um curso de eletrônica para profissionalizar jovens e melhorar seus currículos para o ingresso no mercado de trabalho. Com o apoio de fiéis que detinham conhecimento técnico, além da participação de outros membros não participantes, o curso ajudou a profissionalizar centenas de pessoas em um momento que o país passava por profundas transformações econômicas<sup>58</sup>.

Já no ano 1996, foi criada na paróquia a Campanha da Solidariedade, inspirado nos ideais do sociólogo Herbert de Souza, o Betinho<sup>59</sup>. Havia movimentos populares que iam às comunidades mais vulneráveis para fazer um levantamento do número de crianças de crianças desnutridas e oferecer maneiras de superar essa situação. O modelo usado foi o criado pela médica Zilda Arns<sup>60</sup>, no qual era utilizado

---

<sup>58</sup> Em 27 de fevereiro de 1994 com a publicação da medida provisória número 434, foi elaborado o Plano Real, que tinha como objetivo a estabilização e reformas econômicas para conter a inflação.

<sup>59</sup> Herbert José de Souza foi um sociólogo que criou uma campanha não governamental chamada de Ação da Cidadania contra a Fome, a Miséria e pela Vida. Essa campanha estimulava a participação cidadã na construção e melhoria das políticas públicas sociais.

<sup>60</sup> Foi uma médica sanitarista (1934-2010) que se empenhou no combate a desnutrição infantil no Brasil, fundou a Pastoral da Criança. Morreu vítima do terremoto ocorrido na cidade de Porto

um complemento nutricional chamado de multimistura<sup>61</sup>. Não há dados quantitativos dos resultados dessa iniciativa, mas era visível a melhoria de condições de nutrição daquelas crianças nas regiões mais pobres da Paróquia.

Aquele ambiente de solidariedade influenciava a todos. Numa época ainda sem redes sociais e telefones celulares, ali amadurecia um senso crítico que se espalhava por toda a paróquia, principalmente os mais jovens. Certa vez, acompanhei uma amiga que fazia o curso de serviço social e ajudava uma família de mãe solteira e 5 filhos, na qual todos tinham tuberculose. Tudo aquilo me chamava- a atenção, pois tinha o apoio do Padre que era uma referência para toda aquela juventude do bairro. Nos dias atuais, os movimentos de resistência continuam atuantes. Por exemplo, existe uma farmácia comunitária que funciona com doações feitas por moradores. Um farmacêutico, em dias pré-determinados, vai a paróquia e atende pessoas pobres que precisam de algum remédio, desde que tenham a receita.

Figura 22 - Cartaz Incentivando A Doação De Remédios.



Fonte: Acervo paroquial

Com o grande avanço da tecnologia, mais e mais pessoas se interessam por aprender a informática, pois é algo que está presente no nosso dia-a-dia. Em tempos de modernidade de comunicação, há também incentivos a parcela da população idosa a ser inserida nesse mundo digital. A população idosa que, por fatores de transição

---

Príncipe, Haiti, no dia 12 de janeiro de 2010.

<sup>61</sup> À farinha múltipla ou multimistura é atribuído valor como suplemento/complemento alimentar por conta do teor e variedade dos nutrientes que possui, vindo a sua utilização, por esse motivo, sendo preconizada para recuperação/reequilíbrio nutricional.

e especificidades, fica excluída do processo de inclusão tecnológica, tem na sociedade da informação uma nova chance de reconstruir seus referenciais afetivos, familiares e sociais. Abraçando essa ideia, a Paróquia promove cursos de inclusão a informática da população idosa.

Figura 23 - Folder De Divulgação Para A Inclusão Digital De Idosos.



Fonte: Acervo paroquial.

Outra resistência que é feita dentro dos espaços da igreja, e essa, atinge diretamente os jovens, é o Curso Pré-Vestibular Comunitário. Numa das visitas que eu fiz ao espaço, conversei com alguns professores e eles diziam que a maioria dos alunos eram oriundos de escolas públicas do bairro e havia um engajamento muito grande de todos.

Figura 24 - Sala De Aula Do Curso Pré-Vestibular



Fonte: O autor, 2019

Segundo o coordenador do curso, George Ferreira Lau, essa iniciativa tem um saldo muito positivo. Cerca de 60% dos alunos conseguem ingressar no nível superior, em universidades públicas ou em universidades privadas com bolsas. Nesse espaço, além das disciplinas preparatórias para as provas do ENEM, são realizadas palestras com debates dos mais variados assuntos, sempre com um cunho social. Sexo, drogas, política, violência estão entres os temas já discutidos. Quando possível, a coordenação do curso traz ex-alunos para contar sua experiência, como foi o meu caso. Importante ressaltar, que em nenhum momento, há espaço para algum tipo de catequização, mesmo sendo dentro de um espaço religioso.

O nome do curso preparatório é bem provocativo e emblemático, chama-se Paulo Freire. O coordenador do curso, George, é membro ativo da Paróquia e, junto com o padre Bruno foram os idealizadores do curso. Era preciso criar um espaço para a preparação dos jovens, um movimento de resistência contra a falta de oportunidade daqueles jovens.

Figura 25 - Cartaz divulgador do curso.



Fonte: Acervo paroquial

Ao entrar no curso, é feito um questionário socioeconômico dos alunos e é paga uma taxa simbólica de manutenção. Os professores são voluntários, muitos são ex- alunos estudantes de cursos de licenciatura. George conta que o bispo diocesano O coordenador do curso George conto que o então bispo de Nova Iguaçu, Dom Luciano Bergamin, visitou o espaço recentemente e falou que espaços como esse são espaços de resistência contra violência urbana, pois provocam “uma

Revolução”. Desse modo, concluo que não seria uma revolução de massa, mas uma revolução de um povo que existe, insiste e resiste.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao realizar essa pesquisa, deparei-me com muitas memórias esquecidas de uma população silenciada pelas dificuldades impostas pela violência e pelas condições precárias de moradia, típicas das periferias urbanas pelo país. Não foi o nosso objetivo traçar uma espécie de autobiografia, com muitas narrativas e testemunhos do pesquisador como alguém que vivenciou, durante parte da sua vida, a realidade estudada. Procuramos sempre manter o rigor metodológico, como deve ser uma dissertação, valorizando as memórias individuais e coletivas. Focamos nas ações de resistência da Paróquia São Simão contra as consequências da violência urbana no bairro do Lote XV, mas não poderíamos deixar de citar outros tipos de violência que também alimentam uma situação de exclusão e sofrimento para essa população.

Chegamos à conclusão de que as intervenções feitas pela Paróquia ajudaram e ajudam a minimizar tais consequências e a criar um sentimento de luta por justiça social envolvendo boa parte da comunidade.

É a Igreja, naquele lugar, naquela periferia, que cria movimentos em favor dos mais desfavorecidos, ou seja, as ações de pessoas que usaram a instituição religiosa como instrumento a favor da justiça social. Nesse sentido, entendo que algumas ações desenvolvidas pela Paróquia, como a Romaria da Fé, funcionam como importantes estratégias políticos-educativas.

Revisitei também minhas memórias, afinal, eu fui testemunha de muitos fatos descritos aqui nessa pesquisa. Vi o crescimento dos grupos de extermínio com suas chacinas e engajei nas atividades da Igreja. Foi nesse espaço que criamos sentimento de comunidade e pertencimento, além de buscar justiça social. Ao tornar-me guarda municipal, pude conhecer pessoalmente, muitos agentes públicos de segurança que fizeram parte dos matadores que eu via na minha infância e conhecer de perto o que eles pensam. Essa experiência ajudou-me a realizar essa pesquisa e fazer um registro acadêmico dessa história de exclusão, luta e resistência do bairro Lote XV. Com certeza, uma das palavras mais repetidas aqui foi essa: resistência. Essa é a palavra que o padre Bruno sintetizou todas as ações do “povo da paróquia na caminhada”.

Em muitos aspectos, a Baixada Fluminense, não é muito diferente de outras regiões marginalizadas do país, no que se refere a uma presença bastante

problemática do poder público. José Claudio de Souza (2018), ao analisar as consequências da violência, chama-nos atenção que o traço mais forte é o extermínio de pessoas, geralmente, negros, usuários de drogas, numa construção de identidade de um inimigo, “o marginal”. Essa percepção ajuda a estigmatizar a Baixada, criando uma zona de terror. As ações criminosas, na maioria dos casos, com a participação de agentes públicos de seguranças e também a conivência de outros funcionários de diferentes esferas públicas criaram, historicamente, uma rede de corrupção a favor da exclusão. Após a ditadura civil-militar houve um aumento dos casos de homicídios e o apoio político, recrudescendo a violência e a exclusão. Mas qual seria o motivo dessas ações criminosas? Souza afirma que há uma lógica capitalista que visa o lucro, em cima dessa população pobre. Quanto mais pobreza, quanto mais periferia, quanto mais criminalizado e quanto mais violento for, melhor... mais se ganha, mais se expropria, mais se tira. Os antigos grupos de extermínio agiam por uma limpeza étnica, uma faxina contra os marginais, como uma “oferta de proteção” passando pela sofisticação para as atuais milícias, é a sede de ganhar dinheiro através do medo. Forma-se assim, uma estrutura de poder, cooptando a população.

Nesse período, a única instituição que vai defender essa população marginalizada é a Igreja Católica, através da diocese de Nova Iguaçu com seu Bispo Dom Adriano Hypólito. Sua luta pela defesa dos direitos humanos e a denúncia contra os horrores no período ditatorial, fizeram a repressão do regime olhar com mais cuidado a região da Baixada Fluminense.

Além da diocese, a Paróquia São Simão agiu em defesa de uma população tão marginalizada, estigmatizada e esquecida. Sob a luz da Teologia da Libertação, a Igreja da Baixada, torna-se uma referência pela busca de justiça social. Ao usar os ritos litúrgicos e festivos como instrumentos de resistência, Dom Adriano e Padre Bruno, buscaram minimizar os problemas e conscientizar a população para a construção de um mundo mais justo. Ainda assim, buscando justiça, esses atores sofreram pressões dentro mesmo da instituição.

A violência das periferias tem várias facetas e não pode ser somente encarada como aquela que causa dor e morte, ela também é psicológica e simbólica. Vendo isso, a Paróquia São Simão elaborou outras resistências, não com a pretensão de ocupar ou tomar a responsabilidade que é de ofício do poder público, mas sim não esperar pelo poder público.

Por fim, o Padre Bruno, que aqui é um dos principais atores, é uma

referência para toda aquela localidade, quer sejam católicos ou não. Numa pesquisa simples no site de busca Google, é fácil encontrar vídeos e reportagens desse religioso tão atuante. Contudo a pesquisa chama a atenção pelas diferentes observações de periferia que é dado por quem está “de fora”. O que foi pesquisado nessa dissertação serve de exemplo para outras pesquisas em lugares também esquecidos. Chamo a atenção que algumas periferias parecem ter mais atenção do que outras, criando uma exclusão dentro da exclusão. Sendo assim, mesmo sendo uma localidade, amplamente à margem dos recursos públicos, há um esquecimento generalizado. Outras periferias parecem ser privilegiadas, mesmo sendo periferia.

Desta forma, foi a Paroquia São Simão que deu e dá voz a uma população esquecida, mas que tem a luta pela justiça social como sua bandeira.

## REFERÊNCIAS

- ACERVO DIGITAL JORNAL O GLOBO. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/>. Acesso em: 24 out. 2018.
- ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. Rio de Janeiro FGV Editora, 2004.
- ALMEIDA, Rubens de. Belford Roxo também tem histórias para contar. **Revista Pilares de História**, Duque de Caxias, v. 8, n. 9, p 69-76, 2009
- ALVES, José Cláudio Souza. **Dos barões ao extermínio**: uma história da violência na Baixada Fluminense. APPH, 2002.
- \_\_\_\_\_. Violência e política na Baixada: o caso dos grupos de extermínio. **Impunidade na Baixada Fluminense**, 2005.
- AMARO, Tania. BAIXADA FLUMINENSE. **Revista Pilares de História**, Duque de Caxias, v. 8, n. 9, p 7- 9, 2009.
- ARAUJO, Genilson. Duque de Caxias estima em 100 mil os afetados pela chuva. **Portal G1**, 04 jan. 2013. Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2013/01/duque-de-caxias-estima-em-100-mil-os-afetados-pela-chuva.html>. Acesso em : 02 out. 2018.
- ARQUIVO NACIONAL. Disponível em <http://www.arquivonacional.gov.br/br/>. Acesso em: 10 maio 2018.
- ASSIS, João Marcus Figueiredo. **Negociações para o convívio no catolicismo na Diocese de Nova Iguaçu-RJ**. Rio de Janeiro, 2008.
- ATLAS ESGOTOS. Disponível em [www.atlasesgotos.ana.gov.br](http://www.atlasesgotos.ana.gov.br). Acesso em 30 jan. 2018.
- BASTOS, Valéria Pereira. O fim do lixão de Gramacho: além do risco ambiental. **O Social em Questão**, Rio de Janeiro, v. 33, p. 265-288, 2015.
- BELFORD Roxo: A cidade do amor. **Geografia urbana UFRRJ**, 3 dez. 2014. Disponível em: [geografiaurbanaufrrj.blogspot.com/2014/12/belford-roxo-cidade-do-amor.html](http://geografiaurbanaufrrj.blogspot.com/2014/12/belford-roxo-cidade-do-amor.html) . Acesso em 14 nov. 2018.
- BELFORD ROXO (RJ). Prefeitura Municipal. Disponível em: [www.belfordroxo.gov.br](http://www.belfordroxo.gov.br). Acesso em: 2 jul. 2017.
- BOFF, Leonardo. **Teologia do cativo e da libertação**. Petrópolis – RJ: Editora Vozes, 1980.
- BOLTTARI, Elenilce. Matadores de Aluguel: mercado cresce na Baixada. **O Globo**, 2 set. 1990. p 38.
- BOTTARI, Elenice. Polícia Civil realiza Operação Capa Preta para prender 34

milicianos de Caxias. **O globo**, 21 dez 2010. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/policia-civil-realiza-operacao-capa-preta-para-prender-34-milicianos-de-caxias-2907627> Acesso em: 20 mar 2018.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 2 ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1982.

BRIGGS, Asa. O conceito de lugar. **A humanização o meio ambiente**. Simpósio do Instituto Smithiniano SP, 1972.

BRUM, Mario Sergio Ignácio. Opção pelos Pobres: A Pastoral de Favelas e a reorganização do movimento de favelas no Rio de Janeiro na Redemocratização. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 31, n. 65, p. 413-432, 2018.

CARVALHO, Liandra Lima. Baixada Fluminense? “Nunca fui, mas me disseram!” – Uma análise da produção acadêmica sobre esse território. **Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades**, Duque de Caxias, v. 15, n. 41, p. 04-16, 2017.

CENTRO DE MEMÓRIA RAIZES DO AMAPÁ. Disponível em: <http://raizesdoamapa.blogspot.com/2011/07/chacina-do-bairro-amapa.html>. Acesso em: 20 out. 2018.

CIGOLINI, A.; CACHATORI, Thiago Luiz. Análise do processo de criação de Municípios no Brasil. **Colóquio Internacional de Geocrítica**, v. 12, 2012.

CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica**. Rio de Janeiro: EdUFRJ, 1998.

COSTA, Heloísa Raquel Inácio. “**Bastam seis dias**”: a domesticação da água e a plataforma republicana na Revista Ilustrada. Brasília: UNB, 2017.

DE ALMEIDA, Fábio Chang. O historiador e as Fontes digitais: uma visão acerca da internet como Fonte primária para pesquisas históricas. **AEDOS**, Porto Alegre, v. 3, n. 8, 2011.

DE MEDELLÍN A PARECIDA. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=3hU6qG2QVCA&t=708s>>. Acesso em: 22 nov. 2018.

DE MENDONÇA, Sonia Regina. Estado, violência simbólica e metaforização da cidadania. **Tempo**, Niterói, v 1, n 1, 1996. EdUFF

DOMINGUES, Álvaro. (Sub)úrbios e (sub) urbanos – o mal-estar da periferia ou a mistificação dos conceitos? **Geografia** – Revista da faculdade de Letras, Porto, série, v. 10, 11, p. 5-18, 1994/95.

FIRJAN. Disponível em: [www.firjan.com.br/ifdm/destaques/estados/ifdm-2015-rj-baixada-baixada-fluminense-concentra-tres-dos-10-menores-indices-de-desenvolvimento-socioeconomico-do-estado-do-rio](http://www.firjan.com.br/ifdm/destaques/estados/ifdm-2015-rj-baixada-baixada-fluminense-concentra-tres-dos-10-menores-indices-de-desenvolvimento-socioeconomico-do-estado-do-rio). Acesso em: 02 fev. 2018.

FRANÇA, Maria Renata. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/amusementbrasil/7581968880>. Acesso em 13 de janeiro de 2019.

FREIRE, Leticia de Luna, GONÇALVES, Rafael Soares, SIMÕES, Soraya Silveira. Uma Cruzada do século XX: iniciativas católicas no campo das políticas habitacionais na França e no Brasil. **Antropolítica: Revista Contemporânea de Antropologia**, Niteroi, n. 29, 2010.

GALDO, Rafael. Baixada Fluminense: os dilemas de uma população numerosa e carente de serviços básicos. **O Globo**, 18 set. 2014. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/baixada-fluminense-os-dilemas-de-uma-populacao-numerosa-carente-de-servicos-basicos-13968398>. Acesso em 11 de novembro de 2018.

GIDDENS, Anthony. **Em defesa da sociologia**: ensaios, interpretações e trélicas. São Paulo: UNESP Editora, 2001.

GRUPO DE REDE SOCIAL DA PARÓQUIA SÃO SIMÃO. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/paroquiasaosimao/>. Acesso em: 10 dez. 2018.

GUTIÉRREZ, Gustavo. **A força histórica dos pobres**. Petrópolis: Vozes, 1975.

HALBWACHS, Maurice. **A memória Coletiva**. São Paulo: Vértice/Editora dos Tribunais, 1990.

IBGE. Disponível em <http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/painel.php?lang=&codmun=330045&search=%7Cbelford-roxo>. Acesso em: 5 jul 2017.

INFOGLOBO. Disponível em [:https://www.infoglobo.com.br/mapa+baixada+fluminense&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=0a.html](https://www.infoglobo.com.br/mapa+baixada+fluminense&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=0a.html) . Acesso em 12 mar. 2011.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Rio de Janeiro, 28 fev. 1983. p 9.

JOVCHELOVITCH, S.; BAUER, M. W. A entrevista narrativa. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som** — um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 90- 113.

KARAWAJCZYK, Mônica. O jornal como documento histórico: breves considerações. **Historiæ**, Rio Grande, v. 1, n. 3, p. 131-147, 2011.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

LIBANIO, João Batista. **Concílio Vaticano II**: Em busca de uma primeira compreensão. São Paulo: Loyola, 2005.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista brasileira de ciências sociais**, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 11-29, 2002.

MAINWARING, Scot. **A Igreja católica e a política no Brasil, 1916-1985**. São Paulo: Brasiliense 1989.

MAPA de Belford Roxo. **Notícias De Belford Roxo**, [s.d]. Disponível em:

<http://noticiasdebelfordroxo.blogspot.com.br/p/mapa-de-belford-roxo.html>. Acesso em 30 jan. 2018.

MISSE, Michel. As ligações perigosas: mercado informal ilegal, narcotráfico e violência no Rio. **Contemporaneidade e educação**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, 1997.

MONDIN, B. **Os teólogos da libertação**. São Paulo: Paulinas, 1980.

MORIN, Edgar. **O Método 3 - O Conhecimento do Conhecimento**. Mem Martins: Europa-América. 1996.

MUSEU VIVO SÃO BENTO. Disponível em: [www.museudivodosaobento.com.br](http://www.museudivodosaobento.com.br). Acesso em: 2 jul. 2017.

O DIA. Pesquisa mostra que sete cidades da Baixada não tratam esgoto. **O dia**, 29 set. 2017. Disponível em : [odia.ig.com.br/\\_conteudo/riodejaneiro/odiabaixada/2017-10-01/pesquisa-mostra-que-sete-cidades-da-baixada-nao-tratam-esgoto.html](http://odia.ig.com.br/_conteudo/riodejaneiro/odiabaixada/2017-10-01/pesquisa-mostra-que-sete-cidades-da-baixada-nao-tratam-esgoto.html). Acesso em: 19 mar. 2018.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista estudos históricos**, Rio de Janeiro, 2.3, 3-15, 1989.

PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos. Narração, interpretação e significados as memórias e nas Fontes orais. **Tempo**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 59-72, 1996.

PROGRAMA SEM CENSURA. Entrevista com José Claudio de Souza, 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=kEM5rG9SKD0&t=2110s>> . Acesso em: 15 dez. 2018.

RAULINO, Sebastião Fernandes. 50 anos de Reduc: Momento para reflexão sobre desigualdades e injustiças ambientais relacionadas às indústrias do petróleo, Petroquímica e Química. **Revista Pilares de História**, Duque de Caxias, v. 10, n. 12, p 39-52, 2011.

REPOSITÁRIO DA Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Disponível em [www.repositorio.im.ufrj.br](http://www.repositorio.im.ufrj.br). Acesso em 20 ago 2018.

RIO DE JANEIRO (RJ). Governo do Estado. Disponível em: [www.rj.gov.br/web/informacaopublica/exibeconteudo?article-id=1043614](http://www.rj.gov.br/web/informacaopublica/exibeconteudo?article-id=1043614). Acesso em 3 jul. 2019.

RIO ON WHATCH. Disponível em: [riononwatch.org.br/?p=30088](http://riononwatch.org.br/?p=30088). Acesso em: 30 jan. 2018.

SAID, Edward W. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SANTOS, José Vicente Tavares dos. **Violências e conflitualidades**. Porto Alegre : Tomo Editorial, 2009.

SILVA, C. A. L. Política, financiamento e análise da educação básica em Belford Roxo- IDEB, IFDM, IDH. **Almanaque Multidisciplinar de Pesquisa**, Belford Roxo,

v. 1, n. 1, 2017.

SIMON, Cristiano Gustavo Biazzo. **Os campos dos senhores**: UDR e elite rural, 1985/1988. Londrina: Editora Uel, 1998.

SOTENOS, Abner Francisco. **A igreja vigiada**: a visão da comunidade de informações sobre a atuação político-religiosa do bispo d. Adriano Hipólito 1974-1985. XV Encontro Regional de História - ANPUH-Rio 2012.

SOUSA, Josinaldo Aleixo de. **Sociabilidades emergentes, implicações de dominação de Matadores na periferia e traficantes nas favelas**. Dissertação (Doutorado em Sociologia e Antropologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, universidade Federal do Rio de Janeiro . Rio de Janeiro 2001.

SOUZA, Marlúcia Santos de. **Escavando o passado da cidade**: História Política da Cidade de Duque de Caxias. Niterói: edUFF, 2002.

TELLES, Vera Silva. Direitos Sociais: afinal do que se trata? **Revista USP**, São Paulo, v. 37, p. 34-45, 1998.

TERMINAL Rodoviário do Lote XV e centro comercial são reinaugurados, em Belford Roxo. **Jornal Destaque Da Baixada**, 25 jun 2018. Disponível em : <https://www.jornaldestaquebaixada.com/2018/06/terminal-rodoviario-do-lote-xv-e-centro.html> . Acesso em: 08 nov. 2018.

VEIGA, Alfredo César da. **Teologia da Libertação**: Nascimento, expansão, recuo e sobrevivência da imagem do excluído dos anos 1970 à época atual. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

VELHO, G. Observando o familiar. In: NUNES, E. de O. (Org.). *A aventura sociológica*: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 36-47.

ZALUAR, Alba; LEAL, Maria Cristina. Violência extra e intramuros. **Red Revista Brasileira de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, n 16 p 145-64, 2000.

**ANEXO A - Divulgação do encontro da pastoral operária com a participação de paroquianos.**

JF.38F.57.21P.235

COMISSÃO PASTORAL  
OPERÁRIA:

Em Vilar dos Teles encerrou uma semana de estudo sobre a realidade de ser trabalhador, pai de família, sindicalista e evangelizador em suas comunidades. Esse curso teve uma permanência de 38 a 45 pessoas diários e já marcaram a continuidade pois acharam muito importante desenvolver o trabalho em seus bairros. Todos os últimos sábados do mês estarão revisando suas ações como operários engajados dentro de uma visão transformadora em Cristo.

=====  
Sábado dia 9 de agosto a Comissão de Pastoral Operária se reuniu mais uma vez para estudar e avaliar a caminhada dos grupos de Pastoral Operária.

Os membros da comissão são:

- 1- José Soares (Dico) LXV
- 2- José Garcia (JOC) S EL
- 3- Pedro Gancalves - Rio
- 4- Raimundo de Carvalho - Maringa
- 5- Vitória da Silva - Vale do Ipê
- 6- Isaias Franco - V Ipê
- 7- José Ferreira - S. Am.
- 8- M<sup>a</sup> José - Km 32
- 9- Edrízio - Roseiral
- 10- Francisco - Sumaré

11- Sueli - Piam

12- Pe Agostinho Preto - N.I.

Os nossos acesores: Ivo, Adair, Sérgio, irmã Blandina. Quem nos recepcionou era o Pe. Patrício da paróquia do Vilar dos Teles.

=====  
Todos vocês que leem o nosso informativo e é metalúrgico, ou tem um filho que é metalúrgico procure as comunidades de Vale do Ipê, P. União, Itapoã ou a paróquia do Lote XV. Juntos começaremos nos organizar a nossa participação junto as delegacias sindicais, pois aí vem a CAMPANHA SALARIAL e a ELEIÇÃO de uma nova diretoria para o SINDICATO dos METALÚRGICOS e só nós participando podemos ter melhores salários.

Com. de Past. Op.

\*\*\*\*\*

QUERIDOS AMIGOS,

Embora um pouco tarde, queremos agradecer a todos vocês que demonstrando sua amizade, nos apoiaram pela ocasião do falecimento de Antônio, e mesmo depois temos contado sempre com o carinho e a compreensão de vocês.

Um sincero abraço de agradecimento de

Zulenita, Eunice,  
Ricardo, Cláudio, Helena  
e Fátima.

\*\*\*\*\*

Fonte: Acervo Paroquial

ANEXO B - Prospecto convocando os trabalhadores à luta

DF. 50F. 39. 2P. 039

**FORMATAMOS!**

PARÓQUIA SÃO SIMÃO

Lote XV, 7 de setembro de 1980. Nº 10


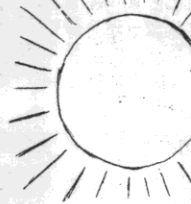


**TER FE**

É ACOMPANHAR A ELE.  
ANDAR NO SEU TRILHO.  
NASCER DE NOVO.

É SE UNIR COM OS COMPANHEIROS  
DE TRABALHO, DE LUTA,  
SE COMPROMETER COM ELLES,  
DEFENDER OS MAIS FRAGOS,  
LUTAR PELO DIREITO DE SER  
GENTE LIVRE.  
TRABALHAR PELA JUSTIÇA.

É TER CONSCIÊNCIA QUE ACIMA DO HOMEM  
SÓ EXISTE DEUS, QUE É PAI DE TODOS  
E QUE TODOS OS HOMENS SÃO IGUAIS.

**POR ISTO, TER FE É TAMBÉM**  
NÃO ACEITAR A OPRESSÃO DOS GRANDES  
E PODEROSOS. NÃO SE CONFORMAR  
COM A INJUSTIÇA, A MENTIRA, O ÓDIO -  
PARA SER CRISTÃO É PRECISO SER  
CORAJOSO E SINCERO!

Fonte: Acervo Paroquial

## ANEXO C - Cartaz divulgando um encontro de movimento negro dentro da paróquia.

37-2857-2/R.038

MOVIMENTO NEGRO:

No dia 27 de julho encontrou-se na paróquia de Lote XV, Negros de Nosso Baixada Fluminense. O encontro teve início às 9 horas e estavam presentes as paróquias de Piam, Santa Rita, Cruz do Sul, Mesquita, Vilar dos Teles, Lote XV, Queimados, St<sup>o</sup> Maria, mais o MNU (Movimento Negro Unificado) e IPCN (Instituto de Pesquisa da Cultura Negra).

Tivemos entre nós o escritor e lutador pela divulgação de luta e cultura do Negro em toda África e especialmente no Brasil, Abdias Nascimento, e um representante da República do Haiti, o Sr. Michel, Professor de Ciências Políticas da Universidade de Buffalo, EUA.

Framos 78 representantes da comunidade NEGRA. Só faltou você.

Todos nós estamos muito agradecidos a comunidade do Outeiro que, tratando do nosso almoço, muito contribuiu para o êxito do nosso encontro.

Você que recebeu o convite e não pude estar entre nós, está convidado a entrar em contato com a nossa coordenação para o próximo encontro no mês de outubro em Mesquita. Até lá. A Coordenação.

PARQUE ESPERANÇA.

Nossa escolinha já está funcionando com bastante frequência aos sábados das 8 horas às 10 horas e no domingo das 8 horas às 11 horas.

E nossa festinha do dia 09/08 deixou um saldo de R\$ 1.501,00.

Vai ter uma excursão no dia 28 de setembro para Conceição de Jacaraí. O preço das passagens é de R\$ 250,00.

Também nossa reunião da comunidade esta sendo duas vezes por mes.

Pedimos a colaboração de todos na nossa festinha e na nossa excursão e o mais.

Seja Bem Vindo.

!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!

GRUPO JOVEM - Vale do Ipê  
MOJAC

Está a cada dia mais se unindo a comunidade, mesmo com pequenos problemas, mas chegaremos lá. Por isso que nós estamos programando uma festa juntos.

Nesta festa teremos várias atrações, como principal, é um grande valor nos lembrarmos o sertão, por isso temos músicas sertanejo e tom muito mais. Vai lá. Fazemos um apelo aos jovens e adultos, vamos nos unir.

Fonte: Acervo Paroquial